Merchant meets spicy wolf.
支倉凍砂
Isuna Hasekura
狼と香辛料
VI
電撃文庫

Spice & Wolf

NOVEL JP

VOLUME

VI

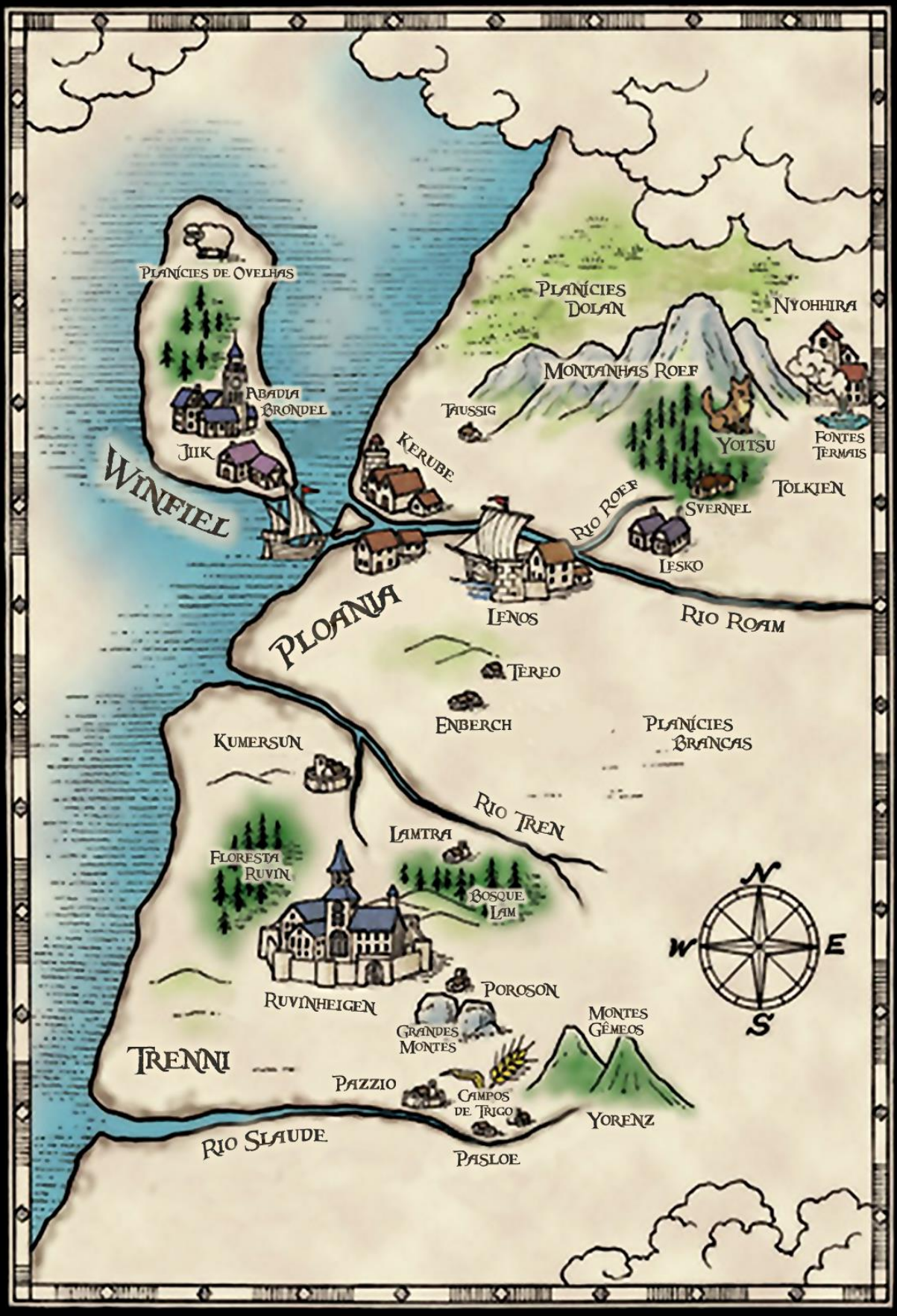
Isuna Hasekura

ILUSTRAÇÕES POR

Juu Ayakura

PUBLICADO
10.12.2007

Quando Holo e Lawrence começaram a etapa final da sua jornada, Larence decidiu acompanhá-la até sua antiga terra natal, nem que seja só para adiar um pouco mais a sua separação. Embarcando em um navio no porto de Lenos (para o desgosto da sábia loba, que não tem muito apego pela água!), o destino da dupla se entrelaça com o de um garoto chamado Col, cuja história e circunstâncias — combinada ao rumor dos marinheiros — leva a uma revelação chocante sobre a terra natal de Holo!


Planícies de Ovelhas
Abadia Brondel
Jiik
Winfiel
Kerube
Taussig
Planícies Dolan
Montanhas Roef
Nyohhira
Fontes Termais
Yoitsu
Tolkien
Svernel
Rio Roef
Lesko
Lenos
Rio Roam
Ploania
Tereo
Enberch
Planícies Brancas
Kumersun
Rio Tren
Lamtra
Floresta Ruvin
Bosque Lam
Ruvinheigen
Poroson
Grandes Montes
Montes Gêmeos
Trenni
Pazzio
Campos de Trigo
Yorenz
Rio Slaude
Pasloe
N
W
E
S

O GAROTO PISOU COM FORÇA E DISPAROU ATRAVÉS DAS DOCAS, IGNORANDO AS ORDENS DO GUARDA.

ELE ESTAVA INDO, CLARO, NA MESMA DIREÇÃO QUE SUA VOZ APONTAVA. PARA LAWRENCE.

“MESTRE! SOU EU! SOU EU!”

— TOTE COL, O GAROTO ANDARILHO

“Sinceramente...” disse Holo, olhando rapidamente ao redor antes de se abaixar sobre ele. Seus braços enrolados em volta do pescoço enquanto ela sentava levemente sobre ele...

“Se nossas posições estivessem invertidas, você certamente sentiria tanta raiva quanto eu. Estou errada?”

"Ha-ha-ha! Há uma rapidez felina nela – combina com ela, não acha?"
– Ibn Ragusa, o mestre do navio

Sumário

Prólogo 9
Capítulo I 24
Capítulo II 63
Capítulo III 94
Capítulo IV 127
Capítulo V 175
Epílogo 213
Posfácio 238
Extras 240

PRÓLOGO

Os passos de Holo eram longos e rápidos.

Ela andava como se pretendesse fazer buracos nas calçadas com os calcanhares, e embora Lawrence geralmente diminuísse o ritmo de caminhada para deixá-la acompanhar, a situação agora era contrária.

A cidade ainda estava caótica; o clamor das ondas de pessoas era violento quando eles atravessavam o porto. Lawrence foi puxado em direção à beira da água por Holo, tendo ela pegado sua mão e liderado o caminho.

De vista, poderia muito bem parecer que uma freira de bom coração estava puxando um mercador ambulante abatido, em um esforço para protegê-lo.

Mas, na realidade, não havia nada de bom no coração nela.

Afinal, há pouco tempo, ela dera um forte golpe no lado direito da cabeça, que já estava inchado.

"Venha, você não pode andar um pouco mais rápido?!"

Holo não demonstrava um pingo de bondade, puxando com força sua mão e o repreendendo duramente, mesmo se ele fosse só um pouco mais lento, a expressão dela era afiada, como se estivesse prestes a comer algumas tortas de framboesa com mel, mas as tivesse derrubado no chão.

Mas Lawrence não disse nada.

O fato da expressão dela não parecer acusá-lo dificultava o entendimento de suas ações.

Lawrence sabia muito bem que ela estava com raiva de si mesma.

Dito isto, aqui na cidade de Lenos, ele havia elaborado um esquema para vender peles com Eve, que colocou sua vida em risco e até o tinha machucado, apenas para então ter uma discussão confusa e difícil com Holo.

Descansar um pouco seria bom.

"Podemos andar um pouco mais devagar? Só por um tempinho."

Não era como se Lawrence tivesse perdido uma quantidade significativa de sangue, mas a briga anterior envolvendo facas e cutelos o deixou mais do que normalmente cansado. Seus pés pareciam chumbo e seus braços os de um manequim esculpido em madeira.

E, de qualquer forma, a pressa era inútil.

Lawrence tentou convencer Holo disso, mas ela o olhou com um olhar tão fumegante quanto óleo fervente.

"Andar? Você fala em andar? Então você foi me encontrar caminhando?"

A cidade de Lenos estava à beira do caos; ninguém se virou para olhar para Holo quando ela gritou.

"N-não! Eu corri. Eu corri!"

Holo olhou para a frente novamente sem se dar ao trabalho de pronunciar sua resposta — *então correr um pouco mais dificilmente o matará* — e continuou a andar a passos largos. Como ela ainda estava segurando sua mão com tanta força, ele não tinha escolha a não ser acompanhar.

Ele ainda se encontrava no mesmo estado de quando foi para a companhia Delink, os pressionando a desistir de Holo, a convencendo a não prosseguir com seu plano de terminar a jornada naquele momento, em vez de retomarem seus negócios juntos.

Os dedos esguios de Holo se entrelaçaram com os dele. Ela não estava exatamente segurando sua mão. Suas mãos estavam unidas.

E assim Lawrence não tinha escolha que não ser arrastado. Se Holo avançava, ele também ia. Se ele parasse, seus dedos seriam dolorosamente arrancados. A única solução era alcançá-la.

A marcha forçada os levou rapidamente à estalagem de Arold. "Fora do meu caminho!" Holo gritou para a multidão de comerciantes que haviam se reunido por lá para trocar informações sobre a revolta na cidade.

Apesar de estarem acostumados a serem tratados com gritos, os comerciantes deram lugar à postura ameaçadora de Holo.

Seus olhos a seguiram, observando Lawrence de perto enquanto ele a seguia.

Lawrence se sentiu um pouco oprimido, já antecipando as coisas que seriam ditas sobre ele quando voltasse para esta cidade para fazer negócios.

"Onde está o velho?" Holo exigiu.

Ao entrar na estalagem, em vez de encontrar Arold em seu lugar habitual, haviam dois homens que pareciam artesãos viajantes sentados em frente ao braseiro de carvão e bebendo vinho quente.

"Velho?"

"O velho barbudo! O mestre desta loja. Onde ele está?"

Contando a idade pela aparência, os dois artesãos pareciam ter três vezes a idade de Holo, mas estavam tão intimidados por sua atitude ameaçadora que se entreolharam apressadamente antes de um falar. “Er, ele apenas nos pediu para cuidar do lugar enquanto estivesse fora, mas não sabemos onde…”

“Rrrrrr,” rosnou Holo; foi o suficiente para fazer Lawrence se encolher, isso para não falar dos dois artesãos.

Seus caninos afiados podiam muito bem estar visíveis, e poucas coisas eram tão intimidadoras quanto uma mulher furiosa revelando suas presas.

Essa teria sido a resposta de Lawrence, ele pensou, se alguém dissesse alguma coisa para ele.

“Ele deve ter saído com aquela raposa… Talvez eles planejem nos fazer de tolos. Venha! Vamos lá!” gritou Holo, puxando novamente a mão de Lawrence e o levando mais para dentro da estalagem, subindo as escadas.

Os dois artesãos os observaram partir.

Sem dúvida, eles se entreolharam quando Holo e Lawrence desapareceram pelas escadas. A cena parecia divertidamente plausível na mente de Lawrence.

Para Arold, o mestre desta estalagem, fazer algo como deixar esses dois artesãos vigiando seu lugar enquanto ele estava fora, Lawrence só conseguia pensar em uma possibilidade: tinha que ser por causa de Eve, cujo plano para o comércio de peles era tão perigoso que nem mesmo Lawrence foi capaz de participar. Arold deve ter ido rio abaixo com ela. Enquanto o objetivo de Eve era a cidade portuária de Kerube, Arold provavelmente estava apontando sua peregrinação para o sul.

Arold nunca havia falado muito sobre si mesmo, então Lawrence não sabia exatamente o que poderia levá-lo a tal ação. Eve parecia bastante familiarizada com ele, então talvez houvesse algo em seu passado juntos que os levassem a um entendimento mútuo.

Da mesma maneira que se sente saudade de sua cidade natal, nenhum lugar é tão reconfortante quanto uma casa em que se acostumou a morar.

A estalagem se escureceu com os anos, e o sedimento do tempo se acumulou dentro de suas paredes, que antes continham o curtume onde Arold trabalhara como mestre.

Teria que ser algo realmente significativo para fazê-lo abandonar tudo isso e seguir para o sul em peregrinação.

Ele contaria com Eve para cuidar das despesas de viagem e servir de guia para a difícil jornada?

Assim como Holo viveu por muitos anos e experimentou várias situações, a vida de Arold não foi curta.

O que alguém valorizava e como conduzia seus julgamentos variava de pessoa para pessoa.

Pesar esse valor na balança do mundo e testar em que direção as balanças inclinavam era a própria vida — e foi assim que Lawrence se decidiu por ir atrás de Holo na Companhia Delink.

Tendo deixado Holo puxá-lo para dentro e para fora da sala, ele agora se afastava. Holo se virou para encará-lo.

“Gostaria de perguntar uma coisa,” ele disse.

Holo não esperava que Lawrence se afastasse, e quando ela olhou para ele, sua expressão era tão simples que era engraçada — sua ferocidade anterior havia desaparecido, revelando seus verdadeiros sentimentos.

Ela parecia ao mesmo tempo chateada e estranhamente resoluta. Em uma palavra, ela estava perdida.

Quanto ao que a deixava tão confusa, Lawrence podia arriscar um palpite.

“O que você planeja fazer a seguir?” ele perguntou.

Isso foi tudo. Assim que Lawrence fez sua pergunta, Holo, que também era chamada de loba sábia, recuperou a compostura. “Você quer saber o que devo fazer?”

Seu tom era tal que Lawrence não ficaria surpreso em ouvi-la dizer: *vou arrancar sua garganta por perguntar, é isso que farei*.

No entanto, Lawrence não se encolheu, erguendo a mão — que ainda segurava a de Holo — e esfregando um pontinho vermelho do canto da boca com os nós dos dedos.

Sem dúvida, era uma mancha de sangue seco do próprio rosto de Lawrence.

Sua expressão parecia zangada, mas mesmo à primeira vista, ficava claro que sua máscara estava escorregando.

Ela estava com raiva de si mesma.

Seus próprios sentimentos eram demais para ela aguentar.

“Mesmo se estivermos saindo da cidade,” disse Lawrence, “precisaremos de um plano de viagem.”

“V-você quer saber o plano de viagem?!” a expressão dela era complicada; parecia que Holo estava cada vez menos certa sobre exatamente por que ela estava gritando com Lawrence.

“Não seria bom sair da cidade com uma vaga noção.”

“Alguma… noção vaga? Você não deseja recuperar o lucro dessa megera?” de repente, o rosto de Holo chegou muito perto do de Lawrence quando o confrontou, mas, devido à diferença de altura, ela estava inevitavelmente olhando para cima.

Seria fácil pensar que ela estava se aproximando dele para um abraço, mas Lawrence tinha certeza de que se sugerisse isso, ele seria lançado pela janela.

“A megera — ah, você quer dizer Eve. E o lucro —”

“Temos que recuperá-lo! Ela te enganou e fugiu com as moedas! Nós devemos receber nossa parte!”

“Como o ouro de antes?” perguntou Lawrence, ao que Holo assentiu.

Depois de assentir, ela olhou para baixo, sem dúvida porque sua máscara de raiva estava escorregando e precisava ser substituída.

Pouco tempo atrás, Lawrence havia sido completamente e totalmente traído.

Mas desta vez as coisas não estavam tão claras.

É verdade que Eve atraiu Lawrence para uma armadilha, mas parte da culpa disso estava com Lawrence por não perceber isso antes.

Além disso, o fato de Holo estar bem ali na frente dele significava que seu acordo com Eve estava totalmente resolvido.

Na realidade, Lawrence havia desistido do plano suicida e perigoso de Eve.

Ela estava enfrentando a igreja da cidade, e Lawrence duvidava muito que a igreja escolhesse ignorar a ofensiva — embora, no momento, a igreja de Lenos certamente estivesse com as mãos cheias, tentando ganhar o controle de uma revolta mais violenta do que poderia ter previsto.

E Eve não seria a única a levar peles rio abaixo para conseguir seu próprio lucro. Um breve olhar para o porto tornava isso muito óbvio.

As coisas não haviam corrido como a igreja havia planejado, e ela não poderia fazer o que quisesse com Eve. A igreja estava sem dúvida pensando em deixá-la em paz para lidar com o caso em Lenos.

Assim, era difícil imaginar que tentaria capturar seu cúmplice no comércio de peles — ou seja, Lawrence.

Tudo isso significava que a aposta de Eve tinha valido a pena. Ela ganhou.

Lawrence agora se perguntava se tinha o direito de reivindicar uma parte do lucro.

Ele retirou seu apoio e recuperou Holo. Não fazia sentido para ele ir exigir um corte no ganho.

A sempre sábia Holo também deveria ter percebido isso há muito tempo, mas ainda falava em recuperar sua parte.

Além disso, Holo estava com raiva de si mesma — com raiva do seu próprio egoísmo.

De onde vinha esse egoísmo? Lawrence se perguntou. A resposta era óbvia e deixou Lawrence muito feliz.

"Eu quero dizer, você não está frustrado? Ela se afastou de nós!" Holo disse rapidamente para mudar de assunto, sabendo muito bem que, se pressionada, ficaria sem palavras.

Lawrence virou a cabeça e assentiu.

Ele fez o possível para parecer que estava cedendo à insistência de Holo.

"Isso é verdade. Mas em termos de problemas práticos que enfrentamos, há um significativo."

"…O que você quer dizer?"

Ele não conseguia expressar seus verdadeiros pensamentos, mas inventar uma camada de mentiras sobre a negociação também não ajudaria nenhum deles a confiar um no outro.

Ambos eram teimosos, então isso teria que ser suficiente: "Eva certamente construiu seu plano com cuidado. O mero acaso nunca a deixaria encontrar um navio tão rapidamente. Ela deve ter feito os arranjos com antecedência. Dado isso, duvido muito que possamos partir imediatamente atrás dela. Mesmo se quiséssemos segui-la a cavalo, os estábulos devem estar tão caóticos quanto o resto da cidade."

"E o seu cavalo?"

"Ele? Claro, ele é forte, mas não há como dizer o que aconteceria se o fizéssemos correr por uma longa distância. Cavalos criados para serem velozes não são nada parecidos com cavalos de tração," disse

Lawrence. Holo olhou para baixo, evidentemente imersa em pensamentos.

Lawrence, é claro, não apontou o óbvio — como Holo sugerira na Companhia Delink, se ela assumisse a forma de lobo, eles poderiam viajar mais rápido do que qualquer outra coisa.

"Além do mais, Eve falou como se ela já tivesse arranjado um comprador rio abaixo em Kerube. Eve estava discutindo planos já supondo que a igreja a iria perseguir, então, sem dúvida, ela já tem um plano de fuga preparado."

Nada disso era exagero.

Caminhos de fuga plausíveis poderiam envolver rotas transoceânicas e rotas terrestres. Se ela fugisse pelo mar e não pela terra, não haveria como pegá-la.

Dependendo do destino e do clima favorável, as viagens marítimas podem ser até cinco vezes mais rápidas que as terrestres.

Seria difícil pegá-la, mesmo para Holo.

"T-talvez seja assim, mas ainda não posso aceitar. Eu não ficarei satisfeita a menos que a persigamos," insistiu Holo, apesar de seu entusiasmo ter diminuído.

Mesmo que metade da fixação de Holo em seguir Eve fosse baseada em um rancor que ela carregava, a outra metade certamente não era.

E era por isso que ela estava tão brava consigo mesma.

Holo disse que queria terminar suas viagens com Lawrence.

Seu raciocínio era que eles se davam muito bem, que ela tinha medo da alegria que eles compartilhavam com o tempo e se esfarelando.

Em oposição, Lawrence admitiu que entendia que seria impossível que as viagens continuassem para sempre, mas insistiu que, quando

seguissem caminhos separados, deveriam haver sorrisos em seus rostos.

Naturalmente, sempre havia a tentação de continuar prolongando suas viagens, mesmo sabendo que isso não acabaria em nada no final — assim como Lawrence às vezes bebia demais, apesar de saber que se arrependeria na manhã seguinte. E, nesse caso, ele se viu incapaz de negar a possibilidade de que os medos de Holo se tornassem realidade.

Mas, pelo menos, ele queria ir com Holo até a terra natal dela — por isso ele voltou à Companhia Delink para buscá-la.

E agora, mesmo tendo dito tudo isso, apesar do que desejavam, havia uma coisa óbvia que permanecia não dita entre eles.

Era um desvio que prolongaria o seu tempo juntos. "Eu entendo por que você não estaria satisfeita com isso…"

"Estou certa, não estou?" O rosto de Holo estava ao mesmo tempo irritado e satisfeito.

Lawrence estava impressionado por ver tal expressão ser desperdiçada.

"E é verdade que até agora esta é uma perda líquida…"

Quando Eve decidiu que ela tinha que terminar seu contrato com Lawrence, ela havia deixado para trás os papéis da estalagem em que ele e Holo estavam agora. Quando Lawrence usou Holo como garantia para pedir dinheiro emprestado, o valor emprestado era quase equivalente ao valor da pousada.

Mas ainda faltavam algumas moedas.

O objetivo original da Companhia Delink era fortalecer o relacionamento com a nobre Eve e, tendo conseguido isso, Lawrence duvidava que eles discutissem sobre pequenas diferenças — e ele estava certo.

No entanto, quando esta dívida seria cobrada — onde e como? Isso tornava os negócios assustadores.

Mesmo que demorasse algum tempo, Lawrence queria pagar o que restava da dívida.

O que significava que agora ele estava no vermelho.

É claro que a dívida não estava fora do âmbito do que poderia ser perdoado, e quando Holo ouviu isso, ela se animou, concordando profundamente. “Sim. E ela arrancou seu sangue, não se esqueça disso! Vou fazê-la entender que quando alguém prejudica meu companheiro, ela me prejudica!”

Foi com muito esforço que Lawrence se conteve de perguntar quem o atingira com força em um ataque emocionado pouco tempo atrás.

“Então é uma perseguição, certo?”

“Sim. Minha primeira caçada em algum tempo,” Holo disse com um sorriso.

O sorriso dela carecia do habitual lado sombrio, talvez porque os dois estavam tentando ao máximo suavizar as coisas para que pudessem estender suas viagens com um desvio.

Após o caso na vila de trigo Tereo, Holo e Lawrence confessaram desejar que sua jornada continuasse.

Agora que ele pensava nisso, era um desejo bastante ingênuo — mas tudo isso estava no passado agora.

O coração das pessoas muda.

A única coisa que não mudava foi a resposta desonesta que ele compartilhava com Holo.

“Mas não se esqueça —” começou Lawrence, quando Holo olhou para ele, sua expressão estava séria. “— sou um mercador. Tenho meu orgulho e minha honra, mas não sou um cavaleiro que ganha dinheiro apenas para ganhar fama. Se parecer que isso só vai piorar minhas perdas, não a perseguiremos mais. Você entende?”

Se ele iria alongar suas viagens com Holo, Lawrence ficaria fora dos negócios até o verão do próximo ano, mas se ele levasse mais tempo do que isso, os problemas começariam a aparecer. Os negócios eram conduzidos em benefício mútuo entre as partes; portanto, se Lawrence fosse o único a estar pronto para negociar, não conseguiria resultados.

Claro, seria uma história diferente se Holo dissesse que ela queria viajar com ele para sempre.

"Vou ceder porque é você," disse Holo. "Desde que você esteja satisfeito… tudo bem. Não tem o que fazer."

Suas palavras foram estranhas, mas Lawrence assentiu. "Eu agradeço," disse ele em retribuição a uma Holo estranhamente atenciosa.

As orelhas de Holo se agitaram sob o capuz, por causa da ridícula conversa ou pela felicidade de ter travado uma boa luta para prolongar suas viagens um pouco mais.

Na verdade, provavelmente eram ambos.

"Bem, então, como vamos fazer essa perseguição?" Disse Lawrence.

"Como? Não vamos de carroça?" perguntou Holo.

Lawrence coçou a ponta do nariz quando ele respondeu. "Vai demorar talvez uns cinco dias de carroça. Você acha que pode suportar isso?"

Quando eles finalmente chegaram a esta cidade, Holo estava tão cansada de viajar que deixava sua companha desagradável.

Embarcar novamente em uma jornada longa e fria seria exaustivo, e o próprio Lawrence não achava a perspectiva atraente.

Sem surpresa, o rosto de Holo escureceu imediatamente. "Ugh… cinco dias na carroça…"

"Há aldeias dispersas aqui e ali — e pousadas também, mas estão longe de serem luxuosas."

As igrejas seriam os lugares mais atraentes para se hospedar em uma viagem como essa, mas infelizmente essa era uma região em que as igrejas eram difíceis de encontrar.

As únicas opções seriam escassas pousadas ou casas e lojas que usavam hóspedes como uma segunda fonte de lucro.

Lawrence não gostava da perspectiva de dormir em uma estalagem empoeirada e suja ao lado de um homem que poderia muito bem ser um bandido ou mercenário.

"B-bem, se é assim, então que tal o rio?"

"O rio?"

"Sim. Se aquela raposa escapou pelo rio, devemos segui-la. É o curso mais óbvio."

Isso significava pegar um navio. Lawrence inclinou a cabeça quando se lembrou do estado das docas quando Holo o arrastou por elas.

Seria possível para um casal de viajantes embarcar facilmente em um navio descendo o rio?

"Bem, isso se tiver um navio disponível," começou Lawrence com honestidade, mas Holo acenou com a mão (que ainda segurava a de Lawrence) com impaciência.

"Nada de 'se'! Nós vamos encontrar um!"

Lawrence olhou para Holo como se dissesse: "Não seja irracional," mas seus olhos brilhavam estranhamente.

Ele tinha um mau pressentimento sobre isso.

Lawrence tentou escapar.

Mas Holo apenas o encurralou novamente. "Ou o meu plano é… problemático demais?"

Desta vez, ela realmente estava olhando para ele implorando.

"Se for um incômodo apenas diga. É por sua causa que desejo caçar essa garota, mas… eu sei que de vez em quando, eu sou um pouco imprudente. Vamos," disse Holo, pegando a mão de Lawrence e apertando-a contra o peito.

Ele estava feliz por ela voltar ao seu estado habitual, mas isso a tornava ainda mais formidável.

Afinal, ela havia adquirido uma nova arma.

"Eu estava tão feliz, entende," disse Holo, seu tom suave e seus olhos agora sombrios.

Ai! pensou Lawrence consigo mesmo enquanto olhava para o seu olhar aterrorizante.

"Eu estava tão feliz, sim — feliz que você disse que me amava. Então por favor…"

"Tudo bem, tudo bem! Vamos encontrar um barco e descer rio abaixo! Isso é o suficiente?"

Holo exibia uma expressão de surpresa exagerada, depois sorriu amplamente.

Ela levou a mão do peito aos lábios, como se quisesse beijá-lo, mas seus dentes afiados brilharam por trás deles.

Era seguro dizer que Lawrence havia perdido essa disputa.

Não era exagero chamar isso de estratégia inevitavelmente desesperada, mas sempre havia uma recompensa para aqueles dispostos a colocar uma estratégia tão desesperada em ação.

E assim foi.

Ele falou com Holo sem rodeios.

Era precisamente por ele ter sido tão honesto que agora era impossível se opor a ela.

Era como se ele a tivesse entregado um contrato completamente incerto, selado em sangue.

Com isso em mãos, enquanto ela sorria, tudo o que precisava fazer era fingir usá-lo para derrotá-lo, e Lawrence só podia recuar.

Afinal, o que estava escrito nesse contrato era a verdade.

"Bem, então, devemos nos apressar e arrumar nossas coisas?" Holo perguntou, abaixando a mão.

"…O quê?" Lawrence perguntou de volta.

"Nós vamos começar uma viagem de navio," respondeu Holo, com o rosto sério. "Você não deseja comer pão de trigo primeiro?"

Lawrence rejeitou categoricamente a ideia.

Holo protestou violentamente, mas Lawrence não se comoveu.

Ela poderia ter um controle sobre as rédeas dele, mas as cordas da bolsa ainda eram suas. "Não acabei de explicar que tivemos um prejuízo?"

"Mais uma razão, então! Se já estamos no vermelho, então não faz diferença!"

"Que tipo de raciocínio é esse?!" disse Lawrence.

Os lábios de Holo se curvaram enquanto ela zombava. "Eu pensei que você me amava."

Mesmo a arma mais forte, se usada em excesso, poderia ser cancelada.

"Sim, é verdade. Mas também amo o dinheiro," respondeu Lawrence, sério.

Imediatamente a expressão de Holo desabou e ela pisou no pé de Lawrence com toda a força.

CAPÍTULO I

"Alto lá, seu tolo! Puxe essa proa! Estou carregando prata da Imidra!"

"O que é isso? Nós estávamos aqui primeiro! Você puxe sua proa!"

Gritos de raiva ecoavam constantemente pela água enquanto cascos colidiam e enviavam borrifos de água para o ar.

O porto de Lenos zumbia como uma colmeia furiosa. Lawrence ouviu um grito que poderia ter sido um grito de guerra ou um uivo da morte, seguido pelo som de algo espirrando na água.

A superfície normalmente calma da água estava constantemente perturbada por ondas.

E no meio dos gritos furiosos de cavalos e homens, os navios lutavam para deixar o um atrás do outro, sem dúvida cada um deles

carregado de peles. Qualquer barco que normalmente pudesse levar um único remador estava sendo alugado como um expresso especial.

Porém, era fácil entender — em qualquer negócio, os maiores lucros sempre eram alcançados pelos primeiros a chegar.

Mas Lawrence observava essa luta com olhos frios.

O primeiro a chegar seria uma certa nobre caída carregando peles no valor de milhares moedas de prata.

"Venha, não fique parado olhando — precisamos encontrar um navio!"

"Suponho que seja um pouco tarde para perguntar, mas você ficará bem a bordo de um navio?"

Dada a situação, seria necessário um pouco de sorte para encontrar uma embarcação que estivesse disposta a levar alguns passageiros casuais. A fila de navios esperando para sair do porto era como uma trilha de formigas.

"Foi você quem disse que a carroça levaria muito tempo."

"Bem, sim, mas…"

Lawrence não conseguia ver nada, mas vozes altas pareciam vir do local onde o porto dava para o rio.

Parecia provável que aqueles que queriam parar o fluxo de peles saindo da cidade tentassem fechar o porto.

"…"

"O quê?" Lawrence perguntou.

"Você não está com pressa para embarcar."

"Não, não é isso."

Até uma criança saberia que estava mentindo. Holo levantou uma sobrancelha quando ela olhou para ele. "Bem, então vamos encontrar um navio."

Como rapidamente se tornou evidente que seria difícil encontrar uma embarcação que pudesse levar um cavalo rio abaixo, Lawrence deixara o cavalo em um estábulo vago cujos animais haviam sido alugados. A carroça ele alugou para alguém nas docas através de uma conexão do dono do estábulo.

Gostando ou não, eles não estariam mais viajando de carroça. E como a cidade portuária de Kerube estaria cheia de mercadores que passariam o inverno lá, ele poderia muito bem fazer negócios.

Que seja, Lawrence murmurou interiormente. "Tudo bem, tudo bem. Eu vou encontrar um barco. Você vai pegar comida daquela barraca ali. Três dias devem ser suficientes. E vinho — quanto mais forte a melhor."

Ele entregou a Holo duas moedas de prata cintilantes da bolsa de moedas.

"E o pão de trigo?"

Holo conhecia bem o mercado e sabia que a quantia que recebera não compraria pão de trigo.

"O pão precisa de fermento para fazer crescer. Assim como o dinheiro para comprar esse pão."

"…"

Pão de trigo estava fora de questão após a conversa na estalagem.

Embora Holo aceitasse frustrada, a decepção dela não era muito profunda.

Ela logo olhou para cima novamente. "Por que o vinho forte?"

Evidentemente, ela sabia que Lawrence geralmente preferia vinho suave. Saber que ela estava se lembrando de seus gostos e desgostos, e não apenas nas lojas de alfaiates e sapateiros, o deixava feliz.

Sua resposta, porém, foi breve; ele não deixou seu prazer transparecer. "Você entenderá em breve."

Holo olhou para ele inexpressivamente por um momento, depois pareceu satisfeita quando bateu no braço dele. Certamente ela havia entendido errado. “Eu vou pressioná-los para ter certeza que ficarei com os de qualidade, certo?”

“Não precisamos de um grande volume.”

“Sim. Vamos nos encontrar em algum lugar por aí?”

“Sim… ai —!” Lawrence assentiu, mas o movimento fez com que o inchaço onde Eve o golpeara de repente palpitasse de dor.

Ele estava pensando se deveria tomar um remédio ou pomada misturada quando notou a expressão de Holo e pensou melhor.

Ela estava preocupada com ele — talvez fosse melhor assim.

“…Seus pensamentos são bastante óbvios,” disse Holo.

“Quando criança, me ensinaram que a honestidade é uma virtude.”

“E você realmente acredita?” Holo deu um sorriso brilhante e inocente inclinando a cabeça.

“Suponho que meu mestre também me ensinou que honestidade é uma tolice.”

Holo riu e brincou, “Tanto que eu não posso deixar de tirar sarro de você.” Ela se virou com a graça de uma dançarina, depois caminhou multidão adentro.

Lawrence se abaixou e suspirou, coçando a cabeça.

Um sorriso surgiu em seus lábios; essas trocas o deixavam alegre, era verdade.

E mesmo assim, ele pensou, *será que nunca sairei ganhando?*

Ele estava confiante de que poderia pelo menos recuperar o negócio que lhe havia escapado, mas ainda parecia um trabalho complicado.

Eu amo você.

Fazia pouco tempo, mas o momento em que ele enfrentou Holo e pronunciou essas palavras pareciam estar em um passado distante. Pensando bem, Lawrence foi atormentado por algum sentimento desconhecido.

A estranha emoção fez seu rosto se contorcer e sua respiração ofegante.

E, no entanto — não era um sentimento ruim.

A coisa tinha uma sensação definitiva de calma, de paz.

Era só um pouquinho — não, era um tanto — embaraçoso; o pouco de raiva que ele sentiu provavelmente vinha de ter perdido a disputa.

"A disputa?" ele se perguntou com um sorriso de escárnio, olhando na direção em que Holo tinha desaparecido.

Ele deu de ombros e suspirou, depois caminhou na direção do píer.

Lawrence logo encontrou um navio, o que era possivelmente uma sorte e certamente inesperado.

Embora o porto estivesse lotado de pessoas desesperadas para despachar uma embarcação, quando Lawrence se acalmou e olhou mais de perto, viu que havia muitos navios carregando cargas de acordo com a rotina habitual e, quando chamou por um, recebeu uma resposta imediata. Como todos os navios estavam tão ocupados, Lawrence esperava que as tarifas fossem exorbitantes, mas na verdade eram bastante razoáveis.

Lawrence fingiu não notar a tensão desaparecer do rosto do capitão quando mencionou uma companheira mulher.

Ele entendeu por que Eve se esforçava tanto para esconder o rosto e o sexo ao fazer negócios.

“Ainda assim, que negócio você poderia ter em Kerube? Nenhum barco respeitável irá dirigido para lá nesta temporada.”

O capitão tinha o estranho nome de Ibn Ragusa e explicou que era de uma vila pobre e fria no extremo norte da costa oeste.

Pela reputação, as pessoas do extremo norte eram magras e da cor da neve, taciturnas e com desejo nos olhos, mas Ragusa era redondo e amigável com uma tez mais vermelha do que um bronzeado.

“Ah sim, mas isso tem a ver com o comércio de peles.”

“Oh?” Ragusa olhou Lawrence de cima a baixo com ceticismo, coçando a cabeça, o pescoço imperceptível entre os ombros musculosos. “Você não parece ter carga.”

“Meu antigo parceiro de negócios fugiu ela.” Lawrence apontou para a parte ainda inchada do rosto. Ragusa riu com gosto, seu rosto parecendo um baiacu.

Ele deu um tapa no ombro de Lawrence, como se dissesse que essas coisas aconteciam, e perguntou, “Então, onde está essa sua companheira?”

“Ah, ela está comprando suprimentos —,” começou Lawrence, se virando na direção da fila de vendedores — mas depois sentiu uma presença ao seu lado.

Lá estava Holo, parada como se estivesse lá há anos.

“— E aqui está ela.”

“Oh ho! Que bela carga!” Ragusa bateu palmas, tão alto que os ombros de Holo se encolheram.

Os marinheiros, em regra, eram um grupo barulhento.

Muito barulhentos, principalmente para Holo, cuja audição era tão aguda que podia ouvir o som de alguém franzindo a testa.

“A propósito, qual é o nome dela?”

Talvez pensando que fossem um casal, Ragusa perguntou a Lawrence, em vez de perguntar diretamente a Holo.

De qualquer forma, ele não era nada parecido com o cambista que tentara seduzir Holo imediatamente ao conhecê-la.

Uma bolsa carregando pão ou algo semelhante pendia do ombro de Holo e, debaixo de um braço, ela carregava um pequeno barril. Parecendo dos pés à cabeça com freira aprendiz retornando de uma missão, ela olhou para Lawrence.

O fato de ela estar mantendo as aparências na frente de outras pessoas era uma das razões, pensou Lawrence, que mesmo que ela o provocasse, ele seria incapaz de ficar bravo com ela.

"É Holo."

"Ho! Um bom nome! Prazer em conhecê-lo. Sou Ragusa, mestre do rio Roam!"

Qualquer homem estaria ansioso para se vangloriar diante de uma donzela tão graciosa.

Ragusa falou como se fosse a coisa mais óbvia do mundo uma garota viajar com Lawrence, e ele estendeu sua mão carnuda e calejada em cumprimento. "Mas isso significa que teremos a certeza de fazer a passagem rio abaixo com segurança!"

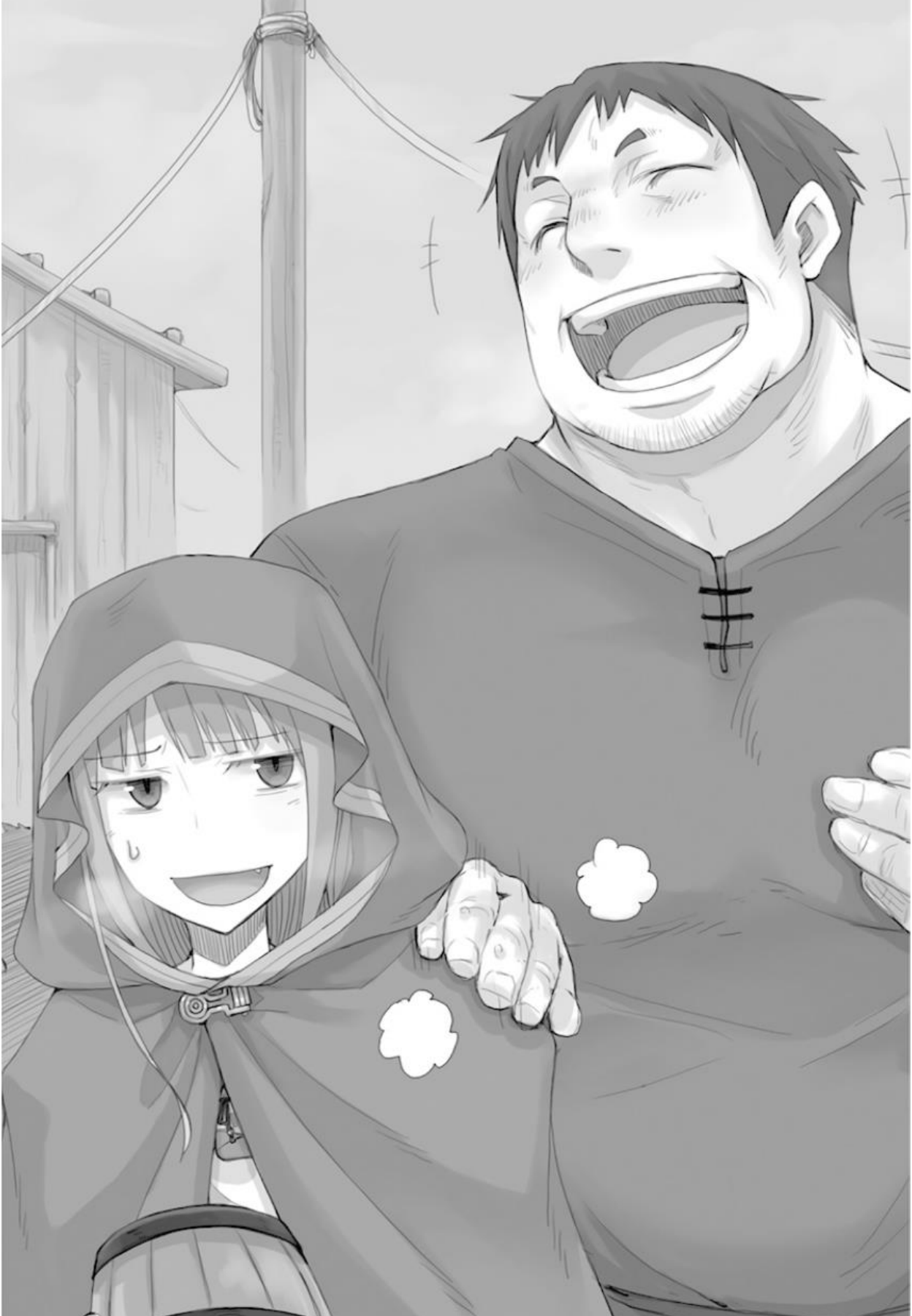
"Que significa…?"

Ragusa sorriu e deu uma gargalhada, batendo nos finos ombros de Holo. "O mercado declara que uma bela donzela bonita se encaixa perfeitamente na proa orando pela sua segurança do navio!"

Era verdade que as proas dos navios mercantis de longa distância geralmente eram decorados com esculturas de uma figura feminina.

Às vezes eles representavam uma deusa pagã; outras vezes, eram de uma mulher santa da história da Igreja. (Lawrence tinha a sensação de que sempre era uma mulher que vigiava um navio, e os navios também recebiam nomes femininos.)

Mesmo assim, ele sentiu que isso estava um pouco além da capacidade de Holo — ela era uma loba, mais adequada para ouvir orações de viagens terrestres do que de viagens pela água.



A imagem de Holo remando através da água veio à mente; Lawrence não pôde deixar de sorrir um pouco consigo mesmo.

"Então vocês estão prontos? Não estamos planejando mover as peles, mas temos uma carga que precisa de pressa," disse Ragusa.

"Ah, er, sim. Você conseguiu comprar comida?" perguntou Lawrence a Holo, que assentiu.

Levando em conta que ela era uma loba, Holo era muito boa em interpretar a inocente cordeirinha.

"Então vá em frente e sente-se em qualquer lugar que seja vago. Você pagará quando chegarmos lá."

O costume de pagar na chegada só era viável para embarcações de água — estar cercado por água dificultava viajar sem pagar.

"Apenas finja que você está a bordo de um grande navio," finalizou Ragusa com uma grande risada, um marinheiro por completo.

Entre os barcos que navegavam no rio, transportando carga para cima e para baixo, o de Ragusa era um pouco pequeno.

Não tinha velas e o fundo era plano — mas, apesar disso, o barco era bastante estreito e comprido. Se fosse mais estreito, seria fácil para um capitão inexperiente emborcá-lo acidentalmente.

Bem no meio do barco havia uma pilha de sacos de estopa na altura da cintura, cada um dos quais era grande o suficiente para caber Holo dentro. Pela boca transbordante dos sacos, Lawrence percebeu que estavam cheios de trigo e legumes.

Diretamente à popa daquela pilha haviam várias caixas de madeira.

Como Lawrence não podia abri-los e espiar por dentro, ele não podia dizer com certeza qual era o conteúdo deles, mas, considerando os selos ou brasões que estavam marcados nos caixotes — que eram do mesmo tamanho — ele supôs que eram relativamente valiosos.

Certamente era essa a carga que precisava de pressa. Como qualquer comerciante, Lawrence ficou curioso sobre o que elas continham.

Se os caixotes tivessem sido trazidos de um rio mais distante, eles poderiam conter minério de uma mina de prata ou cobre ou talvez moedas de pequeno valor cunhadas perto de uma mina de ferro e destinadas à exportação. Estanho ou ferro não teriam sido tão cuidadosamente encaixotados, e seria estranho para gemas serem transportadas sem um único guarda.

Devido ao baixo nível do rio, a quantidade de carga a bordo do navio era bastante pequena em relação à sua capacidade.

Havia pouca chuva durante esta temporada e, graças à forte nevasca nas montanhas, as cabeceiras do rio estavam congeladas. Isso fez com que o nível da água caísse, o que tornava fácil para um barco muito carregado encalhar. Assim como as rodas de uma carroça podiam ser facilmente presas em uma estrada lamacenta em um dia chuvoso, um barco encalhado era algo que acontecia. No pior dos casos, a carga teria que ser lançada ao mar e, o pior de tudo, era uma obstrução a outro tráfego marítimo, o que poderia prejudicar a reputação do comandante responsável.

Foi dito que o melhor daqueles que passaram suas vidas navegando pelo rio poderiam guiar o leme com os olhos fechados, não importa o estado do rio.

Então, o que dizer de Ragusa?

Lawrence pensou sobre isso quando se sentou em um espaço aberto perto da proa do barco, pousando os cobertores e suprimentos que carregava.

A superfície da água no porto tremia bêbada e o balanço do barco era leve, mas constante. Lawrence não sentia a sensação há algum tempo, e isso o deixou nostálgico; ele sorriu tristemente. Na primeira vez em que andou de barco, teve tanto medo que se agitou e se agarrou à beira do navio.

Agora parecia que ele não tinha ficado excepcionalmente nervoso.

Ele teve que sorrir quando viu Holo se inclinar com muito cuidado ao seu lado para se sentar. Colocou o barril de vinho debaixo do braço, tirou do ombro a bolsa de comida com um cheiro delicioso e finalmente notou o olhar de Lawrence. Ela olhou de volta para ele.

"O que há de tão engraçado?" Ela perguntou. Sua voz baixa não era uma atuação.

"Eu estava pensando que costumava ficar tão nervoso quanto você."

"Mmph… eu particularmente não tenho medo da água, mas é uma coisa inquietante quando o barco balança."

Era estranho para ela admitir tão prontamente estar com medo. Ela torceu o lábio, irritada com a surpresa óbvia dele. "É porque confio em você que admito fraqueza."

"Posso ver seus dentes por trás desse sorriso de escárnio."

Depois que Lawrence apontou, Holo rapidamente reprimiu seu desdém, depois sorriu desagradável. Certamente era verdade que ela estava assustada, mas admitir esse medo era pura estratégia.

Lawrence não sabia se ela estava realmente sendo amigável ou não.

No instante seguinte, Holo se endireitou de repente. "Isso não serve. Não posso começar a me dar bem com você agora," disse ela, virando a cabeça tristemente. Ela havia dito antes que não importa quão agradável fosse seu tempo com Lawrence era, ela estava com medo de, eventualmente, se cansar dele. Lawrence sentiu um choque, como se tivesse tocado algo muito quente.

Ele logo se corrigiu — Holo não estava tão séria neste momento.

Mesmo sem se preocupar em perguntar, ele sabia o que tinham que evitar. Saber que haveriam armadilhas à frente, mas não saber exatamente onde, tornava difícil o caminhar, mas se alguém soubesse onde ficava a beira do penhasco, era fácil contorna-lo.

Se arriscar a falar sobre isso não era motivo para Holo se repreender, nem era motivo para Lawrence ficar de guarda.

Na verdade, era o contrário.

Eles terminariam suas viagens com um sorriso. Tendo prometido isso um ao outro, não havia nada a temer.

Lawrence se acalmou e respondeu: "Isso soa como uma fala de uma peça de teatro."

Ele não disse o resto do que estava pensando, que parecia uma fala de uma peça teatral sobre amor proibido.

Em resposta, Holo — talvez irritada com o fracasso de Lawrence em ser perturbado — olhou rapidamente para ele. "Você não poderia continuar com a piada?"

"Não quando seu rosto for tão malicioso."

A revirada de olhos de Holo deram a seu rosto um tom desolado, mas então ela riu e estalou a língua.

Lawrence sorriu, sem palavras — a expressão dessa loba podia mudar muito rapidamente.

No instante seguinte, Ragusa desceu correndo o píer, seus passos ressoando alto enquanto gritava com sua voz especialmente estrondosa, "Bem, então vamos embora!"

Ele rapidamente desamarrou o barco do toco e jogou a corda a bordo, seguindo-a com um salto, como um garoto pulando em um rio — nada demais. Ragusa dificilmente poderia ser chamada de magro, mesmo suavizando, o barco pesou sob a carga repentina, pendendo tanto para um lado que parecia que poderia capotar.

Até Lawrence ficou alarmado — para não falar de Holo, cujo corpo ficou rígido enquanto seu rosto ficou sério.

As mãos dela agarraram as roupas de Lawrence com força, e isso certamente não uma era brincadeira.

“Assista ao melhor manuseio de barcos em três reinos!” Disse Ragusa poderosamente, empurrando uma longa viga na água e se apoiando nela, seu rosto corado ficando ainda mais vermelho.

A princípio, o barco parecia não responder ao grito de Ragusa, mas logo sua popa se afastou lentamente do cais. Ragusa levantou levemente a viga e, ajustando sua direção, a abaixou novamente.

O barco, carregado com bens suficientes para quatro cavalos transportarem, se movia sob o poder de um homem.

Os marinheiros eram famosos por se gabar, mas Lawrence sentiu como se agora entendesse de onde isso vinha.

Afinal, Ragusa estava movendo o barco inteiro sozinho.

Depois de se afastar do ancoradouro do barco, Ragusa agora conduzia a embarcação ao longo da rota que levava ao rio.

Apesar do constante fluxo de tráfego na água, eles não colidiram com um único outro navio enquanto deslizavam facilmente sobre a água ondulante.

Ragusa parecia conhecer a maioria dos navios pelos quais passavam e cumprimentava amistosamente a maioria — embora ele ocasionalmente trocasse gritos de raiva e erguesse a viga com alguns.

Eles gradualmente ganharam velocidade, com a qual a longa embarcação ficou mais estável, e logo se aproximaram da saída do porto para o rio.

Na torre de madeira, que servia como um posto de controle na borda do porto, estava um grupo de homens que tentavam parar o fluxo de peles, e após forçarem seu caminho por entre a guarda da cidade, atiravam maldições para os barcos que conseguiam romper essa última linha de defesa.

As adversidades da fortuna eram sempre assim.

Homens vestindo cota de malha e elmos de ferro chegaram à entrada da torre. Provavelmente eram mercenários e cavaleiros que haviam sido especialmente contratados para a ocasião.

O barco que transportava Lawrence e Holo contornou a torre e, ao entrar no rio propriamente dito, um homem gritando maldições do alto da torre foi contido pelos mercenários.

Lawrence não se sentia especialmente comovido, mas, ao mesmo tempo, esperava que não houvesse fatalidades.

Enquanto observava, as coisas que lhe aconteceram na cidade vieram à tona vagamente em sua memória.

Assim como os homens na torre estavam com problemas reais, o próprio Lawrence acabara de enfrentar seus próprios problemas.

Ele ficou chocado com a sugestão de Holo de que terminassem suas viagens juntos e chocado novamente com o raciocínio dela.

No final, o sentimento havia perfurado o egoísmo de Lawrence, mas ele decidiu que era isso que Holo queria.

Pensando na cena, ele queria mostrar para Holo — que estava longe de se sentir confortável no barco desconhecido — um pouco de bondade.

Mas essa gentileza sempre era em vão.

Em algum lugar ao longo da linha, Holo parecia ter se recuperado e, embora ela ainda se agarrasse às roupas de Lawrence, agora olhava atentamente para além da proa da embarcação e para o rio.

Seu perfil era indiscutivelmente destemido.

"Hmm?" Ela pareceu notar o olhar de Lawrence e o olhou interrogativamente.

Ela sempre soube exatamente como se parecia para os outros. Lawrence se virou cansado para o outro lado, olhando a cidade de Lenos enquanto a deixavam para trás.

Ele ouviu uma risadinha.

"Sua gentileza é tão assustadora," disse Holo, rindo, soltando as roupas de Lawrence.

Ela abaixou a cabeça, a respiração de Holo escapou de sua boca e deixo um rastro enquanto se moviam.

Ainda estava frio no rio. Ela não poderia revelar sua cauda.

Lawrence respondeu devagar, “Da minha parte, tenho medo do seu sorriso.”

“Tolo.” O sorriso de Holo brilhou por debaixo do capuz.

Como fluia suavemente pela cidade de Lenos, de leste a oeste através das pastagens, o rio Roam era um rio perfeitamente normal.

Na primavera e no início do verão, quando o nível da água era mais alto, dizem que as remessas de madeira que flutuavam rio abaixo eram uma visão incrível, parecendo uma grande serpente d'água, mas, no momento, tudo o que podiam ver a frente e atrás era a fila de barcos.

Também haviam ovelhas bebendo no rio e viajantes andando ao lado dele e as nuvens flutuando suavemente acima.

Se Holo era atiçada pela curiosidade, também era rápida para perder o interesse. Ela descansou o queixo na borda do casco do navio, seu rosto era uma máscara de tédio compreensível, ocasionalmente tocando as pontas dos dedos na água e suspirando.

“Não há nada para fazer,” ela murmurou, quando Lawrence, cochilando, se enrolou no mesmo cobertor que estava, ela acordou, bocejou e se espreguiçou.

“Mmph. Estou feliz por não ter que segurar as rédeas.”

Era bom não ter que se concentrar em evitar os incontáveis buracos na estrada e não havia necessidade de procurar constantemente os falcões que pudessem pôr os olhos em sua carga.

Acima de tudo, não havia necessidade de esfregar os olhos constantemente para ficar acordado, mesmo exausto, ouvindo a companheira roncar enquanto ele ficava mais irritado a cada momento.

Era o suficiente para fazê-lo querer viajar de barco o tempo todo, mas Holo parecia já estar entediada demais para aguentar. Ela retirou a mão que perturbara a superfície vítrea da água e jogou gotículas na direção de Lawrence.

A água do inverno estava muito fria.

Lawrence fez uma careta, Holo se virou e se encostou na lateral do barco, retirando a cauda, que cobria os pés dele, e a puxando de volta para as mãos dela.

Enquanto Ragusa cochilava do outro lado da carga, não havia motivo para preocupação.

"Por que você não tenta contar ovelhas? Tenho certeza que você iria dormir mais cedo ou mais tarde."

"Eu estava contando até um momento atrás. Desisti por volta de setenta e dois. Holo passou as mãos rapidamente pela cauda, penteando a sujeira e os pelos emaranhados.

A cada penteada, criaturas semelhantes a pulgas saíam de seu pelo, mas mesmo que estivesse preocupada com, não havia nada a ser feito.

Era o suficiente para fazer Lawrence acreditar na conversa de ser mantido acordado pelo som de pulgas e piolhos saltando durante noites quente de verão.

"De qualquer forma," continuou Holo, "contar ovelhas só vai me deixar com fome."

"Isso não serve. É melhor você parar."

Holo jogou uma pulga capturada em Lawrence.

Era um gesto sem sentido, pois estavam compartilhando o mesmo cobertor.

"Ainda assim," ela disse, colocando a cauda no rosto e enterrando-o no pelo grosso, colocando a cauda em ordem com a boca. "Depois que descemos o rio e capturarmos a raposa, o que faremos depois?"

Ela habilmente se penteava enquanto falava, mas quando ela terminou de falar e abriu a boca, ela estava coberta de pelo. Ela provavelmente precisava se preparar para a troca de pelo quando a primavera chegasse.

O pensamento ocorreu a Lawrence quando estendeu a mão para remover um pouco do pelo que estava grudado na boca de Holo, apesar de seus esforços para libertá-los. “Aqui, fique parada… Você quer saber o que faremos depois?”

“Sim. Depois.”

Holo estreitou os olhos quando o pelo foi arrancado dela; seu tom um tanto solícito certamente pretendia desviar a atenção de Lawrence da corda bamba que ele andava, em vez de provocá-lo.

O melhor curso de ação que Holo e Lawrence poderiam adotar, bem como as coisas que eles podiam e não podiam fazer, haviam sido decididas em Lenos.

Mas essa decisão não incluía nenhuma noção real do que aconteceria depois.

“Comida e diversão são abundantes para onde estamos indo, para que pudéssemos esperar facilmente até que a neve derreta nas montanhas. Ou, se estivermos com pressa, poderemos arranjar cavalos de volta para Lenos e depois seguir para o norte.”

“Para as montanhas Roef, você quer dizer.”

Era a direção de onde Holo viera.

Se eles se apressassem, a viagem levaria menos de um mês. Se eles se movessem seriamente, suas viagens poderiam terminar em dias.

Holo agarrou sua cauda de uma maneira especialmente feminina.

Lawrence a estudou.

Ela estava implorando para que ele mentisse.

“Mesmo assim, as montanhas mudam quando entramos nelas. Se subirmos o rio Roef, podemos nos perder.” Lawrence

observou a loba vaidosa que ele tinha como companheira, enquanto ela arrancava outro pedaço de pelo marrom da boca. “Partindo de Nyohhira você saberia o resto do caminho, certo? Meu palpite é que levaria cerca de dez dias de Lenos para Nyohhira. Se não pudermos esperar até a primavera, seria algo em torno de vinte dias — precisamos seguir um caminho que percorra o maior número possível de cidades e vilas.” Ele contou nos dedos, sem saber se seriam muitas ou poucas.

Manter suas estadias curtas e as viagens longas.

Este princípio estava sempre em sua mente quando viajava a negócios, e até mesmo essa proposta era preguiçosa o bastante fazê-lo se sentir culpado. Ao fazer negócios, metade de suas vendas eram para pagar tarifas e impostos; outros 30% eram gastos com viagens e hospedagem, deixando 20% de lucro — portanto, uma rota mais lenta e mais cara dificilmente cairia bem com Lawrence.

Ainda assim, a viagem era curta o suficiente para que ele tivesse certeza que se arrependeria quando ela acabasse.

Contou com os dedos, depois parou, encarando o próximo dígito, se perguntando se havia algum modo de contar.

“Dez dias para um mergulho nas fontes termais de Nyohhira,” disse Holo, estendendo a mão e contando o último dedo de Lawrence.

Com as mãos sobrepostas, eles pareciam uma dupla de recém casados tentando se manter aquecidos.

E, de fato, Lawrence sorriu abertamente, com o coração quente. Holo olhou para cima e sorriu.

Era um sorriso aterrorizante.

Estadia de dez dias em Nyohhira. Se havia algo capaz de trazer um sorriso para o rosto e aquecer o coração, seria isso.

Não tinha como dizer quanto custariam dez noites de hospedagem em uma cidade de fontes termais. As contas da pousada poderiam ser

altas, aproveitando os viajantes, e a comida desagradável, mas cara. O preço da água fresca era inacreditável, e o licor seria fino e pobre. Havia uma taxa para entrar nos banhos, e as fontes minerais mais fortes exigiam dois exames diários por um fisioterapeuta para usá-los. Era literalmente dinheiro pelo ralo.

E, no entanto, dado o momento da solicitação de Holo, ele não podia simplesmente recusar.

A sábia loba era infinitamente astuta.

Se ele fosse menos honesto com seus sentimentos, ele também poderia sorrir e se sentir bem com isso.

"Você está fazendo a sua cara de contador," Holo disse, puxando a mão de Lawrence para sua bochecha e a acariciando, sua expressão era maliciosa.

Sua cauda balançava sugestivamente.

Lawrence considerou pegar e acariciar a cauda.

"Haviam pessoas na época que passei por lá, eu até tomava a forma humana e às vezes usava suas fontes termais, então entendo o sistema. Mas eu sou Holo, a sábia loba de Yoitsu. Se não houver ninguém lá, você terá apenas algumas despesas a mais."

Certamente era esse o caso, mas as fontes termais eram lugares que reuniam aqueles que fariam qualquer coisa para prolongar suas vidas, mesmo que um mero segundo, e mesmo que mortos, eles não morriam.

Tais lugares ganharam ar de peregrinação, e quanto mais difícil era o acesso a uma nascente, mais potente diziam ser a sua água, de modo que os locais mais remotos ganharam uma certa fama.

Embora fosse altamente duvidoso que Holo pudesse encontrar uma fonte termal que ainda não havia sido descoberta, uma coisa era certa.

O “pouco” que Lawrence teria que acrescentar às suas despesas habituais de alimentação e hospedagem seria tudo menos “pouco”.

“Toda vez que você me faz gastar um pouco mais em comida, meus sonhos ficam muito mais distantes.” Se Lawrence não parasse Holo, não havia como dizer o que ela pediria em seguida.

Holo imediatamente lançou um olhar desagradável, mas Lawrence não pôde recuar. Ainda mais tendo a vantagem, agora que disse à Holo que a amava na cara dela.

“Eu tenho várias maneiras de provocá-lo, mas primeiro”, disse Holo com um pigarro e um movimento de cauda, “não foi você quem adiou seu sonho de possuir uma loja e, em vez disso, veio me acompanhar?”

Ela o olhou, testando-o.

Seus olhos castanho-avermelhados brilhavam através da respiração esbranquiçada que escapava entre seus lábios finos.

“Embora eu possa tê-los adiado, não desisti deles.”

Holo suspirou profundamente, como quem pergunta se essa desculpa deveria funcionar.

E para falar a verdade, parte disso era mentira.

Holo podia facilmente ver através de tais mentiras e provavelmente já o havia feito, mas antes que isso lhe fosse apontado, Lawrence decidiu assumir.

“Apesar de que sim, eu os deixei um pouco de lado.”

“É da natureza dos mercadores usar palavras vagas para deixarem brechas, suponho”, disse Holo, exasperada.

Lawrence revisou sua declaração. “Não, eu realmente os deixei de lado.” “Vou deixar para desperdiçar algum dinheiro depois de ouvir suas razões para fazê-lo.”

Lawrence agonizou por um momento; ele queria dizer: “Obrigado pela gentileza,” mas, em vez disso, deu de ombros e respondeu da seguinte maneira: “Se eu abrisse uma loja, provavelmente teria apenas metade da diversão de negociar de verdade.”

“…Hã?”

“Quando o momento que eu tanto esperei finalmente chegou, eu percebi — uma vez que tivesse uma loja, meus dias de aventura terminariam.”

Não era como se ele não estivesse mais seduzido pelo aroma do lucro.

Mas privilegiar esse objetivo sobre todos os outros, indiferente às tempestades que possam surgir, concentrando-se apenas no ganho material — ele não queria mais isso.

Se ele conseguisse a loja agora, seria um desperdício, precisamente porque ele a perseguia há tanto tempo e com tanto foco.

Holo abandonou sua expressão de brincadeira, murmurando “hmm” para si mesma.

Certamente Holo entendia isso, pois ela própria temia que a alegria de hoje se transformasse em tristeza.

“Ainda assim, você deve levar em consideração como me sinto, porque esse foi o meu sonho por tanto tempo. Se eu fosse comprar uma loja, não seria algo infeliz.”

Holo assentiu devagar, mas seu rosto estava confuso ao responder: “Sim, suponho… que algo atrapalhou.”

“Sim… espera, o que? Atrapalhou?” perguntou Lawrence ao ouvir a palavra que não fazia sentido, e Holo fez uma expressão como se fosse a coisa mais óbvia do mundo.

“Sim, não houve? Você tinha um sonho, mas deixou de lado e veio atrás de mim. É o suficiente para deixar consternada até a pessoa que primeiro falou ‘aquele que persegue dois coelhos ficará sem nenhum’.”

Mesmo quando Lawrence percebeu que sua boca estava aberta, ele não conseguiu fechá-la enquanto voltava seu rosto para ela.

Não importa quantas vezes ele reconsiderasse, as palavras de Holo apontavam apenas um fato.

Ele abandonou um coelho para perseguir outro, mas não conseguiu pegá-lo.

Uma emoção desagradável surgiu na mente de Lawrence, como se ele tivesse deixado cair sua bolsa de moedas.

Se isso é uma piada, eu gostaria que ela parasse, ele pensou consigo mesmo, se virando. Ele então olhou para Holo e viu no rosto dela uma expressão de tristeza, como se ela estivesse preocupada com a saúde de Lawrence.

“Você está bem? Vamos, anime-se. Afinal, você não ganhou nada, ganhou?”

Era raiva, tristeza ou algo completamente diferente?

No mesmo instante em que Lawrence se perguntou se Holo estava falando outro idioma, ela curvou os cantos da boca maliciosamente, a língua espreitando entre os lábios.

“Heh. Na verdade, você ao menos me alcançou? Que ideia estranha, ganhar algo sem primeiro alcançá-lo.”

Lawrence nunca quis mergulhar Holo debaixo d'água tanto quanto ele queria neste momento, principalmente porque ela estava olhando para a expressão que ele menos queria que os outros vissem.

Holo riu. “Embora eu suponha que não é como se isso fosse um território demarcado com cordas. Isso depende da sua interpretação,” ela falou, aproximando-se de Lawrence, aninhando-se perto dele como um lobo faz com outro.”

O hálito branco dela soprava contra a nuca dele. Ele sabia que se olhasse, seria derrotado.

E quando percebeu isso, foi derrotado.

“No final, também desejo que você não abandone o seu sonho. E se você achar que possuir uma loja seja satisfatório, você pode ter um aprendiz, não é? Isso é algo bastante complicado e você nunca terá um dia de descanso,” disse Holo, rindo e afastando o rosto.

Lawrence ponderou se era assim que um peixe se sentia depois de ser desossado.

Não importa como lutasse, sua situação dificilmente poderia melhorar.

Para não expor nada mais impróprio do que já havia feito, ele respirou fundo e depois expirou.

Holo riu baixinho como que apreciando a duração do momento.

“Espere, você já teve algum aprendiz?” A voz de Lawrence ainda estava um pouco tensa, mas Holo ignorou.

“Hmm? Ah, sim. Afina eu sou Holo, a sábia loba. Muitos desejavam aprender comigo.”

“Hum.”

Esquecendo a conversa até agora, Lawrence se viu genuinamente impressionado.

Ao que Holo, que possivelmente não esperava por isso, ficou imediatamente tímida.

Ela pode ter exagerado em uma tentativa deliberada de compensar sua provocação. “Bem, eu não sei se você poderia chamá-los adequadamente de ‘aprendizes’, embora eu tenha certeza de que eles se autodenominavam como tais. De qualquer forma, eu era a melhor. Se você quisesse receber meus ensinamentos, hum. Você teria que esperar atrás de outros cem.”

Holo agora falava abertamente com orgulho — mas Lawrence se viu incapaz de rir do jeito que costumava fazer.

Quando ele pensou a respeito, Holo certamente era digna de tal respeito.

Mas o que o fez se sentir tão desconfortável com a dignidade que ela certamente possuía eram as muitas lembranças dela que vinham à sua mente.

Ele não conseguia conciliar esse ser supostamente majestoso com a Holo que ele conhecia — que ria, chorava e ficava de mau humor.

A expressão de Holo mudou para um sorriso suave, e ela pegou a mão de Lawrence. "Claro, você não buscaria apenas meus ensinamentos; você tentaria tomar minhas rédeas — um tolo raro, de fato. Você não pode esperar ser bem sucedido, mas não há dúvida de que deseja olhar nos meus olhos como um igual. Estou sozinha no topo da montanha há muito tempo. Já desprezei os outros o bastante."

Era uma coisa solitária ser adorada como uma deusa.

Lembrou-se de quando se conheceram, e Holo dissera que ela viajava para encontrar um amigo.

O sorriso de Holo permaneceu, embora agora parecesse um pouco solitário. "Admita, você veio atrás de mim, não foi?"

As palavras em si eram provocadoras, mas combinadas com seu sorriso solitário, ele mal podia imaginar que esse era o objetivo.

Lawrence não pôde evitar o sorriso amargo que foi aos seus lábios, ao qual Holo fez uma expressão sombria.

Quando ele colocou o braço em volta do ombro dela e a puxou para perto, ele a sentiu suspirar.

Ele se perguntou se o tom de satisfação que detectou naquele suspiro era apenas sua imaginação.

"Mas agora eu…" ela começou a falar, virando novamente o corpo para que seus olhos o fitassem diretamente. "Eu realmente gosto de olhar para você assim."

Lá ao lado dele, ela pareceria para qualquer um que a visse como uma donzela atraente com a face voltada para cima.

Embora ele pudesse se acostumar com suas disputas, isso era algo com o qual ele nunca poderia se acostumar.

"Sem dúvida, porque o rosto que você está encarando é realmente o rosto de um tolo," respondeu Lawrence com uma careta, e a garota lobo se agarrou a ele com prazer.

A cauda de Holo balançou, soltando pulgas livremente, como se aquele não fosse o lugar delas. É lógico, pensou Lawrence consigo mesmo, um calor subindo em seu peito. Holo sorriu, seu rosto pressionado contra ele.

Lawrence devolveu o sorriso. Era verdade — suas disputas eram tão tolas que, se fossem vistas dessa maneira, até o aprendiz mais fiel teria dificuldade em chamá-lo de mestre.

Lawrence murmurou uma desculpa para si mesmo — que, se era o que Holo queria, não havia mais nada a ser feito.

De repente, havia sinais de alguém se deslocava no outro lado da pilha de carga, claro, havia Ragusa, com marcas em seu rosto, como se tivesse usado o braço como travesseiro, se espreguiçando espalhafatosamente.

Primeiro ele olhou para Lawrence, depois para Holo, que se debruçava contra Lawrence, dormindo. Ragusa sorriu e bocejou.

Quando Lawrence olhou à frente do barco para onde Ragusa apontou, viu docas construídas nos dois lados do rio. Era um pedágio, assim como os que eram inevitáveis quando se cruzava montanhas e planícies em uma carroça.

Ainda estavam longe de alcançá-lo, mas pelo visto Ragusa conseguia cochilar que a experiência o diria quando acordar. Dizia-se que os marinheiros se orientavam no mar não fazendo uso de pontos de referência, mas apenas com o cheiro do oceano. Talvez Ragusa fosse assim. Ragusa enfiou um remo no rio e gritou, fazendo com que Holo, que dormia agradavelmente, acordasse.

"Este é um posto de controle do ducado de Diejin, que recentemente teve uma mudança de governante. Incluiremos o imposto na sua tarifa — aparentemente ele está louco para caçar veados, então os impostos são altos, meu amigo!"

Lawrence respondeu que não via a conexão entre caçar veados e altos impostos, Ragusa riu e respondeu: "O duque nunca viu o campo de batalha, mas ele se proclama como o melhor atirador de arco do mundo. Em outras palavras, ele acha que nenhuma flecha vai deixar de acertar um cervo."

Embora as dificuldades dos servos que tinham que caçar com o duque estivessem ocultas, isso significava um bom trabalho para os caçadores da região que caçavam e matavam as presas do duque previamente.

Lawrence não pôde deixar de rir do que lhe veio à mente — um senhor de rosto redondo e cabelos ruivos, alheio aos costumes do mundo e às piadas da cidade.

"Ah", disse Lawrence. "Deve ser um grande fardo para sua casa."

"Além disso, ele está determinado a conquistar o coração da sua princesa. Claro, existe o rumor de que ele começou a notar a verdade sobre suas próprias habilidades."

Por alguma razão, os senhores mais queridos eram os mais tolos na boca do povo — um governante ignorante e arrogante podia ser odiado, mas assim que ele falasse algo absurdo, sua popularidade aumentaria. A carreira de lorde era difícil, pois dar atenção aos assuntos do povo e ser ao mesmo tempo sério e severo — nada disso garantia o sucesso.

Ragusa também tirou sarro do duque, mas quando chegou a hora de pagar o pedágio, ele o entregou de imediato, sem nenhuma relutância.

Caso a guerra chegasse à terra, seria muito mais fácil para o ridicularizado duque Diejin reunir apoio do que seria para outros senhores. Era muito melhor fazer com que as pessoas sentissem que era seu dever se unir, em vez de receber ordens de cima.

De repente, Lawrence percebeu que isso tinha relevância para sua própria situação e olhou para Holo, que estava ao seu lado.

"Há algo que gostaria de dizer?" Ela perguntou.

"Não, nada."

Ragusa diminuiu a velocidade da embarcação, aproximando-se de outro que também passava pelo posto de controle.

Não era preciso ter experiência no rio como Ragusa para poder dizer que algo estava errado nas docas.

Alguém estava lá, discutindo com um soldado que estava armado com uma lança.

Não estava claro o que estava sendo dito, mas era óbvio o suficiente que ambas as partes estavam gritando.

O barqueiro que estava à frente de Ragusa também observava a situação, esticando o pescoço para poder observar.

"Estranho ver tanta briga", disse Ragusa suavemente, protegendo os olhos com a mão.

"Você acha que é por causa do valor alto?"

"Duvido. Apenas os que vêm do mar reclamam dos impostos. Eles já têm que pagar por cavalos para puxar suas embarcações rio acima, e ainda por cima precisam pagar impostos."

Holo bocejou, mostrando suas presas enquanto olhava a cena, então Lawrence percebeu algo estranho.

“Mas isso não vale tanto para os navios do mar do rio?” Ele perguntou, batendo na cabeça de Holo, enquanto ela limpava os cantos dos olhos nas roupas de Lawrence.

Ragusa puxou o remo e sorriu largamente. “Para aqueles como nós, que vivem junto ao rio, o rio é a nossa casa. É natural pagar aluguel para ter uma casa. Mas para os marinheiros, é apenas uma estrada. Não é à toa que eles estão com raiva — alguém ficaria com raiva se tivesse que pagar simplesmente para andar pela estrada.”

Lawrence acenou em compreensão, impressionado com as diferentes formas de pensar.

E então, enquanto eles continuavam se movendo, foi possível ver a cena por completo.

Parecia que as pessoas que brigavam no cais eram um soldado carregando uma lança e um menino.

Era o garoto que estava gritando.

Ele estava respirando com dificuldade, e esta saia de sua boca em grandes sopros brancos. “Mas o selo do duque está bem aqui!”

Sua voz de menino poderia ou não já ter engrossado.

Para até isso ser uma dúvida, ele só poderia ser bem jovem.

Parecia ter talvez doze ou treze anos. Seu cabelo grisalho e despenteado cobria um rosto coberto com um encardido — talvez de lama — mas imundo em todo caso. Ele era magro o suficiente para que, se esbarrasse na delicada Holo, seria difícil saber quem cairia, e as roupas esfarrapadas que usava provavelmente desmoronariam na próxima vez que espirrasse.

Seus tornozelos eram finos e ele calçava sandálias, cujo desgaste extremo era óbvio à primeira vista. Se fosse um velho barbudo vestido assim, o garoto seria o tipo de eremita que reunia olhares de admiradores e de piedosos.

“É verdade. Você nem consegue ouvir seu próprio ronco.”

Holo imediatamente pisou sem piedade no pé de Lawrence.

Sua objeção foi interrompida pelo soldado, que estava quieto até agora, gritando de volta para o garoto. “É falso, isso sim! Se você não der o fora daqui, temos outras ideias para lidar com seu tipo!”

O soldado ajeitou a lança que segurava.

O barco de Ragusa desacelerou ainda mais, parando ao lado da embarcação que estava à frente deles, que pouco antes também havia parado no cais.

O mestre do barco parecia conhecer Ragusa e, depois de darem as boas-vindas amigáveis, eles baixaram a cabeça para ter o que parecia ser uma conversa discreta.

“Quem é aquele? O aprendiz do mestre Lennon?”

Ragusa apontou com o queixo para o mestre de um barco que já estava atracado. Os cabelos do barqueiro eram grisalhos, e ele parecia mais velho que Ragusa e seu amigo.

“Se fosse, ele não estaria a bordo do navio com uma cara tão preocupada.”

“Mm, é verdade. Oh, poderia ser…?”

Enquanto os dois barqueiros conversavam, o garoto no cais estremeceu de raiva, ou frio, e olhou para o pedaço de papel que segurava.

Ele então olhou para cima, como se não quisesse desistir, mas mordeu o lábio vendo a ponta da lança apontada para si.

Ele deu um passo para trás, depois outro, finalmente chegando à beira do cais.

“Cuidado, rapaz”, disse o guarda. “Vamos prosseguir com o pedágio…”

Nas palavras do guarda, os barqueiros que estavam assistindo a cena agora cuidavam de seus negócios.

Pelo visto eles não se impressionaram, como se esse tipo de coisa acontecesse o tempo todo.

Quando Lawrence viu o selo vermelho que estava impresso no papel que o garoto segurava, ele entendeu o que havia acontecido.

O garoto foi enganado por um mercador desonesto. “Ele foi enganado.”

“Hmm?”

O barqueiro de cabelos grisalhos moveu sua carga e outro barco entrou em seu lugar, com Ragusa movendo sua própria embarcação ao seu lado.

Lawrence acompanhou o balanço do barco enquanto falava no ouvido de Holo. “Acontece às vezes. Falsificação de isenção fiscal ou documentos de pagamento a um senhor local. Em uma escala maior, documentos de autorização de cobrança de impostos para este rio provavelmente foram roubados.”

Ele segurava uma folha de papel velho na mão direita, olhando para o guarda enquanto ofegava.

“Qual é o problema?” perguntou Holo, irritada por sua soneca do meio-dia ter sido perturbada.

“Eu não sei. Espera — você não deveria ser capaz de ouvir o que eles estavam gritando?”

Holo bocejou. “Nem eu consigo ouvir tais coisas enquanto cochilo.”

“Hmm.”

Na maioria dos casos, esses documentos provavelmente foram vendidos a uma quantia muito diferente do quanto pretendiam arrecadar, mas, no entanto, muitos compradores pareciam pensar que eram reais.

“Tenho um pouco de pena dele”, disse Holo.

No rio, uma fila de barcos se formava, todos indo para o posto de controle.

Os guardas estavam ocupados, tentando retomar suas tarefas depois da interrupção; atrás deles, o garoto foi completamente esquecido.

Assim como Holo falou, sua figura atrai simpatia, mas ao mesmo tempo que Lawrence podia entender o lado do garoto quando, era isso que acontecia quando alguém se deixava enganar.

"Ele aprenderá algo com isso", disse Lawrence.

O olhar de Holo passou do garoto para Lawrence acusadoramente. "Você me acha insensível, não é?" Ele perguntou.

"Pelo que me lembro, quando sua própria avareza o fez tropeçar, você andou por toda a cidade, desesperado por ajuda."

Lawrence não pôde deixar de ficar irritado com o comentário, mas sua ética comercial se opunha completamente a dar ao garoto sequer uma peça de cobre. "Talvez, mas ainda assim era eu quem andava."

"Sinceramente…"

"Não sou insensível a ponto de ignorar alguém pedindo ajuda. Mas tentar salvar alguém que não está tentando se salvar, bem — não dá para ser mercador desse jeito. Se for para agir assim, é melhor pôr as vestes dos padres e seguir para a igreja mais próxima."

Holo parecia estar remoendo algo, pois apesar das palavras de Lawrence, ela parecia pensar que o garoto ainda era digno de pena.

Tendo trabalhado por séculos sem receber sequer agradecimentos em troca para garantir a boa colheita de uma vila, Holo possuía um forte senso de dever, apesar de tudo.

Provavelmente, era da natureza dela querer ajudar aqueles que precisavam de ajuda.

Mas também era uma realidade que, uma vez que se desse início, não haveria fim. O mundo estava cheio de pessoas tristes, mas deuses estavam em menor número.

Lawrence ajustou o cobertor ao redor deles. “Então, se ele se levantar sozinho, ou se…”

Holo poderia ser bondosa, mas ela não ignorava os costumes do mundo.

Sentindo uma simpatia relutante pelo garoto, Lawrence olhou em sua direção e naquele momento se viu incrédulo, não pelo que via, mas pelo que ouvia.

“Mestre!” Ecoou o grito.

As pessoas presentes estavam acostumadas a ouvir gritos no mercado, e, como resultado, conseguiam perceber facilmente a quem a voz se dirigia.

O garoto se levantou e correu direto para o cais, sem dar atenção às ordens do guarda.

Ele estava indo, é claro, na mesma direção à qual sua voz se dirigia.

Para Lawrence.

“Mestre! Sou eu! Sou eu!” Eram as palavras que saiam da boca do garoto.

“O-o quê?”

“Oh, estou tão feliz em vê-lo! Eu não tinha nada para comer e estava bem encrencado! Devo agradecer aos deuses por este milagre!”

Não havia um pontinho de felicidade no rosto do garoto; sua expressão era de desespero.

Lawrence olhou para ele, atordoado, procurando freneticamente na memória, do supostamente excelente mercador, pelo rosto do garoto.

Mas tudo o que pôde concluir foi que nunca conheceu um garoto que o chamava de mestre, a menos que fosse uma das crianças que havia ensinado a ganhar o pão durante suas viagens.

Foi quando se deu conta da situação.

O garoto estava fazendo uma aposta arriscada para salvar sua própria vida. Lawrence havia notado, mas o guarda percebeu isso antes e derrubou o garoto com a coronha da sua lança, jogando-o no chão como se quisesse fazer o menino se afundar nele. "Seu pirralho!"

O posto de controle era o símbolo de quem detinha o poder.

Qualquer fraude bem-sucedida destruiria essa autoridade.

Se as coisas se desenrolarem mal, o menino poderia facilmente ser jogado no rio para se afogar.

No entanto, aqueles olhos azuis claros estavam fixos em Lawrence, que se viu momentaneamente paralisado pelo olhar penetrante — "Se eu falhar aqui, vou morrer" o garoto parecia dizer — quando foi retirado de seus devaneios por uma cotovelada certeira nas costelas, desferida por Holo. Ela não estava olhando nem para Lawrence nem para o garoto, mas para uma direção aleatória. No entanto, seu perfil falava muito claramente: "Não se esqueça do que você acabou de dizer."

O garoto se levantou sozinho e pediu ajuda.

"Você tem coragem de manchar o nome de Duke Diejin!" gritou o guarda.

A fila de barcos esperando para passar deste posto de controle para o próximo ficou mais longa.

Como os guardas eram responsabilizados por quaisquer obstáculos no trânsito, sua reserva de paciência com o garoto — que não fazia nada além de causar problemas para eles — certamente chegou ao fim.

Segurando o garoto no chão com sua lança, o guarda puxou o pé para trás como se fosse dar um chute nas costelas do garoto, mas naquele momento —

"Espere, por favor!" Exclamou Lawrence, assim que o pé se preparava para chutar. O impacto não pôde ser parado. "Ungh" gemeu o garoto.

"É verdade — eu conheço o garoto!"

O guarda olhou para Lawrence e rapidamente moveu seu pé para longe do menino, mas logo pareceu entender o verdadeiro motivo de Lawrence. Irritado, ele olhou de um lado para o outro, de Lawrence para o garoto, depois suspirou e retirou o cabo da lança das costas do garoto.

Era óbvio que o garoto estava fingindo.

"Muito gentil da sua parte", dizia o olhar silencioso do guarda.

Os olhos do garoto se arregalaram, como se ele não pudesse acreditar que sua jogada desesperada realmente havia funcionado, mas assim que conseguiu assimilar a situação, ele se levantou e desajeitadamente entrou no barco de Ragusa.

Ragusa estava amarrando sua bolsa de moedas depois de pagar o pedágio, mas parou momentaneamente, enquanto observava os procedimentos no cais. Quando o menino pulou a bordo, retomou o que estava fazendo.

No entanto, não foi até encontrar o olhar de Lawrence que Ragusa conseguiu fechar a boca aberta.

"Ei, você está atrasando a fila! Tire seu barco daí!"

O guarda só queria se livrar de um incômodo, mas os barcos estavam de fato se alinhando atrás deles.

Ragusa se virou para Lawrence e encolheu os ombros, depois entrou no barco e pegou o remo. Desde que Lawrence pagasse a tarifa, ele não tinha motivos para reclamar.

Quando o garoto chegou à proa do barco, onde Lawrence e Holo estavam, ele desmaiou, por exaustão ou por puro choque.

Holo finalmente olhou para Lawrence.

O rosto dela ainda demonstrava alguma irritação.

"Chegamos até aqui, acho que não dá para evitar," disse Lawrence, quando Holo sorriu levemente, colocando a mão no garoto que desabara aos pés dela, que saíam debaixo do cobertor.

Enquanto ela normalmente parecia gostar de provocar e ridicularizar os outros, vê-la ajoelhar-se e falar baixinho com o menino fazia Holo parecer a freira de bom coração que suas roupas sugeriam que fosse.

Poderia ser algo bom, mas Lawrence não achou nem um pouco divertido.

Não que ele não confiasse em sua própria conduta, mas comparado a Holo, ele parecia bastante insensível.

Tendo verificado que o garoto não estava ferido, Holo o ajudou a se sentar e o levou até a beira do barco.

Lawrence pegou um pouco de água e entregou.

O garoto oculto na sombra de Holo, mas Lawrence podia ver que sua mão ainda segurava firmemente o certificado.

Lawrence tinha que admirar seu espírito.

"Aqui, água", disse Holo, passando-o para o garoto com um toque no ombro.

Os olhos do garoto estavam fechados, como se estivesse inconsciente, mas eles se abriram lentamente, seu olhar passou de um lado para o outro, entre Holo diretamente na frente dele e Lawrence, que estava atrás dela.

No momento em que viu o sorriso tímido do garoto, Lawrence desviou o olhar, lembrando-se que um segundo atrás ele estava pronto para abandonar o menino.

"Obri…gado."

Não ficou claro se o garoto estava agradecendo pela água ou por sua gentileza em ter prosseguido com sua farsa desesperada.

De qualquer forma, Lawrence se sentiu um pouco constrangido, desacostumado com agradecimentos em uma situação que não envolvia cálculos de lucros e perdas.

O garoto devia estar com sede, pois bebeu a água rapidamente, apesar do clima frio, depois limpou a garganta e suspirou, aparentemente satisfeito.

Pela aparência, não parecia ter vindo de Lenos. Haviam várias estradas com destinos diferentes do outro lado do rio, então o garoto provavelmente era de uma cidade ao norte ou ao sul ao longo de uma dessas estradas.

Que tipo de viagem o trouxe até aqui?

Pelas sandálias esfarrapadas que o garoto usava, uma coisa estava clara — não havia sido uma jornada fácil.

"Quando você se acalmar, é melhor dormir. Será que esse cobertor será suficiente?" Questionou Holo.

Além do cobertor que ela e Lawrence usavam, eles tinham um extra.

Holo o entregou, e os olhos do garoto se arregalaram de prazer com essa bondade imprevista. Ele assentiu. "Que Deus abençoe… vocês dois…"

O garoto se enrolou no cobertor e adormeceu tão rapidamente que quase foi possível ouvir a queda.

Dadas as roupas dele, seria impossível acampar e dormir ao relento. Se as coisas corressem mal, ele poderia muito bem morrer de frio.

Holo o observou preocupada por um tempo, mas pareceu relaxar ao ouvir a respiração lenta e regular do garoto. O rosto dela era gentil, de uma forma que Lawrence nunca havia visto, e ela suavemente afastou o cabelo do garoto antes de se levantar.

"Devo te tratar da mesma forma?" Ela perguntou, meio provocando, meio envergonhada.

"É um privilégio das crianças receberem cuidados," respondeu Lawrence com um encolher de ombros.

Holo sorriu. "Do meu ponto de vista, você ainda é uma criança."

Enquanto ela falava, o barco, que até então estava ganhando velocidade enquanto flutuava rio abaixo, diminuiu a velocidade. Eles alcançaram os barcos à sua frente e Ragusa se interessou pelo novo passageiro. Ele largou o remo e gritou do outro lado da carga.

"Que enrascada! Ele está bem, pelo menos?" Ragusa perguntou sobre o garoto.

Holo assentiu e Ragusa coçou o queixo, pensativo, soltando uma respiração branca.

"Eu me pergunto quem o enganou. Isso não aconteceu este ano, mas na estação fria um grande número de pessoas vem do Sul e, dentre elas, muitos vigaristas. No ano passado, havia um falsificador tão habilidoso que não apenas crianças, mas até mercadores experientes estavam sendo enganados por ele. Talvez as pessoas tenham aprendido algo, porque desde então, você quase nunca vê algo assim. O garoto deve ter encontrado um dos últimos."

Lawrence removeu cuidadosamente o documento da mão do garoto, que se destacava debaixo do cobertor, depois desenrolou e leu.

Era uma declaração dando direitos de cobrar impostos de navios no rio Roam, emitida pelo duque Herman Di Diejin.

Com uma escrita bastante rebuscada, quase sempre difícil de ler, haviam diretrizes escritas para esse efeito, mas qualquer pessoa que tivesse visto o verdadeiro saberia que esse era falso.

E, claro, havia a questão da assinatura e selo do duque.

"Sr. Ragusa, como se escreve o nome de Duke Diejin?"

"Hum, assim…"

Comparando a resposta de Ragusa à assinatura, Lawrence descobriu que uma das letras minúsculas estava errada.

"O selo também é falso", acrescentou Ragusa. "Copiar o verdadeiro selo é punível com enforcamento."

Agora isso era algo interessante.

Copiar o selo real significava morte, mas fazer um selo semelhante não era crime.

Ragusa deu de ombros, cansado, e Lawrence cuidadosamente redobrou o documento e o colocou de volta debaixo do cobertor.

"Ah, não se esqueça, você tem que pagar uma taxa extra," disse Ragusa.

"Ah, er… Claro."

Holo podia não gostar, mas no final, era o dinheiro que moldava o mundo.

Capítulo II

O nome do garoto era Tote Col.

Depois que o garoto tirou uma soneca, o estômago de Holo começou a roncar, então Lawrence entregou um pão, que Col comeu com cautela, como um cão selvagem. Mas suas feições não eram profundamente desgrenhadas, o que o fazia parecer mais um cachorro abandonado do que estritamente selvagem.

"Então, quanto você pagou por esses papéis?"

Col não tinha comprado apenas uma ou duas falsificações em suas viagens; em sua bolsa esfarrapada, ele tinha um livro inteiro.

Comer um pão do tamanho de um punho em duas mordidas, Col respondeu rapidamente, "Um *trenni*... e oito *lute*."

O fato de que ele murmurou as palavras com relutância não tinha nada a ver com o pão na boca.

Dada sua aparência, lembrar que gastou mais de um *trenni* deve ter sido desesperadamente frustrante.

"Isso é um grande investimento… O vendedor que te vendeu era tão impressionante?"

Foi Ragusa quem respondeu à pergunta de Lawrence. "Dificilmente. Ele estava vestido de trapos e sem o braço direito."

Col olhou para cima e assentiu, surpreso.

"Ele é famoso por aqui," disse Ragusa. "Anda por aí vendendo seus papéis. Aposto que ele disse algo assim para você. 'Olhe para este meu braço — eu arrisquei tudo por isso, mas não anseio mais por este mundo. Estou pensando em voltar para casa, então vou te entregar esses papéis'."

Os olhos de Col estavam vidrados — deve ter coincidido com o que ele ouviu quase palavra por palavra.

Os vigaristas geralmente tinham um aprendiz com eles, e essas frases eram passadas de mestre para aprendiz.

Quanto à questão da falta do braço direito do homem, sugeria que ele já fora pego por um guarda em algum lugar, e seu braço foi levado como punição.

Um ladrão que roubava dinheiro perdia um dedo, mas um vigarista que traía a confiança — isso era um braço. Um assassino que tirava a vida perdia a cabeça. Se o crime era especialmente hediondo, o enforcamento era evidentemente pior que a decapitação.

De qualquer forma, o garoto caiu e olhou para baixo, a desonra de ter sido enganado por um vigarista cujas artimanhas eram bem conhecidas, acrescentava insulto à ferida.

"Você sabe ler?" perguntou Lawrence enquanto folheava as falsificações.

"Um pouco…" veio a resposta incerta.

"Mais de metade destes não são nem mesmo falsificações."

"O-o que quer dizer, senhor?"

Lawrence ficou um pouco impressionado com a educação de Col. Talvez ele já tivesse trabalhado para um mestre respeitável alguma vez. Levando em conta como Lawrence e Col se conheceram, tornava isso um pouco surpreendente.

A expressão de Col era de total derrota; ele dificilmente poderia parecer mais deprimido que isso.

Talvez sentindo pena dele, Holo, que estava sentada ao lado do garoto, ofereceu um pouco mais de pão.

"Muitos desses documentos foram roubados de alguma empresa em algum lugar. Veja, existem até cobranças de pagamentos," disse Lawrence, entregando as folhas a Holo — mas, embora Holo pudesse ler, ela não sabia nada sobre cobranças.

Ela inclinou a cabeça, mas quando tentou mostrá-las a Col, ele se negou a olhar.

Talvez fosse demais encarar o próprio fracasso.

"Se foi esse tipo de coisa que você comprou, eu os vejo por aí o tempo todo. Esses documentos não servem para obter dinheiro — mas servem para os mercadores darem umas boas risadas. Eles foram roubados de alguma guilda comercial em algum lugar e foram passando de um vigarista para outro," disse Lawrence.

"Um dos meus clientes também foi enganado por eles," acrescentou Ragusa, afastando a proa do barco de uma rocha no rio.

"Quem roubaria isso?" Perguntou Holo.

"Geralmente, um aprendiz da empresa que se cansa de ser explorado demais — eles os roubam ao sair, como parte do pagamento. Empresas rivais pagam um preço decente por alguma

informação contida ali, e, claro, existem os vigaristas que também podem comprar. É um conselho que passa de um aprendiz para outro. Se você receber dinheiro, a empresa virá atrás de você. Mas dessa forma, a empresa tem sua reputação a considerar, por isso é mais difícil perseguir o culpado."

"Hã?"

"Considere como seria uma empresa perseguir loucamente uma folha perdida do seu livro — as pessoas pensariam que havia algo extraordinário naquele livro, não é? E isso é ruim para os negócios."

Holo assentiu, impressionada com esse ângulo que ela não havia considerado.

Lawrence folheou página após página enquanto falava, mas parecia achá-las genuinamente interessantes.

Não era todo dia que se podia ver com facilidade quais empresas encomendavam quais mercadorias de quais lojas e em quais cidades.

No entanto, a situação de Col era triste.

"Você sabe o que eles dizem: 'A ignorância é um pecado.' O que me diz, rapaz — já que você está sem dinheiro mesmo, o que acha de trocar estes papéis em troca de comida e da sua tarifa?"

As sobrancelhas do garoto tremeram em surpresa, mas ele não olhou para cima, mas olhava fixamente para a parede interna do barco.

Sem dúvida, ele estava fazendo alguns cálculos em sua mente.

Poderia haver algo genuíno escondido em algum lugar naqueles pedaços de papel, ou as páginas poderiam ser inúteis, mas se ele deixasse essa oportunidade passar, nunca mais encontraria alguém disposto a negociá-los. E, no entanto — ele pagou mais de um *trenni* por eles…

Assim como Holo costumava se gabar de sua capacidade de reconhecer as intenções de Lawrence, o próprio Lawrence estava confiante em sua capacidade de calcular lucros e perdas.

No entanto, diferentemente de Holo, isso não vinha da capacidade de discernir as mudanças mais sutis nas pessoas, mas de sua longa experiência como mercador.

"Q-quanto pagaria?" Perguntou Col.

Como se estivesse ressentido, ele olhou cuidadosamente para Lawrence — talvez porque sentisse que, se demonstrasse alguma brecha, o preço seria reduzido.

Seu esforço era bastante encantador, e Lawrence teve que se forçar a não sorrir; ele tossiu e se acalmou. "Dez *lute*."

"…" O rosto de Col se contorceu e ele respirou fundo antes de responder. "I-isso é muito pouco."

"Entendo. Fique com eles, então," respondeu Lawrence imediatamente, empurrando o maço de volta para Col.

A pouca vitalidade que Col reuniu foi drenada imediatamente de seu rosto.

Sua decepção transparecendo tão claramente o fez parecer mais esfarrapado e desgastado do que se ele não tivesse tentado fazer uma cara corajosa em primeiro lugar.

Col mordeu o lábio enquanto olhava do maço de papéis para Lawrence.

Sua teimosia ao tentar vender os papéis um pouco mais caro reduziu seus lucros a zero. A mesma teimosa agora seria um obstáculo se ele quisesse pedir mais alguma coisa.

Certamente era isso que ele estava pensando.

Quando se acalmou um pouco, viu os sorrisos indulgentes de Holo e Ragusa e deve ter percebido que era demonstrando sua fraqueza que conseguiria escapar.

Um mercador jogaria fora todo o seu orgulho se isso desse lucro. É claro que Col não era mercador e ainda era jovem.

Lawrence pegou a pilha de papéis, coçando o queixo com o canto da mesma. “Vinte *lute*, então. Não posso subir mais.”

Os olhos de Col se arregalaram, como se seu rosto tivesse acabado de romper a superfície da água, mas ele imediatamente olhou para baixo.

Seu alívio era óbvio, e óbvio era seu desejo de escondê-lo.

Lawrence olhou para Holo, que lhe mostrou as presas, como se dissesse: “Não provoque o garoto demais.”

“Eu aceito sua oferta…”, disse Col.

“Isso não é o suficiente para chegar até Kerube, no entanto. Nós vamos ter que deixá-lo no caminho, ou então…” Lawrence olhou de soslaio para o bem-humorado barqueiro que tinha se divertido com o processo até agora.

“Ah, tudo bem,” disse Ragusa rindo, como resposta para Lawrence. “Haverá pequenos serviços ao longo do caminho. Ajude e tenho certeza de que posso fazer valer o seu tempo.”

Col parecia um filhote de cachorro perdido, depois deu um aceno hesitante.

Postos de controle ao longo do rio eram tão comuns que chegavam a ser incômodos.

Tudo o que você precisava para coletar algum dinheiro era a capacidade de interromper o tráfego de barcos, por isso era compreensível — mas sem eles, a jornada teria sido duas vezes mais rápida.

Pior ainda, os proprietários mais abastados podiam se dar ao luxo de construir postos de controle que conectam estradas em ambos os lados do rio, que se transformavam em lugares onde os barcos poderiam carregar e descarregar cargas.

Logo as pessoas se reuniam para vender comida e bebida para os barqueiros, e o posto de controle assumia aspectos de uma estalagem à beira da estrada, levando muitos a praticamente se tornarem cidades em miniatura.

Tudo isso atrasa o tráfego fluvial, e haveria momentos em que caminhar teria sido mais rápido.

Ragusa tentava apressar seu barco o máximo que podia, mas não havia nada que ele pudesse fazer sobre os transportadores de pele.

Os comerciantes de peles precisavam chegar a Kerube o mais rápido que fosse possível e dariam tanto dinheiro para os coletores de impostos que eles dificilmente poderiam reclamar e, apesar do rio estreito e da habilidade de Ragusa, seu barco era ultrapassado.

"Não vamos chegar a lugar algum desse jeito…"

Eles foram parados no último de sabe-se lá quantos postos de controle, onde Ragusa evidentemente tinha algum compromisso que tinha que manter.

Ele imediatamente começou a conversar com um mercador que se aproximava e, chamando Col, começou a mover a carga.

Foi assim que um barco passou por eles e depois outro; Holo estava encostada em Lawrence enquanto cochilava, mas seus olhos se abriram, ela observou os barcos vagamente e murmurou.

Desde que embarcou, Holo estava extremamente sonolenta, então Lawrence imaginou se ela estava se sentindo mal, mas depois lembrou-se de como ela chorou quando foi buscá-la após ser entregue como garantia para a Companhia Delink.

Fazia um ano que o próprio Lawrence havia chorado, ele havia esquecido — o choro consumia uma quantidade surpreendente de energia.

"Ainda assim, é mais rápido que uma carroça," respondeu Lawrence vagamente, olhando os papéis que havia comprado de Col.

"Eu tenho minhas dúvidas," disse Holo.

O barco balançando começou a parecer um berço.

As ondas do oceano podiam facilmente deixar alguém doente, mas o movimento suave do rio era bastante propício para cochilar e estava longe de ser desagradável.

"Aquele garoto, ele é muito sério."

"Hmm? Ah, sim."

Holo estava assistindo Col mover carga no píer.

Assim como ela disse, Col estava seguindo as instruções de Ragusa sem reclamar, enquanto ajudava na preparação de mercadorias para embarque. Ele não conseguia carregar as grandes sacolas cheias de trigo do barco de Ragusa; então, carregava sacolas menores a bordo, que pareciam estar cheias de algum tipo de leguminosa.

Observando-o trabalhar, Lawrence mal podia imaginar que este era o mesmo garoto que gritou "Mestre" enquanto se agarrava a um fio de esperança.

Os seres humanos eram capazes de feitos incríveis quando pressionados.

"Ah, de fato, para ser enganado do jeito que foi, ele teria que ser sincero."

Dada a quantidade insignificante de um *trenni* e oito *lute*, Lawrence imaginou que Col foi extorquido de tudo o que tinha.

A maioria das pessoas enganadas era bastante sincera, gananciosas ou não. Eles nunca imaginavam que a história que lhes era contada era uma mentira.

"Ouvi em algum lugar que quanto mais sério o homem, mais fácil ele é como alvo." Holo voltou à boa forma.

Lawrence se distraiu com o maço de papéis.

"Heh. Então, você encontrou algo interessante?"

"…Algumas coisas, suponho."

"Hmph. Por exemplo?" perguntou Holo, olhando casualmente para o píer, quando algo pareceu surpreendê-la.

Lawrence seguiu o olhar e viu uma mula carregada com tanto peso que parecia à beira do colapso.

Ragusa e Col estavam carregando mercadorias na mula de um mercador viajante.

Sua expressão era meio que um ato, mas Holo fez uma careta como se ela simpatizasse com a besta.

"Por exemplo, veja. Uma carta solicitando moedas de cobre."

"Moedas de… cobre? Por que você compraria logo dinheiro? Ainda existem pessoas naquele esquema?"

"Não, isso é só porque eles precisam dessas moedas. Eles pagaram um pouco acima do preço de mercado, veja. 'Normalmente, os custos de transporte e os direitos aduaneiros são de responsabilidade do comprador.' Isso é prova de compras regulares."

"Hmm… espere um pouco. Sinto como se já tivesse ouvido algo do tipo. Por que eles fariam isso…? Acho que me lembro…" Holo fechou os olhos enquanto rugas apareciam na sua testa franzida.

Além de especulação, haviam várias razões para comprar moeda.

Mas no caso das moedas de cobre de baixo valor registradas na folha, havia apenas uma.

Holo olhou para cima e sorriu. "Entendo. São para pequenas negociações!"

"Oh ho, você anda prestando atenção."

Holo se encolheu e sorriu com os elogios de Lawrence.

"De fato," continuou Lawrence. "Elas estão sendo compradas especificamente para serem usadas como moeda de troca. Se alguém quiser comprar algo, mas você não tiver troco, o negócio não será feito de forma apropriada. Viajantes constantemente levam essas moedas de menor valor para fora da cidade. Essa moeda provavelmente está cruzando o canal através de Kerube. O reino insular de Winfiel fica do outro lado do canal e é famoso por ter pouco dinheiro de troca. É por isso que a moeda que circula dessa maneira é chamada de 'moeda de rato'."

Holo olhou para ele sem expressão.

Algo no rosto dela fez Lawrence querer cutucar o nariz com o dedo.

"Quando a guerra é iminente ou a situação de uma nação é instável, viajantes e dinheiro fluem para fora da região, como ratos fugindo de um navio afundando — daí o termo."

"Entendo. Uma expressão bastante apropriada."

"De fato, eu gostaria de conhecer quem a inventou… hmm?"

Enquanto continuava a ler o papel em questão, Lawrence parou de falar quando seus olhos notaram algo.

Ele sentiu como se já tivesse visto o nome da empresa em algum lugar.

Um pequeno grito veio da direção do píer enquanto Lawrence tentava se lembrar por que o nome parecia familiar.

Quando olhou para cima, viu Col prestes a cair da borda — mas, felizmente, ele se livrou do afogamento quando Ragusa o agarrou pela gola e o puxou para cima; ele se contraiu como um gatinho indefeso.

O que Lawrence ouviu a seguir eram risos e o que viu foi o sorriso tímido de Col.

Ele não parecia ser de má índole.

O julgamento afiado de Holo sobre as pessoas parecia ter sido confiável mais uma vez.

"Então? O que foi?" Ela perguntou.

"Hmm? Ah, sim, o nome da empresa que está escrito aqui… sinto como se tivesse visto em algum lugar. Talvez tenha sido em algum outro papel."

Enquanto Lawrence os folheava, o barco subitamente ganhou peso.

Ragusa e Col haviam terminado seus trabalhos e retornado.

"Muito bom. Você é muito trabalhador — disse Holo a Col, que havia retornado à proa do barco, e seu rosto rígido ficou um pouco mais suave."

Ele provavelmente era um rapaz quieto por natureza, mas parecia ter notado Lawrence folheando a pilha de papéis como se procurasse alguma coisa.

O rosto de Col estava curioso enquanto observava Lawrence. "Infelizmente, não há nada que valha dinheiro aqui," disse Lawrence sem olhar para cima; ele sentiu o garoto se encolher.

Holo sorriu levemente, dando um soco no ombro de Lawrence como se dissesse: "Não o provoque."

No entanto, Lawrence entendeu as esperanças do garoto.

Ele próprio já foi atraído por algo semelhante. "Ah, aqui estamos nós."

"Oh?"

Lawrence pegou uma única folha de papel.

Ainda estava limpa, e a escrita era organizada.

Era datado de aproximadamente um ano antes e parecia ser um registro dos vários bens que a empresa havia carregado a bordo de um navio. Se houvesse omissões quando os registros foram inseridos, eles

não poderiam ser alterados, de modo que este funcionava como uma espécie de rascunho. Portanto, a lista aqui não teria diferido do que foi realmente anotado nos livros de contabilidade e incluía descrições claras de mercadorias, quantias e destinos.

As redes de informações de empresas como essas, embora isso não fosse regra, traziam relatórios de filiais distantes e aliados e, quando somadas à coleta proativa de notícias de fontes locais, eram como uma montanha de joias para um mercador independente.

Olhar para uma lista dos produtos que uma empresa estava enviando para locais distantes era como olhar para um espelho refletindo as informações que a empresa havia reunido.

Claro, era preciso saber interpretar esse conhecimento. "É por isso que não dá para estimar um valor para esse tipo de coisa."

"Er, hum, quero dizer—" Col estava atrás de buracos na bolsa de moedas de Lawrence, mas confuso, ele desviou o olhar.

Lawrence sorriu, depois se levantou e estendeu a mão. "Aqui."

Col olhou para Lawrence com perspicácia, depois voltou os olhos para o papel.

"Vê? 'Registrado por Ted Reynolds, da Jean Company', é o que está dizendo."

O balanço do barco dificultava a leitura. Apesar do frio, Lawrence saiu debaixo do cobertor e se sentou ao lado de Col. O garoto olhou para Lawrence com apreensão, mas seu interesse parecia estar no papel.

"O que mais?" ele pressionou Lawrence infantilmente, seus olhos tinham um tom azul enevoado.

"Seu destino é uma nação insular além do canal de Kerube, rio abaixo. Chama-se reino de Winfiel. Ah, também é o lar das raposas." Essas últimas palavras foram dirigidas a Holo.

Lawrence viu seus ouvidos tremerem sob o capuz.

Mesmo que ela não pretendesse perseguir a mulher, Holo parecia não ter sentimentos calorosos por ela.

"De qualquer forma, este é um memorando de uma variedade de produtos diferentes coletados no porto de Kerube que seriam vendidos para outra empresa — o nome não está aqui — em Winfiel. Estes são os bens. Você pode ler?"

Para esta pergunta, Col respondeu: "Um pouco."

Ele apertou os olhos como se sua visão fosse fraca, encarando atentamente as palavras escritas na página.

Sua boca parecia colada por um tempo, mas finalmente se abriu. "…Cera, garrafas de vidro, livros… fivelas? Chapa de ferro… er… estanho, ourivesaria. E… *ah, nee-?*"

"*Eni*. É uma espécie de moeda."

"*Eni?*"

"Você lê muito bem."

Quando ele era um aprendiz, Lawrence nunca havia ficado mais feliz do que quando seu mestre o elogiou e bagunçou seu cabelo. Ele reconheceu que não era tão áspero quanto seu mestre, então acariciou a cabeça de Col um pouco mais levemente do que seu mestre teria feito.

Col abaixou a cabeça surpreso, depois sorriu timidamente. "Ao lado dos nomes das mercadorias estão os valores e os preços. Infelizmente, não podemos balançar isso no ar e esperar que alguém nos dê dinheiro por isso. Seria uma história diferente se houvessem evidências de contrabando."

"Não existe?"

"Infelizmente não. Desde que eles não escrevam: 'São mercadorias contrabandeadas,' não há como dizer. A menos que eles estejam trazendo algo obviamente proibido."

“Entendo…” disse Col assentindo, olhando para o papel. “Er, então…”

“Sim?”

“E esse papel?”

Sem dúvida, ele queria saber por que Lawrence procurou essa folha em específico.

“Oh, em outra folha havia um registro de uma compra de moedas de cobre, e essa foi a empresa que fez o pedido. Embora sejam feitas do outro lado do mar, em Ploania, elas são uma moeda de cobre usada principalmente em Winfiel para pequenas negociações…”

Enquanto Lawrence falava, um sentimento estranho tomou conta dele.

Ele olhou para cima e depois se levantou.

Em frente a ele, Holo estava vagamente folheando o maço, mas agora ela olhou surpresa. “O que foi?”

“Cadê o outro papel?”

“Aqui.”

Holo entregou para Lawrence uma página com um som farfalhante.

Segurando o memorando na mão direita, Lawrence pegou a folha de pedidos de Holo com a esquerda.

Enquanto olhava de um para o outro, ele descobriu a origem do incômodo.

Os dois documentos eram datados em um intervalo de dois meses. A empresa era a mesma.

As moedas de cobre compradas no papel na mão esquerda haviam sido exportadas no memorando à direita.

“Oh ho. Uma coincidência interessante, de fato,” disse Holo, seu interesse despertando enquanto olhava para os papéis que

Lawrence segurava; à sua frente, Col timidamente tentava ver por conta própria.

Desde o vigarista supostamente operava fora desta área, ele provavelmente teria conseguido esses materiais de alguma empresa ao longo do Rio Roam.

Por coincidência, ele pegou pedidos e vendas a montante e a jusante.

Mas o que deu Lawrence aquela sensação estranha não era a coincidência.

Ninguém era mais obcecado por números do que um mercador. Apenas um adivinho chega perto dessa fixação.

"Mas os números não batem," disse Lawrence.

"Hmm?" Respondeu Holo. Col se inclinou mais para perto — evidentemente sua visão não era muito boa.

"Aqui diz que compraram cinquenta e sete baús, mas a exportação foi sessenta. São mais três.

"…Há algo de errado nisso?"

Lawrence colocou as duas folhas de papel no deque e apontou para os pontos relevantes, mas Holo e Col pareciam confusos.

"Bem, quero dizer… se tratando de dinheiro, para quem fabrica, quanto mais fabrica, mais lucra. Mas como há muito lucro, o número de peças que eles podem emitir é estritamente limitado. Se 'o dinheiro é a raiz de todo mal,' como se costuma dizer, isso é ainda mais verdadeiro para a fabricação de dinheiro. A tentação é muito forte. Então, normalmente, eles são muito cuidadosos em fazer a quantia solicitada."

"Mas eles podem ou não enviar tudo o que têm em mãos, não podem? Se o destino estiver do outro lado do mar e o navio estiver instável, talvez seja necessário enviar menos do que a quantidade usual. Então eles adicionam o restante lá."

Não era uma má ideia, mas apenas três baús de sobra — era difícil de imaginar.

Em todo caso, Lawrence sabia que havia uma circunstância que explicava melhor a situação.

Era natural que um mercador desconfiasse diante de um fenômeno estranho.

"Bem, pode ser que sim, mas no fim se resume a uma questão de confiança. Simplesmente acredito que há algo estranho aqui."

Holo apertou os lábios e deu de ombros. "E então, o que são esses baús? O que os baús têm a ver com a contagem de moedas?"

Lawrence estava prestes a perguntar a Holo se ela estava brincando quando viu Col assentir, evidentemente também confuso.

Confrontado pelos olhares de ambos, Lawrence ficou levemente surpreso — até perceber que havia esquecido que o senso comum de um mercador não era o mesmo das outras pessoas.

"Basicamente, você não carrega uma grande quantidade de moedas balançando em uma bolsa. Leva muito tempo para contar."

"Suas piadas são inteligentes," disse Holo levemente, provocando um sorriso de Col; seus olhos se encontraram.

A sabedoria de um mercador nascia da experiência. E grande parte dessa sabedoria era contraintuitiva.

"Suponha que você precise transportar dez mil moedas. Quanto tempo você acha que a contagem dessas moedas levará? Se você as juntou em um saco, é preciso retirá-las, pegá-las uma de cada vez, depois alinhá-las e contá-las. Para uma pessoa, é certamente meio dia de trabalho."

"Então use dez pessoas."

"Verdade. Mas quando se preocupa com ladrões, duas pessoas são piores que uma, ainda mais três. Se apenas uma pessoa estiver contando, e a contagem sair errada, você só precisa duvidar dessa

pessoa. Mas com dez, você teria que suspeitar de todos eles, e ainda precisa de um supervisor para evitar roubo. Não dá para fazer negócio assim."

"Hum," disse Holo com um aceno de cabeça; Col inclinou a sua com curiosidade. Eles pareciam não entender a vantagem de um baú. "Além disso, você pode não notar que um saco foi roubado enquanto estiverem em trânsito."

"Mas isso não é o mesmo para um baú?"

"…Oh! E-entendi!" Os olhos de Col brilhavam enquanto ele levantava a mão exaltado.

Então ele pareceu perceber que acabara de levantar a mão sem pensar e a abaixou às pressas — como se tentasse esconder um erro.

Holo inclinou a cabeça em curiosidade, mas quanto a Lawrence, ver a reação do garoto foi uma surpresa.

Ele agia como um estudante.

"Você é um estudante?" Ele perguntou.

Certamente teria explicado a curiosidade do garoto, seu discurso estranhamente educado e seu conhecimento surpreendentemente profundo das coisas.

No entanto, Col se encolheu com a pergunta. Quando instantes atrás, ele parecia estar finalmente se abrindo, que a expressão desapareceu, e ele se afastou de Lawrence, o medo transparecendo no rosto.

Lawrence ficou pasmo — mas é claro, ele sabia o motivo dessa reação.

Ele se acalmou e sorriu. "Sou apenas um simples mercador viajante. Está tudo bem, rapaz."

Col tremeu e Lawrence sorriu.

Holo olhou de um para o outro, confusa, mas parecia adivinhar mais ou menos a situação.

"Hmph," ela murmurou, depois se aproximou de Col, que não podia mais se afastar para que não caísse no rio. Ela estendeu a mão para ele.

"Meu companheiro é um mercador ganancioso, mas ele também tem um coração gentil demais, às vezes eu não sei o que fazer com ele. Você não precisa ter medo."

O mesmo sorriso tinha um valor bastante diferente quando usado por uma mulher e não por um homem.

Além disso, os atributos de Holo eram certamente agradáveis.

Ainda assustado, Col tentou se afastar quando Holo segurou seu braço, mas quando ela o puxou para perto, ele parou de resistir — a seu modo, ele era exatamente como Holo.

"Heh. Venha cá, não chore. Está tudo bem."

Havia uma novidade em ver Holo confortar Col com tanta habilidade, talvez porque Lawrence sempre a via de forma mais abrasiva.

As linhas delgadas de seu corpo pareciam incitar os instintos protetores dos homens, mas dentro de seu corpo havia uma loba que protegeu uma vila por séculos — certamente uma criatura digna de ser chamada de deusa.

Mesmo os grandes heróis da região certamente não poderiam se igualar à sua generosidade.

"É exatamente como ela diz. Então, o que você entendeu?" Perguntou Lawrence. Por outro lado, seria melhor demonstrar que ele não tinha interesse no fato de Col ser um estudante e, em vez disso, falar sobre algo totalmente sem relação.

Holo parecia se sentir da mesma maneira, e ela lentamente soltou o braço dele enquanto dizia algo baixinho.

Embora seu medo anterior permanecesse em seus olhos, Col parecia recuperar um pouco de calma.

Talvez fosse por um sentimento de orgulho masculino que ele tentou esconder suas lágrimas enxugando-as e depois olhou para cima. “V-você realmente não vai…?”

“Não. Juro pelos deuses.”

Essas eram as palavras mágicas.

Col respirou fundo e fungou.

Já Holo, ela tinha um olhar complicado no rosto enquanto sorria tristemente.

“E-então… você quer saber por que… as moedas estão em baús?”

“Sim.”

“Não é porque, er… com um baú, as moedas podem ser embaladas de forma mais segura?”

Holo franziu a testa.

“Uma excelente resposta. É só isso. Baús de um tamanho específico são escolhidos e as moedas são embaladas de forma precisa. Desde que a espessura e o tamanho da moeda não mudem, elas sempre se encaixarão perfeitamente, e se uma única peça for roubada, será imediatamente óbvio. Além disso, você sempre saberá exatamente quantas moedas um determinado baú possui. Não há necessidade de guardas nem mão de obra extra para contar moedas. É um sistema superior em todos os aspectos,” disse Lawrence, sorrindo para Col. “Anos atrás, eu nunca teria notado isso. Parece que você é realmente um rapaz educado.”

Col endireitou-se surpreso, depois sorriu timidamente.

Em contraste, Holo parecia totalmente desinteressada. Era difícil saber se ela realmente não tinha entendido a pergunta — seu coração amável poderia tê-la levado a ficar quieta.

"Mas se essa discrepância de três baús realmente apontar para algo fora do comum, isso seria interessante," disse Lawrence, insistentemente, para Holo, que deu de ombros como se dissesse: "Eu já tive problemas com isso."

Se ela estivesse assim agora e se Lawrence decidisse que ele queria perseguir Eve, ela poderia desenterrar mil razões para não o fazer.

"Er, uhm—" Col interrompeu a disputa sem palavras.

"Mm?"

"O que poderia ser 'fora do comum?' Quero dizer, apenas como um exemplo." O sorriso tímido de Col desapareceu, substituído por uma expressão séria.

Lawrence ficou um pouco surpreso e Holo olhou para Col, depois encontrou o olhar de Lawrence.

"Apenas como exemplo, hein? Hmm. Digamos que seria a prova de cunhagem ilícita de moedas."

A respiração de Col ficou presa na garganta. A cunhagem ilícita era um crime sério, de fato.

Lawrence sorriu nervosamente. "Mas isso é um exemplo — apenas um exemplo!"

Desapontado, Col se retraiu.

Era um pouco estranho — ou melhor, ele não parecia alguém que havia sido enganado e só queria seu dinheiro de volta.

Talvez ele precisasse de dinheiro.

Talvez o dinheiro que havia usado para comprar esses papéis era emprestado.

O pensamento ocorreu a Lawrence quando olhou para Holo, que apenas sorriu e deu de ombros.

Holo podia ser capaz de ler as intenções das pessoas, mas suas ideias eram um mistério para ela.

"Só que pensar em várias possibilidades é uma boa maneira de matar o tempo a bordo de um barco," acrescentou Lawrence.

Col assentiu com pesar.

O garoto tinha uma imaginação ousada — ele fez uma tentativa desesperada de chamar Lawrence de mestre justamente quando sua carta de privilégios de impostos falsificados o estava causando problemas no píer. No entanto, ele se revelara um garoto bem-comportado, exceto por sua estranha fixação pelo dinheiro.

E ele era um estudante.

No caminho para a cidade de Ruvinheigen, Lawrence conhecera uma pastora cuja situação despertou seu interesse; esse garoto era mais ou menos interessante.

Como ele chegou nessa região e o que o fez comprar essa pilha de documentos e livros falsos?

Lawrence queria tirar todas as informações do garoto, mas se ele pressionasse demais, a boca de Col se fecharia como um molusco assustado. Era uma história comum — um estudante se perdia em bebidas e jogos de azar e, finalmente, roubava. Ninguém era tão perseguido quanto um estudante que se desviou das suas atividades.

O medo de Col certamente era moldado por ele saber muito bem quão frio o mundo poderia ser.

Então, Lawrence colocou seu melhor sorriso de mercador e perguntou: "Há vários tipos de estudante, então, que tipo você é?"

Metade dos "eruditos" itinerantes no mundo era apenas autointitulados e não haviam feito nem um dia de estudo verdadeiro em suas vidas. Mas Col sabia ler, então ele parecia não ser um deles.

Enquanto Lawrence ajeitava os papéis, a resposta de Col foi hesitante. "Er… L-leis da i-igreja."

"Oh?" Agora isso foi uma surpresa.

Estudando a lei da Igreja — ele pretendia se tornar um padre de alto escalão?

Aqueles que se tornavam estudantes ou estudiosos fizeram isso porque sua família era rica e podiam pagar ou porque queriam uma maneira de se tornar um alto membro da sociedade sem herdar os negócios da família — ou porque simplesmente não queriam trabalhar e, em vez disso, se chamavam de estudiosos.

De qualquer forma, os alunos que estudavam com um desejo genuíno de aprender eram raros.

E entre eles, aqueles que estudavam a lei da Igreja eram ainda mais raros.

Eles não queriam se tornar monges, mas desejavam subir nas ordens da Igreja.

O campo demandava muito esforço, de fato.

"Você foi expulso da escola?"

Esperar que Col respondesse pode demorar até o sol se pôr, então, em resposta à pergunta de Lawrence, Col deu um pequeno aceno de cabeça.

Era esperado que os estudantes contratassem um tutor, alugando um quarto em uma estalagem ou pensionando uma mansão para dar palestras — então, é claro, aqueles que não podiam continuar pagando eram expulsos.

Havia histórias de santos que mandavam pássaros espiar essas lições e depois voltavam para recitá-las — mas até milagres tinham limites.

E Lawrence ouvira dizer que a maioria dos tutores não responderia a uma pergunta sem um presente.

Era um caminho difícil, a menos que alguém viesse de uma família rica ou fosse um gênio em ganhar dinheiro.

"Então, para uma escola nesta área… Erisol, talvez?"

"N-não… era Aquent."

"Aquent?" Lawrence perguntou, olhando surpreso. Col se encolheu como se tivesse sido repreendido.

Os olhos acusadores de Holo eram quase dolorosos.

Mas a cidade de Aquent estava tão longe que Lawrence não pôde deixar de levantar a voz surpreso.

Enquanto observava Holo dar tapinhas encorajadores nas costas de Col, Lawrence acariciou sua barba. "Desculpe. Parecia um pouco longe, só isso. Levaria algum tempo para fazer a viagem a pé."

"…Sim."

"Se bem me lembro, Aquent é um lugar onde sábios e estudiosos se encontram — um lugar onde correntes de água límpida fluem em direção ao centro da cidade, onde as maçãs da sabedoria crescem o ano todo; a conversa trocada em um único dia se compara a todas as palavras de quatro nações e, se você anotasse estas conversas, daria para chegar ao fundo do oceano. O nome da cidade é Aquent, um paraíso da razão e da sabedoria."

"Parece um lugar incrível! E ainda tem maçãs durante todo o ano. Um paraíso, de fato!" disse Holo, praticamente lambendo os lábios. Col pareceu um pouco surpreso, mas logo um leve sorriso apareceu em seu rosto.

Até ele sabia quando Holo estava exagerando. "Hum, isso é… não é verdade," disse ele.

"Hmm? S-sério…?" Respondeu Holo, parecendo muito decepcionada quando ela se voltou para Col.

Talvez se sentindo obrigado devido à bondade que ela tinha demonstrado, Col rapidamente tentou acalmar as coisas. "Er, hum, bem, mas — há muitas frutas diferentes à venda o ano todo nas lojas. Até algumas raras."

"Oh?"

“Como uma fruta peluda desse tamanho, que não se quebra mesmo quando é atingida por um martelo — mas por dentro é um leite doce.”

Ele estava falando do coco.

Quando fosse a estação certa, quando os grandes navios mercantes parassem nos portos quentes do Sul, às vezes você via essas coisas — mas Holo certamente nunca tinha visto um.

E a imaginação poderia correr ainda mais se não tivesse realidade com a qual se ancorar.

Holo olhou para Lawrence.

Os olhos dela brilhavam com uma luz que era inteiramente sincera. “Se virmos um desses, eu te compro alguns.”

Não eram conservas de pêssego com mel, mas eles dificilmente se depariam com cocos, então Lawrence não estava preocupado em manter essa promessa.

Claro, se eles encontrassem alguns, ele estaria com problemas. “Mas, realmente, Aquent não é um paraíso. Há muita disputa por lá,” interveio Col.

“Sem dúvida, as pousadas estão cheias de ladrões. Se você dormir sozinho, suas roupas desaparecerão na manhã seguinte e, se você for a um bar, se envolverá em muitas brigas. Quando os ânimos aumentam, as faíscas também, não duvido que seja assim,” disse Lawrence.

Com uma montanha de estudantes vagabundo que vão desde a idade de Col até a de Lawrence, seria como jogar piratas e bandidos na mesma sala.

Lawrence estava exagerando um pouco, mas o sorriso arrependido de Col não negou nada do que ele disse.

Um lugar cheio de escolas seria realmente animado, para o bem ou para o mal.

"Hum, mas eu conheci alguns professores maravilhosos lá, e eu aprendi muito."

"De fato, ser capaz de ler tão bem na sua idade é impressionante."

O sorriso tímido de Col era incrivelmente encantador.

Holo sorriu também.

"Então, como você chegou até aqui?" Lawrence perguntou, e Col — ainda sorrindo — olhou para baixo.

"Eu tentei minha sorte no comércio de livros…"

"Comércio de livros?"

"Sim. O assistente do meu professor me disse que ele escreveria novas anotações para um determinado livro e, portanto, eu deveria comprar cópias desse livro antes que o preço subisse…"

"E você?"

"Sim."

Lawrence habilmente manteve o rosto neutro.

Quando um erudito famoso escrevia notas sobre um determinado livro, os pacotes do livro com as anotações vendiam muito bem.

Era bastante comum um estudioso e uma livraria cooperarem — a livraria comprava cópias de um livro impopular e, em seguida, o estudioso escrevia anotações para esse livro.

A escassez levava a preços crescentes, o que, por sua vez, trazia maior atenção.

Isso era bastante plausível que em cidades com escolas ou universidades nas proximidades, falar de um planejamento acadêmico para anotações de escrita para este ou aquele livro seria comum.

Um mercador poderia facilmente comprar peles de ovelha ou farinha de trigo um ano antes de vendê-lo, mas o negócio editorial era

menos confiável do que o clima de amanhã, e Lawrence nunca se envolveu nele.

Mas Col, que aparentemente nunca havia olhado para a avareza e o clamor ao seu redor, em vez de se dedicar ao estudo, não tinha a menor ideia das armadilhas desse negócio.

O que Col investiu não foi em um negócio. Foi uma fraude magnífica.

"Eu sabia que não tinha dinheiro suficiente para levar meus estudos até o fim, então pensei em tentar lucrar. E o preço do livro estava subindo quase todos os dias, então eu sabia que se quisesse ganhar dinheiro, teria que comprar em breve. Mas eu não tinha o suficiente, então pedi o dinheiro de um mercador amigo do assistente."

Foi uma armadilha de livros didáticos.

O aumento do preço foi um ardil por parte da livraria ou surgiram rumores que levaram ao aumento da demanda.

E, à medida que o preço começava a subir, mais e mais pessoas passavam a acreditar que os rumores de novas anotações eram verdadeiros, o que elevava ainda mais o preço.

Depois disso, era uma ótima aposta ver quem seria o azarado.

Se houvesse alguém mais tolo, este poderia vender para obter lucro.

Mas não é raro o comprador original ser o maior tolo.

Lawrence esperava que Holo estivesse revirando os olhos com a história, mas quando ele a olhou, ela observava Col com uma expressão de profunda simpatia — uma expressão que ele nunca tinha visto antes.

Não era muito engraçado.

"Mas por alguma razão, o professor não escreveu as anotações, e… o livro ficou realmente barato," Col terminou com um sorriso

envergonhado, e com a história terminando exatamente como Lawrence havia imaginado, ele entendeu.

Col tropeçou em uma armadilha e até pediu dinheiro emprestado para comprar livros.

Obviamente, ele não podia mais pagar sua mensalidade, isso sem falar em comer ou pagar a dívida — então ele havia fugido rapidamente.

Ele poderia ter acabado em uma cidade do norte como essa porque as conexões entre os estudantes eram mais fortes do que as de qualquer mercador desajeitado. Havia tantos estudiosos indiferentes nessa área que era fácil acompanhar quem estava em qual cidade.

A maioria das escolas e estudiosos ficavam no Sul, mas em uma cidade grande o suficiente, havia pessoas que tentavam aprender de graça com os pregadores da esquina. Quando Lawrence e Holo estavam em Ruvinheigen, grupos de jovens parecidos com Col se reuniam para ouvir.

Mas, quando Lawrence e Holo chegaram a essa região, esses grupos desapareceram.

Estava frio, afinal, e passar o inverno era difícil. "Então, depois eu, er, comecei a viajar, dependendo da caridade, e acabei por aqui. Ouvi que no inverno muita gente passar por aqui, então haveria muito trabalho."

"Ah, as campanhas de inverno, hein?"

"Sim".

"Entendo."

Mas, quando Col fugiu dos cobradores de dívidas e se dirigiu para o norte, as campanhas de inverno foram canceladas e não havia trabalho. Para sobreviver durante o inverno a esse ritmo, seria preciso o pouco dinheiro que ele tinha em mãos.

Foi quando o misterioso vigarista apareceu.

Embora Col tentasse estudar a lei da Igreja, parecia que o tratamento de Deus com ele tinha sido frio.

Ou talvez isso tenha sido um teste de Deus.

"E assim, depois de todas essas voltas e mais voltas, você veio parar no nosso barco," disse Holo.

"Sim, parece que sim."

"É um encontro incrível. Você não diria?" Voltando-se para Lawrence, Holo sorriu.

As bochechas sujas de Col ficaram avermelhadas.

"Embora não se possa dizer que tenha sido uma viagem feliz, deu certo no final. O mundo é realmente cheio de malícia, mas existem algumas armadilhas que é possível evitar quando se sabe sobre elas — no fim das contas, a ignorância é um pecado. Mas você não precisa mais se preocupar," disse Holo, orgulhosa. Se o capuz estivesse puxado para trás, suas orelhas certamente estariam se contorcendo.

A calma maternal que ela possuía um momento atrás já desapareceu?

Não, espere, pensou Lawrence.

Ele percebeu que Holo era assim porque, apesar de ter dito coisas tão corajosas quando estendeu a mão para Col, ela não pretendia assumir essa responsabilidade.

"A ignorância é… um pecado?"

"Certamente. Mas você não precisa se preocupar. Afinal, meu companheiro resistiu a todos os tipos de adversidades para se tornar um excelente merca… mmph…!"

Enquanto olhava para Holo com os olhos estreitos, Lawrence colocou a mão sobre sua boca grande.

Depois que ela parou de murmurar, ele percebeu que ela tentava mordê-lo, então ele afastou a mão.

“Talvez você queira ensiná-lo com todo o conhecimento e experiência que adquiriu?” Disse Lawrence.

“Hmm? Você certamente diz as coisas mais estranhas, senhor. Apesar de eu ser uma garota na tenra idade, você está dizendo que seu conhecimento e experiência seriam inferiores aos meus?”

“Urgh—”

Devido à necessidade de esconder sua verdadeira natureza, Lawrence não podia dizer nada para refutar Holo, mas ela podia falar como quisesse.

Col ficou perplexo ao olhar para os dois.

Os olhos vermelhos de Holo pareciam estar sorrindo, mas ela não fez nenhum movimento para recuar.

Embora ela tenha exaltado alegremente a simpatia do garoto, era Lawrence quem estaria em uma posição ruim se fosse forçado a bancar o mentor — embora ele soubesse que um poderia evitar problemas caso aprendesse com outro. O que Col realmente precisava aprender não era onde estavam as armadilhas, mas como procurá-las.

Não era algo fácil de ensinar em um dia. Holo sabia disso muito bem.

E, no entanto, ela estava pressionando para que Lawrence fizesse isso de qualquer maneira.

“Por que você cuidou tão bem de mim, hein?” Holo pegou na ponta da orelha e sussurrou as palavras em seu ouvido. “Foi porque eu era tão adorável? Você é um homem tão superficial?”

“Essa—”

Essa não era a única razão, mas certamente era uma delas.

Se ele se recusasse a emprestar sabedoria e ajuda a Col agora, não teria como refutar a acusação.

O olhar de Holo o perfurou.

"Tudo bem — tudo bem! Agora pare," disse Lawrence. Se ela continuasse esticando sua orelha, poderia ser perigoso.

Holo finalmente o soltou. "Muito bem. Esse é meu companheiro," ela disse com um sorriso satisfeito, sacudindo suas orelhas.

Lawrence queria rebater, mas não havia como dizer o nível de raiva que ele teria que lidar se o fizesse. "Então, o garoto em questão realmente quer aprender?"

Ele voltou o olhar para o perplexo Col.

Col, que parecia um filhote, certamente sabia quem era o dono de quem, assim como um cachorro poderia dizer.

Embora ele tenha ficado boquiaberto por um momento com a pergunta repentina, ele era um garoto esperto.

Col endireitou a postura e respirou fundo. "Eu ficaria honrado em receber sua instrução."

Holo assentiu, satisfeita.

Claro, não era ela que iria ensinar. Lawrence coçou a cabeça e suspirou.

Embora ele gostasse de ensinar, ele não estava confortável com todas as formalidades necessárias.

Mas não podia deixar que isso o impedisse.

Afinal, não foi apenas a bela forma de Holo que o levou a trazê-la junto com ele.

"Acho que não tem outro jeito. Agora você está realmente viajando conosco."

Assim que Lawrence acabou de falar, o barco balançou levemente.

Col ficou vermelho e Holo deu um suspiro exagerado.

Embora Lawrence lamentasse ter dito isso, Holo falou.

"Não precisa se preocupar. É isso que eu amo em você."

Capítulo III

Ao instruir o aparentemente iludido Col, Lawrence sabia que se tentasse mostrar exemplos de todas as fraudes ou golpes possíveis, não haveria fim para isso.

O que ele precisava ensinar era como ter um discernimento que ajudaria Col a evitar ser enganado.

Depois disso, uma vez que Col conhecesse uma ou duas maneiras de ganhar dinheiro, ele provavelmente seria capaz de economizar um pouco, desde que não sucumbisse à ganância.

É claro que vencer a ganância era uma das coisas que os humanos mais tinham dificuldade.

"Quando alguém lhe conta sobre uma boa oportunidade, precisa pensar em como ela será beneficiada. Não considere apenas as circunstâncias que lhe trarão ganhos — considere também como você

está perdendo. A maioria dos golpes pode ser evitada simplesmente fazendo isso."

"Mas as coisas às vezes vão bem e às vezes não, não é?"

"Claro. Mas quando você está sendo enganado, o lucro geralmente é bom demais para ser verdade. Quando o equilíbrio entre lucro e perda é suspeito, é melhor sair. Portanto, se o ganho for grande ou a perda for muito grande, não entre nessa."

"Mesmo que o ganho… seja ótimo?" Assim como seria de esperar de alguém que quisesse aprender o suficiente para pagar por isso, Col era dedicado e inteligente.

Embora Lawrence relutasse em aceitá-lo, o garoto era rápido o suficiente para aprender, logo ensiná-lo era agradável.

"Você não parece acreditar muito nisso," disse Lawrence.

"Er, bem… não muito."

"Na vida, é melhor supor que coisas ruins vão acontecer, em vez de coisas boas. Você não pode olhar para o sucesso de outra pessoa e assumir que isso acontecerá com você. Há muitas pessoas no mundo, então faz sentido que uma ou duas delas tenham sorte. Mas você é um só. Assumir que a sorte chegará até você é o mesmo que apontar o dedo para uma pessoa aleatória e prever que o mesmo ocorrerá com ela. Mas você acha que essa previsão se tornaria realidade?"

Ao repetir para outra pessoa as palavras que seu próprio mestre havia falado para ele, Lawrence sentiu o peso delas.

Se ele tivesse conseguido praticá-los um pouco mais fielmente, suas próprias viagens com Holo poderiam ter sido um pouco mais tranquilas.

"Então, levando tudo isso em conta, se voltarmos aos documentos com os quais te enganaram…"

Holo preguiçosamente observava a explicação.

A princípio, parecia que ela estava prestes a tirar sarro da palestra levemente pomposa de Lawrence, mas eventualmente ela parecia estar simplesmente gostando da conversa.

O barco deslizou facilmente rio abaixo e, embora estivesse frio, não havia vento.

O clima era estranhamente estável, diferente de quando Lawrence viajara sozinho, mas também diferente de suas viagens só com Holo. Seja como for, o clima se encaixava perfeitamente; era uma sensação estranha e saudosa.

Enquanto Lawrence ensinava, ele se perguntou que sensação era essa.

Holo não estava ao lado dele rindo maliciosamente, mas quando ele se virou, lá estava ela atrás dele, com um sorriso suave no rosto.

Eles estavam em um rio no meio do inverno, então o que era esse calor?

Lawrence não sabia. Ele não sabia, mas fazia seu corpo parecer leve.

A conversa tornou-se tranquila e, quando Col começou a entender o raciocínio de Lawrence, Lawrence começou a entender as perguntas de Col.

A sorte pode não aparecer com frequência, mas os encontros afortunados pareciam ser bastante comuns.

Era esse tipo de momento.

"Ha-ha. Estou interrompendo alguma coisa?" Veio a voz de Ragusa de repente, e Lawrence sentiu como se tivesse sido acordado de um sonho.

Col parecia igualmente abalado e, quando recuperou a compostura, sua expressão o fez parecer como se não tivesse muita certeza do que estava fazendo.

"Er, de jeito nenhum… Algo está errado?"

"Só que o próximo posto de controle será o último do dia. Pensei que você quisesse comprar algo, só isso."

"Ah, entendo." Lawrence trocou um olhar com Holo. Ela verificou o conteúdo da bolsa que continha suas provisões alimentares — mesmo compartilhando pão com Col, eles teriam bastante.

"Temos o suficiente," disse ela.

"Aparentemente temos de sobra," disse Lawrence para Ragusa.

"Sim, que bom que tem. Mas…" Ragusa se espreguiçou, depois se apoiou na pilha de carga, com um sorriso largo no rosto. "Parece que uma mentira se tornou verdade. Ele está indo muito bem como aprendiz!"

Ragusa estava obviamente se referindo a Col, que olhou embaraçado.

Ao contrário de alguém que inflava o peito com qualquer elogio.

"Eu contratei meninos muitas vezes antes, mas eles raramente ficavam por um ano. E quando se trata de trabalhar sem precisar ser gritado ou açoitado, olha… esse rapaz é um milagre!" Ragusa sorriu.

Sem dúvida concordou Lawrence.

Os eruditos errantes eram desprezados — eram inaptos, sim, mas também não trabalhavam e não faziam nada para ganhar algum tipo de confiança.

Apesar de ter sido encurralado, Col trabalhou duro para encontrar o seu caminho e levava os ensinamentos de Lawrence a sério — mais que o suficiente para ganhar confiança.

Piscando os olhos rapidamente pelo elogio inesperado, Col pareceu não entender.

Holo sorriu, a mais feliz entre todos.

"Então, eu tenho algumas demandas no próximo posto de controle."

"Ah, sim — por favor, deixe-me ajudar."

"Ha-ha-ha! Cuidado, você será repreendido por seu professor!"

"Eh?" Disse Col, confuso, ao qual Lawrence sorriu impotente e falou.

"Esse garoto não quer ser nem mercador nem barqueiro. Não é mesmo?"

Col olhou com seus olhos azuis pálidos, retornando o olhar de Lawrence, depois o de Ragusa; então ele parou.

Estava claro que ele estava pensando com todas as suas forças. "…Sim. Er, eu quero estudar a lei da Igreja."

"Bem, veja se isso não é uma pena."

"Veja como são as coisas," disse Lawrence.

"Acho que vou desistir, então, se ninguém quiser tê-lo apenas para si. Acho que são sempre os deuses que ganham no final, não é?" Ragusa suspirou bem-humorado, depois se afastou e pegou o remo.

Pessoas de confiança estavam sempre em demanda, não importa a carreira.

"Hum…?"

Lawrence riu. "Ele está apenas dizendo que se você continuar estudando assim, acabará acabando como um estudioso."

"Ah…" Col assentiu incerto, e quando o barco se aproximou da doca, ele correu até Ragusa quando este o chamou.

Lawrence ficou pensando nas palavras de Ragusa.

Realmente pareciam ser os deuses que lucravam no final.

"Você parece arrependido," disse Holo.

Lawrence suspirou, depois assentiu. "Ah, sim, acho que me senti um pouco decepcionado."

"Ainda assim, você terá outras chances."

Lawrence olhou para Holo, um pouco surpreso com as palavras dela. “Então você acha que está me ajudando a me tornar um mercador melhor?”

“Você não chega no topo até ter um aprendiz.”

Então era sobre o aprendiz?

Era verdade que Lawrence dissera a Holo que ele sentia que suas aventuras terminariam assim que ele abrisse uma loja.

Holo disse a ele para conseguir um aprendiz.

“É um pouco cedo para isso, no entanto.”

“É mesmo?”

“É sim. Talvez daqui a dez ou quinze anos.”

Alguns anos antes, Lawrence nunca seria capaz de pensar daqui a dez anos, mas ele estava atingindo a idade em que agora estaria olhando mais à frente.

No passado, ele poderia muito bem ter pensado que o futuro poderia ser qualquer coisa, mas agora essas escolhas não estavam mais abertas para ele.

“Daqui a dez anos — mm, talvez até você seja um pouco mais viril.”

“…Do que você está falando?”

“Oh, devo explicar?” A julgar pelo seu sorriso, Holo estava escondendo algo importante.

Decidindo que era melhor deixar os deuses mentirem, Lawrence desistiu de seu contra-ataque.

“Heh. Inteligente da sua parte.”

“Seu elogio me lisonjeia, milady.”

Holo bateu no ombro de Lawrence, as bochechas deliberadamente inchadas.

Lawrence sorriu em resposta, depois estendeu a mão para o maço de papéis que havia comprado de Col.

Apesar da pausa, a emissão das moedas de cobre foi suficiente para despertar a curiosidade de seu mercador.

Embora Lawrence não estivesse particularmente pensando em lucro — muito menos tentando expor o contrabando da Companhia Jean — a noção de que ele seria capaz de resolver o enigma simplesmente através de uma análise cuidadosa desse pedaço de papel era emocionante.

"Você certamente é um homem mesquinho."

"O quê?"

"Veja como seus olhos brilham com esse papel. É muito mais divertido do que minha companhia?"

Lawrence não sabia se deveria rir ou não.

Ele sabia com certeza, porém, que se apontasse que Holo estava com ciúmes de uma pilha de papéis, seria atacado.

"É apenas uma diferença de três baús. Por que isso é tão interessante?" Holo perguntou.

"Por quê…? Suponho que é por ser divertido pensar nisso. Mas desta vez, se eu estiver enganado, não seremos arrastados para nenhum tipo de confusão. Você não precisa se preocupar com isso."

Lawrence folheou as páginas enquanto falava e logo encontrou uma folha na qual estava escrito o nome da Companhia Jean e depois no outro.

Talvez fosse isso que ele estava procurando.

"…"

Ele sentiu que Holo havia dito algo e olhou para cima. Holo deitou e estava puxando o cobertor. Sob o manto, a cauda balançava descontente.

Sua expressão era de frustração.

"Você é muito hábil em negociar às vezes, sabe" disse ela.

Ocasionalmente, até Holo era fácil de entender.

Ele estava sendo presunçoso, pensou Lawrence, imaginando que o que Holo estava pensando era *está tudo bem que você foque em Col, mas quando ele se for, sua atenção deve se voltar apenas para mim, certo?*

"Bem, então, você gostaria de ajudar?"

"…Suponho que não me importaria."

Lawrence lembrou-se de um tempo atrás, quando Holo não tinha coragem de simplesmente pedir uma maçã.

O rosto dela estava descontente, mesmo que suas orelhas se levantassem alegremente.

"Esta palavra aqui. *Companhia Jean*. Encontre qualquer coisa que mencione isso. Você pode ler, certo?"

"Sim. Qualquer coisa que mencione isso, qualquer coisa mesmo?"

"Sim."

O pacote de papéis de Col era bastante volumoso.

Muitos deles estavam bastante enrugados, talvez tenham sido manuseados grosseiramente ou enfiados em na bolsa durante o roubo.

E como prova de que passaram por muitas mãos, muitas estavam muito manchadas e desgastadas com marcas de dedos.

Provavelmente havia cem folhas no total; Lawrence entregou uma seção a Holo, e eles começaram a procurar pela Companhia Jean.

Lawrence pôde dizer rapidamente que tipo de documento era cada folha e, uma vez que conhecia o tipo de documento, sabia mais ou menos em que parte da página procurar nomes de empresas.

Por outro lado, Holo teve que vasculhar cada página de cima para baixo ou ela corria o risco de deixar o nome passar — e a escrita era muitas vezes confusa.

Era óbvio para Lawrence que ela frequentemente o olhava nervosa.

Sem dúvida, ela achou frustrante ser menos capaz do que ele em alguma coisa.

Lawrence fingiu não perceber e diminuiu a velocidade.

"Você—" começou Holo.

"Hmm?"

Mesmo tendo diminuído ritmo, Lawrence era mais rápido, por isso era absurdo pensar que Holo já suspeitava que ele se autossabotava após apenas um instante.

De fato, em vez de continuar trabalhando enquanto falava, Holo colocou os papéis no chão e olhou para algum lugar distante.

"O que há de errado?"

Holo balançou a cabeça em resposta à pergunta de Lawrence, olhando para as mãos dela. "...Não é nada."

No entanto, nem Holo, que era uma brilhante mentirosa, não podia insistir plausivelmente que não era, de fato, nada.

"Você poderia ser um pouco mais sutil, sabe."

Lawrence esperava que isso a irritasse um pouco, mas Holo parecia ter ido um pouco além.

Ela sorriu com desprezo e depois pegou os papéis para colocá-los em ordem. "Estou apenas pensando em coisas cansativas, só isso."

Finalmente virando uma página com um giro, Holo lentamente fechou os olhos.

"Que tipos de coisas?"

"Coisas realmente cansativas... Fiquei me perguntando que tipo de cidade nos espera uma vez que desçamos o rio."

Com as palavras de Holo, Lawrence olhou rio abaixo.

Nenhum sinal do mar ainda era visível; havia apenas as planícies e o fluxo suave do rio.

Obviamente, a cidade portuária de Kerube ainda não era visível. Mas Lawrence teve a sensação de que a declaração de Holo carregava outro significado.

Além disso, quando Holo chamava algo de "cansativo", não era apenas o fato de ser simplesmente chato.

"Eu só passei por aqui de barco duas ou três vezes, por isso nunca dei uma boa olhada, para ser honesto."

"Não tem problema. Que tipo de cidade é essa?"

Já que ela perguntou, não havia razão para esconder. Lawrence recordou as memórias de suas experiências passadas. "O rio encontra o mar em um amplo delta, e onde não tem pessoas morando, tem tabernas e empresas comerciais que carregam docas e balcões de negociação. As casas estão localizadas nas margens norte e sul do delta. O conjunto é conhecido como Kerube, mas as seções superior, média e inferior não se dão bem."

"Oh ho." Holo olhou para o papel em suas mãos, embora não estivesse claro se ela estava lendo ou não.

"Eu a visitei em um grande navio comercial que conecta nações distantes. Eles pararam em Kerube para abastecer em meio a viagem. Como era um navio grande, ele não podia navegar no delta raso, então fizemos a viagem em barcos menores."

Lawrence parou ali para verificar a reação de Holo.

Se era isso que ela queria saber, teria sido mais rápido simplesmente deixá-la ver o lugar quando chegassem — mas Holo não parecia pensar assim.

"E então o que você viu quando subiu o delta?" Holo estava olhando vagamente para o papel em sua mão, mas seu foco parecia estar em um ponto muito além dele.

Vendo-a assim e explicando as vistas de Kerube para ela dessa maneira, Lawrence sentiu como se estivesse liderando uma pessoa cega.

Mas quando ele diminuiu o discurso, Holo olhou para ele e o pressionou por mais.

Lawrence estava preocupado, mas continuou. "…Certo. Subindo o delta, a primeira coisa que nos cumprimenta são os destroços branqueados pelo vento e pela maré de um navio encalhado. O casco é quebrado em dois, e passamos por ele como se fosse um portão. Uma vez que chegamos do outro lado, fomos cercados por energia e ruído, mas não como no mercado da cidade. Um mercado vende mercadorias uma de cada vez, mas aqui as mercadorias são compradas e vendidas em quantidades que fariam sua cabeça girar — é um mercado para comerciantes. As mercadorias empilhadas lá serão levadas para terras próximas e distantes. Vejamos… ah sim. Existem muitas lojas dedicadas a proporcionar um breve momento de prazer nas viagens longas e difíceis. Dentro delas, bem… provavelmente faria sua testa franzir ao ouvir isso," disse Lawrence com um encolher de ombros deliberado, ao qual Holo riu.

"De dentro dos vários edifícios de dois andares, surgem sons constantes de risadas e alaúde o dia inteiro."

Holo assentiu e, sem levantar a cabeça ou o olhar, perguntou, "Para onde estava indo o navio?"

"O navio?"

"Que você havia embarcado."

"Ah, aquele navio ia para o extremo sul ao longo da costa, chegando a uma cidade portuária chamada Yordos, um lugar conhecido por seus artesãos habilidosos. O navio carregava principalmente âmbar do norte, e a cidade era famosa por isso. Fica ainda mais ao sul de Pazzio, onde você e eu acabamos fugindo pelos túneis, ou até mesmo Pasloe, onde nos conhecemos. O mar é muito quente e escuro por lá."

Lawrence era mais jovem e mais despreocupado; ele não possuía uma carroça e era bastante descuidado com sua vida, enquanto voava de um lugar para outro.

Não fazia parte da conversa, mas não havia comparação entre uma longa viagem marítima passada em uma sala escura abaixo do convés e uma curta viagem de barco no rio.

Na viagem, ele segurou desesperadamente a bexiga de vaca que continha a água potável, tentando não derramar, pois o barco balançava com tanta violência que era impossível sequer sentar-se adequadamente.

E com tanto balanço, um pobre mercador viajante — que dificilmente era um marinheiro — logo seria vítima do enjoo.

Quando não restava mais nada no estômago, ele vomitava sangue e já estava magro e abatido quando o navio atracou.

Foi tão ruim que Lawrence mal podia acreditar que ele fizera a viagem três vezes.

"Mm. Eu não conheça esse 'âmbar' de que você fala."

"O quê? Não conhece?" Perguntou Lawrence, e Holo o fitou com raiva.

Ele tinha imaginado que a vida de uma deusa da floresta a faria conhecer — mas ela também não sabia sobre pirita.

"É a seiva das árvores endurecida no subsolo, parece uma joia. É como… ah, sim. Parece um pouco com seus olhos, na verdade."

Lawrence apontou para o rosto de Holo, ao que ela parecia inconscientemente tentar olhar para seus próprios olhos. Ele não pôde deixar de rir quando ela ficou vesga.

"Você fez isso de propósito," disse ela, mas se fosse realmente isso, Holo não teria dito.

Como Lawrence percebeu que ela estava irritada com o comentário, ele respondeu: “Bem, de qualquer forma, são como belas joias.”

Apesar de sua irritação, Holo não pôde deixar de rir da frase óbvia. “Hmph! Nada mal. Então depois que você saiu daquele navio, para onde você foi?”

“Em seguida? Em seguida fui…” começou Lawrence, quando uma pergunta surgiu em sua mente.

Por que ela estava perguntando tudo isso de repente?

“Você pode me dizer isso, ou pode me dizer qual o destino daquela raposa.”

Talvez Holo tenha pensado que a hesitação de Lawrence se devia à imprecisão de sua memória.

Mas não — ele logo percebeu que não era isso.

Era porque ela tinha medo de até um momento de silêncio — até da quantidade de tempo que ele levava para pensar por que ela estava perguntando tudo isso.

“O destino de Eve, não é? Se ela vai vender peles aos artesãos, ainda irá ainda mais ao sul do que Yordos. Provavelmente uma cidade chamada Urva.”

“Quanto você acha que ela vai ganhar?”

“Hmm… talvez o triplo… embora isso possa ser difícil. Se ela tivesse tanto lucro, nunca mais falaria com um mercador viajante como eu, aposto.”

Ao sorriso de Lawrence, Holo deu um tapa no ombro dele, seu rosto descontente.

Mas seus olhos não se encontraram.

Era como se caso eles se encarassem, ela estivesse com medo de que ele lesse sua mente.

"Ha-ha. Mas isso não é brincadeira — se ela lucrar com uma ou duas mil peças de ouro, chegará nas fileiras dos mercadores de alto nível. Depois que você recebe esse tipo de dinheiro, a coisa certa é contratar ajuda, abrir uma loja, comprar um navio e envolver-se no comércio a longa distância. Compre ouro de nações do deserto e especiarias de terras abrasadoras. Depois, traga de volta artigos de seda ou vidro, volumes de escritas antigas que detalham a história de impérios passados, alimentos e animais exóticos, montanhas de joias do mar, como pérolas ou corais. Um navio cheio dessas coisas retornando com segurança ao porto pode gerar um lucro dez ou vinte vezes do que farei na minha vida. Em seguida, você pode abrir filiais para sua empresa comercial e provavelmente entrar em transações bancárias. Emprestar enormes somas à nobreza local em troca de vários privilégios especiais permite que você assuma o controle da economia local. Então finalmente se torna o mercador oficial para o imperador do sul. Você lida com a ordem da coroa e com o rei, que pode valer duzentos ou trezentos mil *lumiones*. Uma vez que você é um mercador dessa magnitude, pode enviar qualquer tipo de mercadoria para qualquer país de onde estiver, e você é recebido como um rei em qualquer lugar que vá. Seu trono de moedas de ouro está completo."

Era o caminho de ouro que todo mercador já sonhara pelo menos uma vez.

O que tornava isso absurdo era o número de mercadores que trilhavam esse caminho, apenas para terminarem em leis marciais.

No entanto, os comerciantes que usaram a força para exercer domínio marcial eram tantos que mesmo um deus onipotente dificilmente poderia contá-los.

Mesmo se Eve entendesse isso, não havia como saber se as coisas dariam bem para ela.

Para obter os enormes lucros que poderiam ser obtidos através do comércio de longa distância, o navio tinha que chegar com segurança ao porto — e isso não foi uma tarefa fácil.

Lawrence não podia contar com as duas mãos o número de mercadores que ele pessoalmente conhecia que haviam visto toda a sua fortuna desaparecer literalmente sob as ondas.

"É como um caminho de ouro que leva a uma nação de ouro," disse Holo, se divertindo. Não ficou claro até que ponto ela percebeu que a história de Lawrence era fantástica, mas, pelo seu tom, parecia claro que ela entendia que era uma fantasia. "Ainda assim, não parece que seria muito frustrante deixar passar a entrada desse caminho."

Lawrence naturalmente concordou com as palavras.

Não era especialmente frustrante.

Afinal, o caminho que Lawrence desejava seguir não era o caminho do ouro.

Mas ele não pôde deixar de sentir que, se Holo estivesse ao seu lado, ele poderia chegar lá.

Certamente ele poderia chegar àquela montanha de joias, seguindo pelo caminho da avareza que rodopiava com truques e artimanhas, sem ser enganado por demônios e ileso de deuses do mal, avançando a todo momento.

Seria um conto de aventura digno do termo e digno de ser transmitido ao longo dos séculos.

Ele e Holo contestariam uma transação de ouro com um mercador poderoso como seu rival e barganhariam com a família real de uma nação antiga por ovelhas de raça pura. Eles poderiam cruzar espadas com uma armada pirata ou serem traídos por um subordinado de confiança.

Lawrence imaginou o quanto essas aventuras seriam divertidas com Holo ao seu lado.

E, no entanto, por alguma razão, ele teve a sensação de que Holo não queria fazer parte disso.

Então ele perguntou.

"Você não deseja seguir esse caminho?"

Parecendo desinteressada, Holo realmente assentiu. "Vou ter que recusar suas histórias. Seria melhor se elas fossem raras."

Lawrence riu silenciosamente com essa obstinação, ganhando um olhar de Holo.

Ela certamente estava mentindo, alegando que desejava que houvesse menos histórias. O que ela queria era que houvesse menos contadores de histórias. Por exemplo, se Lawrence visse alguém falando triunfantemente sobre a forma adormecida de Holo, ele certamente desgostaria tal pessoa.

"Em vez de falar sobre o caminho do ouro, eu preferiria ouvir sobre o que está além desta vila de âmbar."

Em vez de histórias de aventuras selvagens, ela queria histórias de um dia como o que eles tiveram até agora.

Quanto ao motivo pelo qual ela queria ouvir algo assim, era óbvio.

A sensação que ele sentiu ao descrever o delta de Kerube — quando posto em palavras, ele entendeu imediatamente.

Mas Lawrence apenas fechou a boca e sorriu levemente, e sem dizer mais nada, ele respondeu à pergunta de Holo.

Na vila âmbar, ele vendia ossos e dentes de animais adquiridos no Norte e comprava sal e arenque salgado antes de seguir para o interior. Ele andava a pé, de carroça, ou até ocasionalmente viajava com uma caravana. Ele caminhava pelas planícies, atravessava rios, caminhava pelas montanhas e passeava pelas florestas. Havia ferimentos e doenças. Lawrence se alegrava ao encontrar um mercador que ouvira estar morto e ria ao ouvir rumores de sua própria morte.

Holo ouviu a história feliz, fazendo suas perguntas rapidamente, como se gostasse de ouvir sobre as vastas extensões de terra que ainda não tinha visto, apesar de seus séculos. Como se estivesse surpresa com a frequência de incidentes divertidos.

E como se estivesse imaginando a jornada, sem jamais desejar que fosse mencionada.

Por fim, Lawrence avançava fundo nas montanhas e trocava sal por peles de marta — mas ele parou a história antes disso. Contar mais, ele sentiu, seria uma violação da promessa que eles compartilhavam.

Holo se inclinou ociosamente contra ele e segurou sua mão por espontânea vontade.

A jornada que Lawrence descreveu levara dois anos na realidade.

Talvez o cansaço da longa jornada que os dois haviam empreendido finalmente tivesse se mostrado.

Aquela longa jornada que nunca seria realizada.

Depois de trocar sal por pele de marta na aldeia da montanha, se Lawrence continuasse a história, qual seria a próxima?

Os grandes campos de trigo. A cidade portuária. Se Lawrence continuasse, o círculo da jornada seria fechado e tornaria a contá-la do início.

Mas Holo não o pressionou mais.

Ela sabia que, se quisesse pressioná-lo a falar, essa atmosfera estranhamente onírica seria destruída.

Lawrence se perguntou se Holo estava arrependendo da viagem. Ou ela poderia estar refletindo sobre o quanto foi divertido?

Para Lawrence, eram os dois. Ele se arrependia por ter sido tão divertido.

Sua viagem não iria mais ao sul do que Kerube. Nem eles iriam para o oeste. O que havia além disso era um vasto mundo desconhecido. Embora existisse de fato e pudessem ir até lá, era um mundo em que nunca entrariam.

"No princípio havia a palavra", disse Deus.

E se o mundo tivesse sido criado por essas palavras —

Holo, que era conhecida por alguns como uma deusa, estava emprestando as palavras de Lawrence para criar seu próprio mundo temporário?

Lawrence, naturalmente, não perguntou o que ela esperava conseguir ao fazê-lo.

Holo passou centenas de anos sozinha nos campos de trigo. Ela estava bem acostumada a brincar em um mundo inventado.

Mas olhando para a atordoada Holo, que estava sentada imóvel, Lawrence não pôde deixar de pensar se ela realmente ficaria bem sozinha depois que a jornada terminasse.

Segundo o livro na vila de Tereo, a terra natal de Holo havia sido destruída.

Seria uma sorte se, depois de tanto tempo, os antigos habitantes do local tivessem retornado.

Mas e se eles não tivessem? Isso preocupava Lawrence.

Quando ele imaginou Holo, apática e sozinha à luz da lua, nas montanhas frias e tranquilas, não parecia possível que ela pudesse sobreviver sozinha.

Sem dúvida, ela sentiria vontade de uivar de vez em quando, mas não haveria ninguém que respondesse.

Mas se ele manifestasse algum desses pensamentos, Lawrence sabia que a raiva dela seria como um fogo furioso, e era óbvio que ela não admitiria nada disso. O que ela tinha que reconhecer acima de tudo era que, por mais que Lawrence tentasse, sua solidão nunca seria aliviada.

Seria mentira dizer que Lawrence não se sentia impotente.

No entanto, ele considerou tudo isso quando foi buscar Holo na companhia Delink.

Ele falou forçando alegria; era o mínimo que podia fazer. “Então, o que me diz? Não é uma jornada especialmente emocionante, é?”

Holo lançou um olhar apático para Lawrence e fixou nele por um tempo.

Quando ela finalmente sorriu, pode ter sido porque ela tinha visto algo preso no rosto de Lawrence.

Sentou-se com um esforço exagerado e falou como se fosse um grande fardo. "…você está certo. Mas—"

"Mas?"

A expressão que Holo fez ao olhar duvidosamente por cima do ombro poderia ser uma especialidade dela. "Como é uma jornada tão comum, podemos viajar em um ritmo tranquilo, de mãos dadas, sem excesso de suspense."

Um sorriso malicioso.

Mas não era Holo que tinha um sorriso malicioso.

Era o Deus no céu, cuja intenção era má.

Antes que Lawrence pudesse dizer alguma coisa, a expressão no rosto de Holo desapareceu, como se ela estivesse simplesmente desfrutando de uma diversão leve. Ela virou uma página e deu uma ligeira exclamação. Enquanto ela orgulhosamente pegou o papel e mostrou a Lawrence, não havia nem um traço da emoção de instantes atrás.

Um mero humano como Lawrence dificilmente conseguiria tal feito.

E sendo um mero humano, Lawrence levou um momento para recuperar sua própria compostura.

Holo sorriu com indulgência e esperou. Esta era, na verdade, uma jornada comum.

E pacífica também; Holo estava perto o suficiente para poder alcançá-la e tocá-la a qualquer hora que quisesse.

"Isso é de fato da Jean Company. É um memorando de suas exportações desde o verão passado."

"Humm." Holo fungou. Lawrence não pôde deixar de sorrir para seu jeito orgulhoso, como se ela descobrisse um mapa do tesouro.

Ele simplesmente não podia igualá-la.

"E sim, parece que eles exportaram dezesseis baús. Então isso… não… é…?"

Quando Lawrence comparou o jornal com as outras listas de exportação, ele logo ficou submerso em pensamentos.

Uma frágil bolha surgiu em sua mente; ele queria selá-la no canto mais profundo.

Era um sonho muito doce.

Lawrence não era tão ingênuo a ponto de ignorar a palavra *corrupção*.

"Bem, apresse-se e procure mais papéis," disse Holo, subitamente irritada, agarrando a orelha de Lawrence e puxando-o à força para fora do poço de pensamentos.

Surpreso, Lawrence segurou a orelha e olhou para o perfil de Holo, enquanto ela olhava para o papel que segurava. De repente, ele se lembrou de algo — que ela se ofereceu para ajudá-lo a procurar o nome da empresa na pilha de papéis, porque queria que ele prestasse atenção nela.

Mas, graças à rígida expressão de rejeição da parte dela, ele não conseguiu dizer "Vamos resolver isso juntos."

Era estranho que o que antes era um clima tão calmo pudesse ficar assim tão rapidamente.

O humor de Holo mudava mais rapidamente que o clima nas montanhas.

Ou ele que era lento? Lawrence se perguntou, mas depois disse a si mesmo que aquilo era apenas o capricho do coração de uma donzela.

Embora não estivesse totalmente claro se ela era de fato uma donzela, ele acrescentou silenciosamente.

"Isso é tudo?" perguntou Holo, terminando de olhar os papéis. No final, ela encontrou duas notas.

Combinando com o que Lawrence havia encontrado, havia sete folhas no total.

Desde que não fosse uma empresa especialmente desleixada, documentos semelhantes seriam deixados em locais semelhantes. Quem roubou esses papéis acabou pegando o que podia, sem olhar atentamente o conteúdo.

Como Lawrence supôs, havia uma folha de pedidos e um memorando do verão do ano anterior e outra folha de pedidos para o inverno do mesmo ano.

E em ambas as vezes eles encomendavam cinquenta e sete baús aos fornecedores de cobre e enviavam sessenta baús de moedas de cobre ao reino de Winfiel.

Como Winfiel dificilmente importaria moedas usadas e desgastadas, cada baú teria moedas recém-cunhadas.

Esses três baús extras vinham de algum lugar — mas não havia documentos que diziam de onde.

"Não parece haver algo decisivo aqui."

"De fato, mas mesmo que o nome da Companhia Jean não esteja neles, pode haver alguns documentos relacionados aqui."

"Oh ho. Bem, vamos?"

"Ainda assim, isso pode ser uma prova de que eles realmente trabalham com cunhagem ilegal de moedas," murmurou Lawrence para si mesmo, com uma Holo impaciente ao seu lado.

Cunhar uma grande quantidade seria facilmente percebido, mas se fosse apenas um pouco, a empresa poderia se safar.

Ou então eles poderiam estar experimentando o cobre como uma prévia para a produção ilegal de moedas de ouro.

As possibilidades surgiram na imaginação de Lawrence — ele pensou em quais informações precisaria para provar cada cenário e quais as informações que lhe faltavam. Enquanto ele pensava se havia um ponto de vista diferente a ser considerado, percebeu que Holo, ainda ao seu lado, estava obviamente entediada.

"…" Holo inclinou a cabeça para dobrar seu pescoço, com uma expressão de mau humor em seu rosto. "Você realmente não vai atrás daquela raposa?"

Se assim for, você vai ter que me aturar, ela quis dizer.

"…Se você tem alguma opinião, deve compartilhá-la." disse Lawrence.

Holo ergueu as sobrancelhas, depois com uma expressão exasperada apoiou o cotovelo no joelho e segurou o queixo na mão. Ela parecia um jogador frustrado que estava perdendo na aposta.

O lance de Lawrence não tinha sido bom, ao que parecia.

"Sim, desde que eles tenham algo a ver com enormes lucros."

"…E você acabou de dizer que não queria isso. Além de que —"

"Hmm?"

"Você não se importa quebrar a cabeça, não é? É uma maneira de matar o tempo," disse Lawrence.

Os olhos de Holo se arregalaram o suficiente para surpreender Lawrence, e ela fechou a boca como se estivesse prestes a dizer algo. Ela fechou os olhos, dobrou o maço de papel que mantinha fechado, depois agarrou as bordas do capuz e o puxou sobre o rosto.

"O-o que é isso?" perguntou Lawrence.

Suas orelhas e cauda sacudiram ruidosamente. Quando ela tirou as mãos do capuz, seus olhos brilhavam de raiva.

Enquanto aqueles olhos fixos e inabaláveis olhavam para ele, Lawrence não pôde deixar de recuar verbalmente. "…Por que você está com tanta raiva?"

Seus olhos normalmente âmbar pareciam mais ferro em brasa. “Com raiva? Você disse com raiva?”

Justo quando Lawrence percebeu que ele havia verdadeiramente despertado sua raiva, o vigor drenado da pele eriçada da loba o dominou completamente.

Era como se um copo cheio de água tivesse transbordado.

Holo olhou para ele com olhos fantasmagóricos, agora tão desanimados que parecia que ela estava exausta. “Você… você dificilmente entenderia por que eu diria isso, então tanto faz.”

Holo lançou um olhar de soslaio e suspirou audivelmente.

Ela era como uma mestra que perdeu a energia para ficar com raiva de um aprendiz particularmente incompetente.

E, no entanto, Lawrence teve uma ideia.

Ela está dizendo essas coisas porque está entediada e quer que eu preste atenção nela, ele pensou.

No entanto, ele não disse nada — não porque temia que isso a deixasse ainda mais irritada, mas porque Holo já tinha visto através dele e arreganhou as presas em advertência. “Você faz bem em se preocupar com suas palavras.”

Quando Lawrence começou a aprender com um mestre, o que ele odiava mais do que tudo era ser questionado.

Se respondesse errado, seria algemado, e o silêncio o faria ser chutado.

Evidentemente, o pensamento de Lawrence estava errado.

O que significava que a única alternativa era o silêncio.

“É sério que você realmente não entende?”

Lawrence vasculhou suas memórias.

Ele se endireitou e desviou o olhar.

“Está tudo bem se não entender.”

Com as palavras inesperadas, Lawrence se voltou para ela. Nesse ponto, Holo acrescentou com uma cara séria “Mas eu não vou falar com você até que entenda.”

“O qu—"? Antes que Lawrence pudesse começar a perguntar por que ela faria algo tão infantil, Holo se afastou dele, pegando o cobertor que compartilhavam e envolvendo-o em volta de si mesma.

Lawrence ficou pasmo.

Ele quase perguntou se ela estava brincando, mas se deteve no último momento. Holo era tão teimosa quanto uma criança. Se ela dissesse que não falaria com ele, então não falaria com ele.

No entanto, isso ainda era melhor do que ser subitamente ignorado. Ela se deu ao trabalho de declarar sua intenção, uma tática de alto nível.

Engajá-la sobre suas palavras infantilmente inflamatórias seria indecoroso, e ignorá-la em retaliação seria ainda mais imaturo. E tendo ficado visivelmente perturbado com a declaração de que ela não falaria mais com ele, ele mal conseguia recuperar o controle.

Olhando para os papéis na mão, Lawrence suspirou. Ele pensara que mergulhar nesse mistério seria divertido, mas parecia não ser do agrado de Holo. Ela tinha ficado feliz o suficiente para vasculhar os papéis com ele, então o que era tão perturbador em pensar nas várias possibilidades?

Da parte de Lawrence, ele imaginou que perder tempo pensando em coisas inúteis seria a parte mais divertida. No mínimo, Lawrence aprenderia uma coisa ou duas, graças à mente afiada de Holo.

Ou talvez ela simplesmente tenha aprendido que esse tipo de coisa levava a se envolverem em negócios perigosos.

Lawrence não entendia a mente de Holo.

Ele colocou a papelada da Companhia Jean no topo dos outros papéis como uma forma de começar a organizar tudo.

Holo nem sequer olhou para ele. Mesmo para um mercador, hábil em entender o humor dos outros, Holo não era um desafio comum. Uma punição terrível aguardava qualquer passo em falso.

Enquanto Lawrence pensava, Holo de repente olhou para algo.

Embora ela se afastasse, o convés do barco não era grande. Lawrence logo percebeu e seguiu o olhar dela.

Ela estava olhando rio abaixo.

Assim como ele se perguntou se ela estava preocupada com um barco que estava indo rio abaixo à frente deles, ouviu um som de *plop-plop*, como se algo estivesse derramando.

Ele percebeu que eram na verdade os passos de um cavalo a galope, quando o mesmo cavalo apareceu, voando como uma flecha pela estrada que corria ao longo do rio e ia rio acima.

"O que é isso?" Lawrence murmurou, e quando não houve resposta de Holo, olhou em sua direção, apenas para lembrar que ela não estava falando com ele.

Foi como uma resposta condicionada.

Ele tinha planejado passar por isso apenas conversando consigo mesmo, mas não havia como se esquivar.

Sem dúvida, ele seria ridicularizado por isso mais tarde.

Pensar nisso era deprimente, mas como não conseguia resolver o problema, era um pouco assustador.

Holo emergiu do cobertor, sem dar a Lawrence a menor atenção, e foi calmamente para o cais onde o barco havia atracado.

O galope do cavalo diminuiu quando se aproximou da doca e, pouco antes do animal parar, seu cavaleiro desmontou. O homem usava um manto em volta dos ombros e, de suas roupas, um único olhar tornava óbvio que ele era um barqueiro. Ele pareceu reconhecer Ragusa, enquanto este e Col iam para terra a fim de cumprimentar o

homem. Sem trocar gentilezas, Ragusa e o recém-chegado logo fizeram perguntas e se envolveram em conversas.

Col não tinha como se incluir, então, talvez tentando ficar fora do caminho, ele cuidadosamente se afastou dos dois homens.

Se fosse Lawrence, ele absolutamente tentaria escutar a conversa — então a restrição de Col era louvável.

Independentemente de ela ter feito a mesma estimativa, Holo foi até Col e sussurrou algo em seu ouvido.

Lawrence não podia ouvir o que eles estavam dizendo, é claro, mas Col olhou para Holo, surpreso, e depois para o próprio Lawrence, como se o assunto de alguma forma o envolvesse.

Nessas circunstâncias, dificilmente poderia ser algo amigável. Holo sussurrou no ouvido de Col novamente e assentiu seriamente. Ela nunca olhou para trás na direção de Lawrence.

Embora ele não estivesse preocupado com o desaparecimento de Holo do jeito que ele havia se preocupado no passado, isso apenas lhe deu uma sensação pior — porque Holo conhecia todas as cartas em sua mão.

"Certo! Mestre!" Evidentemente, os barqueiros terminaram a conversa com velocidade típica da profissão, e Ragusa agora se virou e chamou Lawrence com um aceno de mão.

Lawrence não havia mais nada a fazer senão subir no cais.

Holo estava ao lado de Col, com as mãos unidas.

Os dois pareciam mais irmãos do que qualquer outra coisa, então a visão não perturbou Lawrence da mesma forma que Amati.

"O que foi?"

"Ah, minhas desculpas. Parece que teremos que andar um pouco."

"Andar?" perguntou Lawrence quando o outro homem, concluindo seus negócios, remontou seu cavalo e o foi ainda mais rio acima.

Parece que um grande navio encalhou. Agora o rio inteiro está encravado. Todo mundo era tão ganancioso em transportar suas peles, que não percebiam até que fosse tarde demais, e isso começou a se acumular. Aparentemente, agora há um navio afundado no fundo do rio, e eles não conseguem encontrar o barqueiro responsável, então pode ter havido algum tipo de problema."

"Isso é…"

Em tempos de guerra ou quando uma tropa de mercenários passava fome, eles atacavam navios mercantes dessa maneira.

Dadas as planícies enormes e levemente inclinadas dessa região, o rio era raso e calmo o suficiente para ter a passagem bloqueada com um único ataque.

Assim, enquanto um único barco afundava, paralisando os barcos atrás dele, estes seriam atacados. Naturalmente, fazer essas coisas em tempos de paz atraía uma quantidade incalculável de inimizade dos proprietários de terra que coletavam impostos da região.

No entanto, Lawrence podia pensar em uma pessoa que era imprudente o suficiente para fazê-lo.

Não havia mais nada a fazer senão tirar o chapéu para eles.

Era o suficiente para Lawrence realmente querer torcer por Eve.

"Então, o que vai ser?" perguntou Ragusa.

Ele estava perguntando se eles continuariam indo para Kerube ou não. Eles não haviam chegado a meio caminho de seu destino — mas, dito isso, também não seria uma curta caminhada de volta a Lenos.

Se eles tivessem um cavalo, seria diferente, mas os barqueiros estavam mais dispostos a transportar carga do que passageiros.

"Felizmente, não há mercenários na área, então as coisas devem ser restauradas em breve. Mas os outros barcos de carga estão parados. Tirando os que estão desesperados o suficiente para pular na água e nadar, eles não vão a lugar algum. Se eu puder descarregar algumas mercadorias deste barco, terei espaço sobrando, que eu quero

usar para transportar pessoas e cargas dos barcos parados até a costa. Então… me desculpe, mas preciso que você caminhe."

Depois de levá-los a bordo, era incrivelmente vergonhoso para um barqueiro pedir aos passageiros que desembarcassem e andassem por terra. Não importava se as circunstâncias eram culpa dele ou não.

Ragusa era um barqueiro que vivia dentro desse sistema de valores e seu rosto estava nublado.

"Sou mercador, portanto, se você diminuir sua taxa, andarei o quanto for necessário."

Não era uma amizade entre homens de diferentes ocupações, mas Ragusa sorriu tristemente e apertou a mão de Lawrence.

O problema era Holo, mas antes que Lawrence pudesse se voltar para ela, Ragusa continuou falando. "Ainda assim, não posso simplesmente forçar uma donzela a andar neste frio sem qualquer preparo. Ouvi dizer que há alguns companheiros devotos presos naquele rio. Se uma garota que pudesse ser confundida com uma santa estivesse navegando comigo, tenho certeza de que isso recuperaria o espírito deles."

Lawrence ficou um pouco aliviado.

Seu estômago doía com a simples ideia de caminhar junto com uma Holo silenciosa e pouco cooperativa, e mesmo que ela estivesse feliz, passear por esse frio certamente despertaria seu desgosto.

"Então," disse Ragusa, "nesse caso, primeiro precisarei descarregar a carga."

"Eu ajudo."

"Ei, isso soa como se eu estivesse tentando fazer você me ajudar." Ragusa sorriu.

Lawrence só podia ficar impressionado — ele mal podia se recusar a ajudar agora.

"Eu disse 'descarregar', mas na verdade é apenas trigo e feijão. Os baús podem ficar onde estão.

"Então vamos começar?" disse Lawrence, olhando para a carga no barco.

"Sim, vamos!" Gritou Ragusa. "A propósito, eu não pude deixar de ouvir sua conversa mais cedo."

"O qu—?" Sua conversa com Holo já era suficientemente embaraçosa para Lawrence ficar subitamente muito perturbado.

"Ah, não se preocupe! Não ouvi nada que te deixaria preocupado," disse Ragusa com um sorriso tímido. "Era apenas sobre a moeda *eni*."

"O *eni*?"

"Sim. Acontece que é isso que estou carregando agora."

Lawrence imaginou se aqueles baús continham moedas, mas isso era realmente uma coincidência.

Ou isso, ou Ragusa estava mentindo, se divertindo um pouco às custas de Lawrence — mas, pensando nisso, parecia improvável.

Se os baús contivessem moedas de ouro ou prata, eles teriam a presença de guardas, e um mercador como Lawrence nunca teria permissão para andar no mesmo barco.

E o barco de Ragusa estava carregado com dez baús. Se cinquenta e sete baús estivessem descendo o rio no total, isso significava que seriam necessários aproximadamente quatro outros navios desse tamanho.

E como a carga deles teria sido decidida com antecedência, seria difícil carregarem peles para obter um lucro rápido. Então, eles estariam atracados no porto, como de costume, o que tornaria ainda mais provável que Lawrence tivesse embarcado em um deles.

Tudo isso parecia lógico — e se fosse assim, então Ragusa poderia ter algumas informações novas.

Lawrence olhou para Ragusa com o olhar de mercador, e parecia que ele estava esperando por isso.

Ragusa sugeriu com uma piscadela que primeiro descarregassem a carga, sinalizando para Col e Holo (que estiveram ouvindo a conversa) ajudar, depois colocou a mão no ombro de Lawrence e trouxe seu rosto suspeitamente para perto. "Eu mesmo tenho um pouco de interesse no assunto. Há dois anos, a mesma moeda de cobre foi movida em um dia fixo, em uma quantidade fixa — cinquenta e sete baús, rio abaixo, para a Companhia Jean, mas eu nunca havia pensado em quantos baús eram no total. Eram cinquenta e sete baús, divididos em uma certa quantidade e depois levados rio abaixo."

Holo estava trazendo um pouco de comida, água e vinho para Col e dando a ele outra túnica para vestir — a túnica cara que ela havia comprado com o dinheiro de Lawrence.

Surpreso, Col tentou recusar, mas no final, ele foi forçado a colocá-lo.

Col parecia um pouco desarrumado.

Ele parecia ter alguns problemas para andar com a túnica; talvez fosse a primeira vez que usasse uma peça de bainha longa.

"Esses cinquenta e sete baús se tornam sessenta quando saem da Companhia Jean, o que significa que alguém está carregando secretamente mais ou a Companhia Jean está planejando alguma coisa."

Voltando ao barco, Ragusa subiu a bordo e levantou um saco de trigo, que Lawrence pegou e deixou no cais.

Col viu isso e rapidamente pegou os sacos de feijão, que ele poderia carregar.

A disposição do garoto de trabalhar duro impressionou Lawrence, mas ele se perguntou se Col estava apenas tentando escutar a conversa entre ele e Ragusa.

"Agradeço que a Companhia Jean sempre me dê essa carga e confio nos meus colegas barqueiros fazendo o mesmo trabalho. Mas os

tempos são outros. Certamente Deus nos perdoaria se tivermos um parceiro ruim, não é?"

Lawrence não era Col, mas certamente ainda podia ser enganado.

"Claro, é muito cedo para pegar esse papel e ir para a Companhia Jean, mas um desses baús é uma taxa de transporte justa. Se esse for o ponto fraco da Companhia Jean, estaremos em uma situação difícil."

Era o problema que enfrentava a todos os que aceitavam um emprego.

Lawrence pegou o último saco de trigo de Ragusa, empilhou-o no cais e respondeu: "Não tenho intenção de expor a verdade da situação. Estou bastante satisfeito se conseguir construir com segurança este castelo de cartas."

"Então, tenho certeza de que posso deixar escapar os delírios de um mercador viajante — mesmo que eu tenha um acordo," disse Ragusa com um sorriso.

Para Ragusa e seus companheiros, que trabalhariam no rio a vida inteira, a felicidade de seus clientes era uma questão de extrema importância. E, no entanto, ser forçado a trabalhar com um parceiro estranho poderia fazê-lo literalmente afundar. Eles gostariam de saber a verdade, pelo menos, mas o mundo daqueles que viajavam pelo rio era pequeno, e não podiam dar ao luxo de sussurrar um com o outro. Mas um mercador viajante vinha além daquele mundo — isso era diferente.

Lawrence se perguntou se estava pensando demais nas coisas, mas isso era pelo menos próximo da verdade.

Col tirou as coisas de Holo e, sem ser solicitado, pegou as suas, carregando o fardo duplo.

Percebendo o olhar de Lawrence, olhou para ele, mas Lawrence apenas acenou levemente e gesticulou para seguir em frente.

"Certo, então, cuida da minha companheira — tente impedir que ela seja muito inspiradora, certo?"

"Ha-ha-ha. Afinal, ela não pode conseguir mais adoradores. Não se preocupe, não é muito longe a pé. Certamente nos encontraremos ao anoitecer."

Lawrence assentiu, depois olhou para Holo, mas ela já estava deitada, enrolada no cobertor.

Ao olhar para a forma adormecida, ele apreciou profundamente que havia mais de uma maneira de brigar.

Capítulo IV

A caminhada ao longo da margem do rio teve seu preço.

Tendo viajado tanto tempo em uma carroça, embora não estivesse exausto, Lawrence achou difícil acompanhar o ritmo de Col.

Ele se perguntou como seus pés conseguiam manter essa velocidade.

Fazia-o ansiar pelos dias em que ele estava acostumado a viajar a pé e podia viajar duas vezes mais rápido que os invejosos mercadores com carroças, se estivesse com pressa.

"Não há ganho em se apressar," disse Lawrence finalmente.

"Sim, senhor" o garoto respondeu docilmente, diminuindo o passo.

O navio subitamente mais leve de Ragusa havia descido o rio com Holo a bordo e logo desapareceu. Os barcos atrás dele eram todos

maiores e, como estavam parando no posto de controle, o rio estava muito quieto.

A superfície do rio calmo era lisa e brilhante, como a trilha de lodo deixada para trás por um caracol, e era divertido de assistir.

Lawrence quase disse que parecia que havia sido colocado vidro na terra, mas isso parecia um pouco exagerado.

De repente, um peixe espirrou pela superfície, arruinando o olhar vítreo.

"Hum, mestre...?" O peixinho ao lado de Lawrence aproveitou a oportunidade de fazer seu próprio salto.

"O que foi?"

"Sobre o *eni*..."

"Ah. Você está se perguntando se há algum dinheiro a ser ganho?" perguntou Lawrence bruscamente, talvez por hábito de passar tempo com Holo. Col assentiu, o rosto sóbrio.

O garoto achou que ganhar dinheiro era vergonhoso.

Lawrence olhou para frente, inspirando o ar frio pelo nariz e expirando pela boca. "Eu duvido."

"Eu... entendo."

Col estava usando o manto de Holo; quando caiu em desânimo, parecia com Holo caindo em desânimo.

Lawrence se chocou ao estender a mão, mas Col pareceu um pouco surpreso quando sua cabeça foi afagada.

"Embora eu não tivesse imaginado que você teria problemas com dinheiro." Lawrence puxou a mão da cabeça de Col, abrindo e fechando os dedos várias vezes.

Ele esperava que parecesse diferente da cabeça de Holo, mas, tirando a ausência de orelhas, parecia a mesma.

Visto por trás, a única diferença entre as figuras de Col seria a falta de protuberância que a cauda de Holo criava.

"O que você quer dizer?"

"Hmm? Apenas o que eu disse. Mesmo entre estudiosos errantes, os realmente inteligentes têm mais dinheiro do que podem carregar e bebem vinho todos os dias."

Era um exagero, mas definitivamente havia estudantes que ganhavam o suficiente para pagar para ouvir uma dúzia de palestras de um professor até o fim.

Col se envolveu na venda de livros, porque ele não tinha o suficiente para uma única lição.

"Uh, er… eu acho que existem alguns assim, sim."

"Você já se perguntou como eles conseguem o dinheiro deles?"

"…Certamente eles roubam dos outros, eu acho."

Ao olhar para alguém que alcançou algo além da imaginação, é fácil assumir sua desonestidade.

Simplesmente se conclui que ele está usando algum método fundamentalmente diferente.

O palpite de Col dessa vez estava errado.

"Creio que eles estejam ganhando dinheiro da mesma maneira que você."

"Hein?" Col olhou para Lawrence com uma expressão de descrença.

Foi a mesma expressão que Holo usou quando Lawrence a dava uma resposta excelente.

E porque seu oponente não era Holo, ele podia se orgulhar — mas, quando Lawrence percebeu o que estava fazendo, ele riu, se decepcionou e coçou a bochecha. "Mm. E a única diferença entre você e os outros é o esforço."

"…Esforço?"

"Sim. Em sua jornada, você dormiu noites sob tetos emprestados ou pediu comida um dia por vez?"

"Sim."

"Então parece que você pensa que se esforça," disse Lawrence com um sorriso. O rosto de Col ficou tenso e ele olhou para baixo.

Ele estava de mau humor.

"O seu esforço foi perguntar com toda a sinceridade se poderia se abrigar do vento ou da chuva, ou se poderia ter um pouco de mingau quente para aquecer seu corpo frio."

Os olhos de Col giraram para a direita, depois para a esquerda, depois ele assentiu.

"Mas os outros estudantes, eles são diferentes. Estão sempre focados em obter o maior retorno possível. As histórias que ouvi são inacreditáveis. Eles superam até os mercadores."

Não houve reação por um tempo, mas Lawrence não ficou preocupado.

Ele sabia que Col era um rapaz inteligente.

"O que… o que eles fazem?"

Pedir instrução não era algo fácil — e era mais difícil quanto mais inteligente fosse. Quanto mais confiança tinha em si mesmo, mais difícil era pedir ajuda.

Claro, existem pessoas que afirmam que pedir aos outros é mais fácil e começam assim.

Mas essas pessoas não tinham olhos como os de Col.

Lawrence não respondeu imediatamente, ao invés disso, retirou um pequeno barril do pacote que Col carregava, desarrolhou-o e tomou um gole.

Era vinho, destilado a ponto de ser apenas pálido. De brincadeira, ofereceu o barril a Col, que balançou a cabeça precipitadamente.

Os olhos do garoto estavam tingidos de medo. Ele partiu em sua jornada sem saber nada e certamente se deparou com um azar terrível.

"Por exemplo, digamos que você bata na porta de uma casa em algum lugar e tenha um único arenque defumado."

Col assentiu.

"E supondo que fosse bastante pequeno, e quando você remove a pele, quase não há carne, apenas o cheiro e uns restos a mais. Então, o que você faz em seguida?"

"Hum …"

Provavelmente Col já enfrentara essa situação antes, portanto não era mera hipótese.

Sua resposta veio rapidamente. "Eu… comeria metade e guardaria a outra."

"E comeria no dia seguinte."

"Sim."

Lawrence ficou impressionado com o fato de o garoto ter chegado tão longe.

"Então, depois de comer um arenque, você não tentaria tomar uma sopa?"

"…Você está dizendo que eu deveria ir a muitas casas?" Col falou sem admiração; seus olhos pareciam um pouco insatisfeitos.

Para Lawrence, essa conversa dificilmente deixaria de ser divertida.

"Então, há uma boa razão para você não fazer isso?"

Col assentiu, descontente.

Ele não era tão estúpido a ponto de fazer algo sem uma razão. "O motivo de eu ter conseguido comida uma vez… foi porque tive sorte."

"Isso é verdade. Afinal, o mundo não está transbordando de gente boa e gentil."

"…"

Ele havia mordido a isca até aqui.

Holo teria fingido engolir e depois amarrado a linha de pesca no fundo do lago. No momento em que Lawrence puxasse a vara, ele seria arrastado para baixo.

Col não faria essas coisas.

"Nos negócios, quanto mais dinheiro você tem, mais suavemente as coisas correm. Isso porque você tem mais ferramentas. Mas você sempre entra na batalha desarmado. Então sai ferido todas as vezes."

Os olhos de Col vacilaram.

Eles vacilaram, mas logo recuperaram sua vitalidade. Era isso que significava ser inteligente.

"…Então você quer dizer que eu deveria usar o arenque?" O gancho estava pronto.

E pensar que havia tanto prazer no mundo.

"Está certo. Você pega o arenque e, com ele, procura a próxima doação."

"O qu—?" O olhar surpreso de Col foi tão profundo que parecia que nunca iria desaparecer.

E por que ele não ficaria surpreso?

Como alguém que já recebeu um peixe pode usá-lo para pedir outro?

Mas isso poderia ser feito. E facilmente.

"Você pega o arenque. É melhor se tiver um amigo mais novo. Você o leva junto e bate em uma porta. 'Com licença, senhor,' você diz. 'Você vive com devoção pelos ensinamentos de Deus. Olha, senhor — eu tenho um único arenque. Mas eu não posso comê-lo. Por

favor, olhe, senhor — olhe para o meu companheiro. Hoje é o aniversário dele. Se você pudesse nos poupar de bondade e me dar esmolas o suficiente para transformar esse arenque em uma torta para ele comer. Apenas o suficiente para isso, senhor — por favor."

A solicitude era a especialidade do mercador.

Lawrence teve bom desempenho enquanto Col assentia e observava.

"Ouça esse discurso. Quem poderia recusar? A chave é pedir dinheiro suficiente para torta de arenque. Ninguém vai acender o fogão para você, mas se for dinheiro, certamente doará um pouco."

"Ah, er, então você quer dizer qualquer quantia—"

"Sim. Você pega um arenque de casa em casa, e algumas dessas pessoas vão lhe dizer que um arenque não é suficiente, então você terá mais. Então, depois de percorrer a cidade, whoosh."

Col parecia tão atordoado que alguém poderia ter pendurado uma placa que dizia atordoado e ele conseguiria moedas pelo desempenho.

Ele parecia estar sentindo o choque de ter seu mundo inteiro virado de cabeça para baixo.

Havia pessoas incríveis no mundo que podiam imaginar coisas verdadeiramente inconcebíveis.

"Não vou tão longe a ponto de dizer 'A fome não segue nenhuma lei', mas dependendo de como você pensa sobre isso, não há mal em dar esmolas a um erudito errante, e em dar uma pequena quantia faz o doador se sentir bem consigo mesmo, assim ninguém perde. Se você tem dinheiro ou comida extra, pode até dar um pouco ao seu cúmplice. Então, o que você acha? Você aprendeu alguma coisa?"

O que tornava o rosto adormecido de Holo tão atraente era o fato de que sua aparência de loba indefesa parecer inocente.

No entanto, isso geralmente era irrelevante.

O rosto de Col era tão ingênuo diante do choque que, embora ele não fosse tão atraente quanto Holo, ele definitivamente tinha seu próprio charme.

"A ignorância é um pecado." Lawrence deu um tapa na nuca de Col, que suspirou e assentiu.

"Ouvi o ditado 'conheça-te a ti mesmo'."

"Bem, isso é verdade, mas o importante é que..." começou Lawrence, mas depois olhou para trás ao ouvir o som de cascos.

Talvez houvesse homens a cavalo andando no barco que estavam presos no posto de controle.

Eles estavam se aproximando em alta velocidade — mas se eram cavalos ou simplesmente cargas enormes de peles, era difícil dizer.

Um cavalo. Dois. Então três.

Sete no total.

Quantos homens entre eles seriam capazes de perceber os lucros que estavam antecipando?

Mesmo que soubessem alguma coisa, seria difícil transformar isso em lucro.

O importante era —

"O importante é pensar em algo em que ninguém mais está pensando. 'Ignorância é pecado' não é um ditado sobre conhecimento — é sobre sabedoria."

Col abriu os olhos e rangeu os dentes.

A mão que segurava a alça da bolsa sobre o ombro tremia um pouco.

Ele olhou para cima. "Muito obrigado, mestre." Na verdade, apenas os deuses lucram no final.

Era bastante agradável viajar com Col.

No entanto, ele ficou calado sobre o que havia conversado com Holo antes.

Ele estava vestindo a capa com capuz de Holo.

Holo havia muito que deixara seu perfume no garoto. Seria difícil reverter isso.

"Ei, olha lá na frente!"

"Hmm? …Oh, de fato. Parece que se transformou em uma bagunça."

Na planície levemente inclinada para baixo, a vista adiante estava livre de obstáculos.

Ainda havia uma boa distância para caminhar, mas os detalhes principais eram visíveis.

Fiel às palavras de Ragusa, um grande navio estava bloqueando o rio na diagonal e atrás dele havia um emaranhado de embarcações presas na obstrução.

O barco que estava parado perto da margem do rio poderia ter sido de Ragusa.

Também havia muitos homens a cavalo, a maioria dos quais certamente eram mensageiros de nobres, trazendo notícias urgentes.

Muitas outras pessoas circulavam, mas era difícil dizer o que estavam fazendo.

"Parece um festival", disse Col, atordoado, e Lawrence deu uma olhada casual no perfil do garoto.

Talvez fosse porque o garoto estava olhando para longe, mas de alguma forma ele parecia sozinho, como se estivesse desejando sua terra natal.

Lawrence também havia deixado sua pequena vila natal e seu sufocante ar cinza, mas às vezes ainda pensava nela com carinho.

Os olhos do garoto pareciam úmidos, mas o sol estava se pondo, então poderia ser simplesmente da luz que refletia neles.

"Onde você nasceu?" perguntou Lawrence, sem pensar.

"Hã?"

"Se você não quer responder, tudo bem também." Até Lawrence, quando perguntado de onde ele era, nomeava a cidade mais próxima da aldeia onde ele nasceu.

Obviamente, metade da razão pela qual fazia isso era porque ninguém reconheceria o nome de sua aldeia.

"U-hum, é um lugar chamado Pinu," disse Col nervosamente; Lawrence nunca tinha ouvido falar.

"Desculpe, eu não sei onde fica. É no Leste?"

Pelo sotaque de Col, Lawrence imaginou que ele também pudesse ser do Sudeste.

Era um país de mar quente e calcário.

Claro, Lawrence só ouvira histórias sobre isso.

"Não, do Norte. Na verdade, não é muito longe daqui…"

"Oh?"

Se ele fosse do Norte e quisesse estudar a lei da Igreja, ele poderia estar relacionado a imigrantes do sul.

Muitos haviam abandonado suas casas para procurar novas terras no Norte.

Mas a maioria deles não conseguiu se acostumar com o novo local, e as coisas foram difíceis.

"Você está familiarizado com o rio Roef que deságua no Roam?"

Lawrence assentiu.

"É na direção das nascentes de lá — nas montanhas. Os invernos são frios. Mas quando a neve cai, é muito bonito."

Lawrence ficou um pouco surpreso.

Lembrou-se da história sobre Holo que estava no livro emprestado de Rigolo. Dizia que ela havia saído das montanhas de Roef.

Mas quando se tratava de pessoas que vagavam por essa região, as do Sul eram certamente raras.

O rio Roef era bastante longo — a população de sua bacia era certamente famosa.

"Se você for devagar, leva duas semanas. Se as coisas realmente não derem certo, eu estava pensando em voltar para casa," disse Col, envergonhado. Lawrence, é claro, não sorriu.

Exigia uma quantidade inacreditável de determinação para deixar a aldeia.

Se alguém se livrou das amarras da aldeia e saiu ou desfrutou de seu apoio ardente, não se poderia muito bem apenas voltar sem ter alcançado o objetivo.

No entanto, querer voltar para casa era uma emoção que todos sentiam em um ponto ou outro.

"Então você se mudou para Pinu?"

"Me mudei?"

"O que eu quero dizer é se você saiu do Sul para morar lá?"

Col ficou boquiaberto por um momento e depois balançou a cabeça. "N-não, mas há histórias de que a localização original da vila foi parar no fundo de um lago criado em um deslizamento de terra."

"Ah, não, eu apenas quero dizer que poucas pessoas das terras do norte estudam a lei da Igreja."

Os olhos de Col brilharam com as palavras e ele sorriu com um toque de autoconsciência. "Meu mestre — quer dizer, o professor Rient — costumava dizer essas coisas também. 'Se apenas mais pessoas das terras pagãs abrissem os olhos para os ensinamentos da Igreja', ele dizia."

Lawrence se perguntou por que o sorriso tímido de Col parecia tão constrangido.

"Sem dúvida. Algum missionário veio à sua cidade?"

Se tivessem sido missionários pacíficos, seria uma bênção de Deus. A maioria lutava com a espada na mão, praticando pilhagem e assassinato em nome da "reforma".

Mas se esse fosse o caso, Col teria aprendido a odiar a Igreja e nunca teria pensado em estudar sua lei.

"Nenhum missionário veio a Pinu," ele disse, e novamente seu olhar estava fixo à distância.

Seu perfil era de alguma forma terrivelmente inadequado para sua verdadeira idade.

"Eles chegaram a uma vila a duas montanhas de distância — um lugar menor do que Pinu, com muitos caçadores habilidosos em aprisionar corujas e raposas. Um dia, homens vieram do Sul e construíram uma igreja."

Parecia improvável que Col explicasse então que os aldeões haviam escutado com gratidão os sermões dos missionários e aberto os olhos para Deus.

A razão era óbvia.

"Mas," disse Lawrence, "cada vila tinha seu próprio deus; aqueles que se rebelavam contra a Igreja eram…"

Surpreso, Col olhou para Lawrence.

Isso foi mais do que suficiente.

"Acho que você teria que dizer que sou um inimigo da Igreja agora. Você pode explicar o que aconteceu?" Perguntou Lawrence.

Ainda atordoado, Col parecia estar prestes a dizer alguma coisa, mas incapaz de formar as palavras, ele fechou a boca.

Ele olhou para baixo, olhando para um lado e para o outro, antes de voltar a olhar para Lawrence.

"De verdade?"

Era óbvio que Col não estava acostumado a duvidar de outras pessoas. Se ele continuasse assim, sofrimento o aguardaria. E, no entanto, tudo isso fazia parte do charme do garoto.

"Sim, em nome de Deus eu juro."

O rosto estremecido de Col era tão encantador que Lawrence não pôde deixar de dar um tapinha na cabeça do garoto.

"…Ouvi dizer que os chefes de todas as aldeias de nossa região não se reuniam há 220 anos," começou Col. "Eles se reuniram por muitos dias, discutindo se deveriam se curvar à Igreja ou revidar. Pelo que me lembro, a maioria não concordava em manter uma discussão com a Igreja. As notícias que nos chegavam através das montanhas todos os dias eram apenas sobre quem havia sido executado. Mas, finalmente, chegou o inverno, e o líder da Igreja ficou doente, e fomos salvos quando ele deixou a montanha, murmurando que não queria morrer em uma terra pagã como esta. É claro que, se houvesse lutado, conhecíamos as montanhas e havia mais de nós, então teríamos vencido."

Se essa fosse a verdadeira intenção, eles o teriam feito quando a Igreja começasse a tomar ações violentas.

A razão pela qual eles não o fizeram foi porque todos entenderam o que aconteceria se chegassem reforços.

Não era como se nenhuma informação tivesse entrado nas aldeias das montanhas sobre o mundo exterior.

"Mas depois que o líder da Igreja ficou doente e precisou simplesmente se retirar, comecei a pensar."

Assim que ele disse, Lawrence entendeu.

Col era um rapaz brilhante.

Em vez de pensar em suas crenças pessoais, ele escolheu seguir o caminho mais lógico para defender sua aldeia.

Ele percebeu o poder absurdo de usar as vestes de um padre de alto escalão, o poder de começar e terminar vidas humanas à vontade.

Ele estudava a lei da Igreja e se alimentava de suas estruturas de poder. Era assim que Col pretendia proteger sua aldeia.

"E ninguém se opôs à sua decisão?"

Até Holo ficaria emocionada, falando de sua terra natal.

Col enxugou as lágrimas com a ponta do capuz, apertado nas mãos enroladas. "O chefe… e a anciã… me apoiaram."

"Entendo. Eles devem ter acreditado que você conseguiria fazer isso."

Col assentiu, depois parou para enxugar as lágrimas no ombro antes de caminhar novamente. "Eles secretamente me emprestaram dinheiro também… então eu tenho que encontrar uma maneira de voltar à escola."

Sua maior motivação talvez fosse a necessidade de dinheiro.

Aquele que lutava por algo mais era sempre mais forte do que aquele que lutava por si mesmo.

Lawrence não era, contudo, tão próspero que ele poderia se tornar patrono de Col.

Mas ele pode ser capaz de dar uma pequena ajuda ao garoto.

Ensinando-o a ganhar um pouco de dinheiro e a evitar armadilhas, Lawrence poderá trazer um pouco de brilho à jornada do garoto.

"Eu realmente não posso ajudá-lo com seus problemas de dinheiro agora, mas…"

Col fungou. "Oh! N-não, isso não é—"

"Mas sobre essa moeda de cobre. Se você encontrar uma resposta que convença Ragusa, pode haver uma recompensa para você."

A razão pela qual Lawrence não estipulou a resposta foi porque não havia como saber o que era isso sem perguntar à Companhia

Jean. Mas, embora isso fosse impossível, eles poderiam inferir o suficiente da verdade para convencer Ragusa.

Não haveria pecado em esperar uma recompensa por tal coisa.

Era preciso recompensar qualquer um que ajudasse a arrancar um espinho do dedo.

"É claro que o efeito mais útil que isso terá é acabar com o nervosismo da jornada," disse Lawrence com um sorriso, batendo levemente na cabeça de Col.

Embora pelos padrões de Holo, Lawrence estivesse sempre sendo muito sério, comparado a esse garoto, ele era praticamente maduro.

"Ainda assim, há pouco você disse que parecia um festival — você quis dizer que parecia um festival de Pinu? Eles são assim?" Perguntou Lawrence, apontando para a embarcação agora que os detalhes da cena estavam ao alcance da visão.

Uma pequena montanha de destroços dos navios havia sido colhida na margem do rio e, ao lado dela, vários homens acendendo fogueiras e secando suas roupas.

Mas esse certamente não era o evento principal — era a corda que se estendia por baixo da embarcação e os homens na praia que a estavam puxando.

Eles tinham uma mistura de idades e aparências, com sua única semelhança sendo que sua jornada rio abaixo havia sido interrompida por essa calamidade.

Alguns dos mais gananciosos estavam carregando suas cargas e descendo o rio, mas a maioria as colocou de lado e se dispôs a puxar a corda.

Até um cavaleiro estava se juntando ao esforço, de modo que o ânimo estava alto. Alguns homens estavam no convés do navio com remos, impedindo-o de tombar ou ser levado pelas águas — eles erguiam suas vozes em coro junto com o resto.

Col assistiu a cena, extasiado, e depois olhou para Lawrence. “Isso é mais divertido!”

Lawrence conteve as palavras que surgiram ao ver a expressão de Col.

Era difícil imaginar um aprendiz mais adequado, caso ele escolhesse um — e não era apenas porque Holo havia sugerido.

Quando a jornada de Lawrence com Holo terminasse, a estrada fria, dura e solitária do mercador viajante ainda o aguardava. E mesmo que Col não fosse substituto de Holo, o rapaz certamente poderia sentar-se na carroça ao lado de Lawrence.

Mas Col tinha seus próprios objetivos e não existia apenas para a conveniência de Lawrence.

Foi por isso que Lawrence se forçou a não perguntar: “Você quer ser meu aprendiz?” (Embora tenha sido necessário um esforço considerável).

Lawrence resmungou baixinho para os deuses que o objetivo de Col não era se tornar um mercador.

“Suponho que é melhor ajudá-los, então. Puxar essa corda nos aquecerá contra o frio.”

“Sim senhor!”

No instante em que Lawrence e Col começaram a andar, Ragusa acenou com o remo e, com um sorriso, levantou a voz, seu barco deslizando levemente rio abaixo.

Havia uma enorme diferença entre assistir de longe e realmente puxar a corda.

O chão turvo agitou-se quando pisou, e sem luvas, a corda e o ar frio desapareceram impiedosamente na pele das mãos.

Além disso, como a corda estava presa a uma seção do navio que ficava abaixo da linha de flutuação, as pessoas que puxavam se

lançavam contra a resistência inflexível, apenas para que ela deslizasse repentinamente.

Com isso todos naturalmente caíam, e logo estavam cobertos de lama.

Lawrence, os outros mercadores e viajantes começaram entusiasmados, mas assim que as dificuldades se tornaram óbvias, eles visivelmente começaram a perder seu vigor.

Por mais que se esforçasse, as únicas coisas que apareciam eram fragmentos do navio em ruínas; portanto, a moral — assim como o navio — afundava.

E os barqueiros, que haviam se despido no tempo frio para mergulhar na água e prender a corda ao navio, estavam com os lábios azuis e o rosto branco com o frio.

Depois de acender a fogueira, uma atriz viajante e uma costureira — encorajadas por Holo e Ragusa — saltaram para o rio, mas a água estava tão fria que nenhuma quantidade de força de vontade poderia superá-lo. Quando eles se arrastaram de volta para o barco, pareciam terríveis.

Finalmente, incapaz de continuar observando, um barqueiro mais velho gritou. Talvez os barqueiros fossem teimosos demais para admitir que era impossível. Seu rosto distorcido era doloroso de ver.

Uma onda de rendição emanava de Lawrence e do resto. Os mercadores eram rápidos em sair do jogo depois que viam que não havia lucro nele.

Os barqueiros, que viviam suas vidas no rio, pareciam ter toda a intenção de usar pura força de vontade para erguer o navio, mas quando um e outro soltaram a corda e se dobraram com exaustão, pareciam entender que era impossível. Eles realizaram uma conferência em torno de um membro de meia-idade de sua profissão e logo chegaram a uma decisão.

Lenos e Kerube estavam distantes, e o sol logo estaria se pondo.

Se os barqueiros fizessem seus passageiros esperar mais, inevitavelmente deixariam uma má impressão.

Sem mais delongas, o transporte por corda foi encerrado.

Lawrence não negligenciava sua própria aptidão, mas ele raramente tinha a necessidade de fazer esse trabalho. Seu corpo parecia chumbo e as palmas das mãos ardiam como se chamuscadas. Sua bochecha esquerda inchada estava fria o suficiente para não parecer mais dolorosa.

"Você está bem?" Lawrence perguntou.

Col rapidamente se afastou do cabo de guerra. Talvez por causa da atmosfera festiva ao seu redor, ele fez o seu melhor, levado pelo clima e colocando toda a sua força na tarefa.

Mas seu corpo era esguio e ele logo chegou ao fim de sua resistência, retirando-se desculpando-se da tarefa.

"Ah, sim… eu sinto muito mesmo."

"Não sinta. Olhe para todos esses mercadores. Eles gostariam de ter feito o que você fez." Lawrence fez um gesto com o queixo para os pequenos grupos de mercadores sentados aqui e ali, que nem estavam tentando esconder sua irritação com o resultado desfavorável que o investimento de seus esforços havia produzido.

Alguns deles estavam perdendo a paciência — provavelmente aqueles que estavam tentando mover peles rio abaixo.

"Como você planeja nos compensar por essa perda?" gritaram eles.

Se Lawrence também estivesse transportando carga dessa maneira, ele teria sentido a mesma coisa. Embora se sentisse mal pelos barqueiros que eram alvo de tanta raiva, ele não fez nada para intervir.

E a pior parte de toda a situação eram as pessoas a bordo dos barcos que haviam encalhados nos destroços do navio afundado — particularmente um barco aproximadamente o triplo do tamanho do de Ragusa que estava literalmente amontoado de peles. Eles estavam

tentando levar as peles por terra e, olhando para a quantidade, Lawrence podia entender o porquê. Mesmo que não houvesse um navio afundado bloqueando o meio do rio, uma pequena perturbação seria suficiente para emborcar um navio sobrecarregado.

Uma pesquisa rápida não revelava quem era o culpado pela situação.

Lawrence imaginou que eles estavam se escondendo para evitar críticas, mas isso dificilmente parecia covardia.

Não era exagero dizer que, no comércio, quem fosse o primeiro mover seus bens era o primeiro a lucrar. Isso era especialmente verdade nas cidades portuárias, onde grandes navios chegavam carregando grandes quantidades de mercadorias, e até se dizia que, para navios que carregavam as mesmas mercadorias, apenas os dois primeiros a chegar teriam lucro.

Um navio afundando no rio não era uma ocorrência comum, por isso era quase certo que era obra de Eve — era a maneira perfeita de garantir seus próprios lucros e a maneira perfeita de fazer com que aqueles que a seguissem tivessem inúmeros problemas.

Vários homens com aparência de mercador nem estavam reclamando e, em vez disso, estavam desanimados, com a cabeça nas mãos, atormentados pela incerteza de que seriam capazes de transformar suas peles em dinheiro.

Não havia como dizer quantos seriam capazes de manter a compostura.

Dificilmente surpreenderia se eles simplesmente explodissem.

"Então… o que vai acontecer a seguir?" Col perguntou, pegando água pele e entregando a Lawrence.

Col não tinha pressa em chegar a Kerube; ele estava simplesmente observando a cena e fazendo uma pergunta.

"O rio tem muitos proprietários ao longo do caminho e cada um é responsável pelo que acontece em sua seção. Provavelmente o

proprietário desta seção enviará cavalos e homens logo de manhã — com os cavalos puxando, tenho certeza de que eles serão capazes de remover os destroços."

"Entendo..." Col olhou nebuloso para a superfície do rio, talvez imaginando o grupo de cavalos todos presos à corda.

Lawrence levou a água nos lábios enquanto olhava para os destroços, a proa apontando diretamente para fora da água, como se estivesse prestes a pular no ar. De repente, ele ouviu passos.

Ele se virou, pensando que poderia ser Holo, mas era Ragusa.

"Amigo! Desculpe fazer você andar," disse o homem com uma vela, que permitiu a Lawrence ver que a palma da mão grossa estava inchada e vermelha.

Sem dúvida, levar pessoas e mercadorias para a praia com o rio tão apinhado de barcos fora uma tarefa difícil.

O esforço de aproximar seu barco da costa certamente exigiu mais esforço do que seu trabalho habitual.

Se um pouco do casco tocasse o chão, mover a embarcação exigia uma força fora do comum.

"Tudo bem — não me importo de caminhar ao longo do rio."

"Ha-ha-ha! Vou aceitar sua palavra, então," disse um Ragusa desgostoso, rindo, coçando o rosto e olhando para o rio com um suspiro. "Isso foi muito azar. Acho que eles poderão fazer algo a respeito amanhã de manhã."

"Você acha que o navio afundado tem algo a ver com o comércio de peles?" Perguntou Lawrence. Era natural pensar assim.

Sendo questionado, Ragusa assentiu, despenteando os cabelos de Col enquanto o garoto olhava vagamente para o rio, exausto. "Eu acho que sim. Mesmo assim, isso é loucura. Deve ser algum tolo que considera o dinheiro mais valioso do que a própria vida. Eles poderiam ser amarrados à roda por isso sem a menor cerimônia. Aterrorizante."

A roda era uma forma horrível de execução, com as vítimas sendo amarradas a uma roda de carroça e tinham seus ossos quebrados, depois eram deixadas em uma colina para serem comidas pelos corvos, ainda amarradas à roda.

No entanto, Lawrence estava confiante de que Eve escaparia.

Ele até esperava que ela reivindicasse seus lucros com segurança, sem nenhum remorso por acabar com os seus.

"Então, e quanto a vocês?" perguntou Ragusa.

"O que você quer dizer?"

"Se continuar andando pela estrada, há uma pousada anexada a um posto de controle. É claro que não é um lugar para uma dama passar a noite," disse Ragusa, olhando para Holo.

Holo, por sua vez, conversava alegremente com uma mulher alta que parecia ser atriz ou dançarina.

"No momento, o comandante daquele naufrágio, juntamente com o proprietário da carga, está indo rio acima para negociar com alguns vendedores ambulantes. Ouso dizer que comida e bebida chegarão ao pôr do sol, mas se você esperar por isso, precisará acampar, não se engane.

Lawrence agora entendia por que o capitão do navio não estava em lugar algum.

"Nunca esperamos ter um teto sobre nossas cabeças durante a viagem. Muito pelo contrário, agradeceremos que seja um solo sólido e não um barco balançante," respondeu Lawrence.

Ragusa estremeceu como se estivesse olhando para algo muito brilhante, depois encolheu os ombros musculosos sem jeito.

Ele então suspirou. "Estou feliz que sejam apenas mercadores nos barcos. Se estivéssemos carregando mercenários, isso teria dado muito errado."

"Ainda assim, alguns deles parecem bastante zangados."

Ragusa riu. “Eu aceito suas reclamações! Os mercenários puxam suas espadas primeiro e fazem perguntas depois.”

Talvez pela casualidade com que Ragusa falou, Col se encolheu de volta como se tivesse engolido uma uva.

“Ainda assim, quem afundou o navio é melhor vigiar seus passos. Espero que o conde Bulgar os pegue.”

Enquanto Lawrence estava torcendo interiormente por Eve, ele certamente entendeu a raiva de Ragusa.

Mas ele sentiu que, se respondesse a essa afirmação, poderia revelar seus próprios sentimentos, então Lawrence mudou de assunto.

“Você também não tinha uma carga urgente?”

O barco carregava moedas de cobre.

Como seria transportado pelo mar, seu planejamento era mais rígido que cargas normais.

“Sim. O plano era receber a carga em Lenos, mas o mercador estava atrasado — então já estou atrasado. Nada disso é culpa minha, mas quando penso no que acontecerá quando chegar a Kerube, é absolutamente deprimente.”

“Eu já carreguei carga assim antes. É estressante,” concordou Lawrence.

Para fazer uma única roupa, era de entendimento comum que o fornecimento de matérias-primas, a construção, o tingimento, a alfaiataria e a venda final, eram todos de cidades diferentes.

Enquanto viajava de um mercador para outro, de um remetente para outro, um único atraso no processo perturbaria toda a cadeia.

O fato de a lã de ovelha de alguma terra remota poder atravessar o oceano para se transformar em roupa de outro país era um milagre por si só — ser capaz de fazê-lo dentro do prazo e com lucro era uma conquista divina.

Mas é frequente o mundo exigir o impossível.

As dificuldades de Ragusa foram escondidas.

“E pior, é carga com uma história suspeita! Você descobriu alguma coisa sobre isso?”

Sem dúvida, ele queria dizer que o número de moedas de cobre destinadas à Companhia Jean em Kerube não aumentou.

Se isso fosse algo interessante, Ragusa provavelmente sentiria alguma satisfação.

“Infelizmente não.”

“Bem, ninguém notou até agora. Acho que não é uma pergunta tão fácil de responder.”

Isso era verdade.

“A propósito…” Ragusa começou.

“Sim?”

O grandalhão estalou o pescoço e se voltou para Lawrence, continuando “Aconteceu alguma coisa com sua adorável companheira?”

“Por q-”

A incapacidade de Lawrence de perguntar friamente “Por que você pergunta?” Era prova suficiente de que algo realmente havia acontecido.

Até o Col sonolento agora olhava para Lawrence.

Como Ragusa sabia que algo havia acontecido?

“Ora, eu só me perguntei por que ela não tinha voltado para você agora que as coisas se acalmaram um pouco — acho que eu estava certo,” disse Rausa, e embora Col assentisse, ele parecia um pouco chocado. “Venha,” continuou Ragusa, “você não pode me dizer que não percebeu depois de serem tão próximos por um tempo. Ela não parecia querer sair do seu lado por um momento! Não é?” Ele dirigiu essas últimas palavras para Col, que assentiu hesitante.

Lawrence desviou o olhar e protegeu os olhos com a mão.

"Ha-ha-ha!" Riu Ragusa. "Não cresça como esse sujeito, ok?"

Lawrence gemeu com o golpe final, abatido pela resposta tímida e confusa de Col.

O que Holo diria se ela estivesse aqui?

Pensando nisso, ela provavelmente estava ouvindo com aqueles ouvidos aguçados.

"Ora, vamos — coloca para fora."

"…Hein?"

"Vocês discutiram sobre o quê? Quando o vinho e a comida chegarem pelo rio, as coisas realmente ficarão muito festivas, sabe. E esse grupo vai ter sua dose de raiva para desabafar assim que tiverem um pouco de álcool. Eles serão como um bando de lobos."

Ragusa sorriu, mostrando os dentes que, apesar de tortos, eram fortes o suficiente para roer até a grama mais dura.

As experiências de Lawrence em sua jornada haviam lhe dado meios para não ficar muito perturbado pelas piadas de Ragusa; no entanto, ele ser incapaz de falar com Holo durante as festividades seria uma grande perda, de fato.

Ou pelo menos, dado o fato de que o final da jornada estava decidido, significava que ele não podia se dar ao luxo de perder um único dia com dela.

Quantas chances restavam para desfrutar de um festival com Holo? Os mercadores estavam sempre considerando lucros e perdas. Sempre.

E o fato é que ele ainda não sabia por que Holo estava com raiva. Talvez para Ragusa, que era alguns anos mais velho que Lawrence, a solução fosse óbvia.

O problema era que ele tinha que falar.

Apesar de finalmente ter conseguido um pouco de confiança em seu relacionamento com Holo, não era suficiente para que ele pudesse expor esse relacionamento com um estranho e ainda se sentir confiante.

"Venha, tenha um pouco de fé em mim! Escute bem, agora —" Ragusa colocou o braço enorme sobre seus ombros; parecia forte o suficiente para nocautear Lawrence com um único movimento.

Parecia que ele estava tentando esconder a conversa deles de Col, mas Col ficou perto de Ragusa e ouviu.

"Eu tenho alguma confiança quando se trata de assuntos tão problemáticos. Sabe o porquê?"

Lawrence balançou a cabeça e Ragusa tirou o braço de Lawrence e empurrou o peito com orgulho. "Eu tenho levado barcos para cima e para baixo do rio nos últimos vinte anos. Quando se trata de águas passadas, você pode deixar comigo!"

Atrás de Ragusa e a alguma distância, Holo conversava com a atriz quando Lawrence a viu de repente cair na gargalhada.

Ela estava ouvindo.

Holo não parecia descontente.

O que significava que ela também queria que isso fosse esclarecido o mais rápido possível.

E embora Lawrence não pudesse realmente contar com Ragusa, ele poderia muito bem conversar com ele, já que o relacionamento de Lawrence e Holo era evidentemente facilmente entendido pelo lado de fora.

"Nesse caso… posso?"

"Conte comigo, amigo."

Eles encostaram suas cabeças, não apenas Ragusa, mas Col também.

Embora suas idades e profissões fossem diferentes e só tivessem se conhecido no mesmo dia, os três agora pareciam velhos amigos.

Lawrence considerou friamente que, antes de conhecer Holo, isso nunca teria acontecido.

De alguma forma, ele sentiu que, mesmo que tivesse que deixá-la, seria capaz de continuar.

"Alguém tem trapos velhos ou coisas de que não precisa?" Assim que o pedido foi feito uma pilha impressionante foi recolhida.

Ela foi empilhada na margem do rio enquanto os preparativos para as festividades continuavam.

Havia um vendedor ambulante vendendo comida no posto de controle rio acima, e toda a carga do homem havia sido comprada e distribuída sem hesitação.

A princípio, vários mercadores haviam xingado o capitão do navio afundado e o carregador de peles, como se o peso de seus pecados fosse igual ao peso das peles que eles tentavam mover — mas espancá-los não tornaria o rio navegável.

É claro que isso não significava que os outros mercadores simplesmente não diziam nada, mas as discussões eram uma espécie de cerimônia para derramar a frustração que o rio obstruído havia causado.

No fim, não houve violência e, após uma breve pausa, a comida e a bebida que o remetente havia comprado foram distribuídas e sorrisos voltaram aos rostos de todos.

Como não havia mais nada que pudesse ser feito, deixar de se divertir seria um desperdício.

Apesar do clima de inimigos juntando dando as mãos, não havia ninguém ao lado de Lawrence.

Nem Ragusa ou Col estavam lá.

"Não cresça como esse sujeito, ouviu?"

Depois que Lawrence explicou as circunstâncias da raiva de Holo, os dois ficaram em silêncio.

Por fim, Ragusa abriu a boca para falar, mas não para Lawrence — para Col.

Col respeitosamente não respondeu à primeira pergunta de Ragusa, mas quando Ragusa olhou para ele e perguntou: "Você também entendeu, não é?" ele hesitantemente assentiu.

O que significava que Lawrence estava errado — então Ragusa colocou o braço pesado sobre os ombros de Col e levou à força o garoto.

Ele havia deixado Lawrence com apenas uma dica.

"O rio realmente flui. Mas — por que flui?"

Era um enigma.

Col também inclinou a cabeça, confuso com as palavras, mas quando Ragusa sussurrou no ouvido do garoto, seus olhos se iluminaram em compreensão.

Parecia que os dois haviam entendido facilmente o motivo da raiva de Holo.

O que era pior, era evidentemente algo tão óbvio que eles haviam desistido dele, deixando-o sozinho para refletir sobre seus erros.

Lawrence sentia-se como um aprendiz que fora deixado de lado porque não conseguia fazer o que lhe disseram.

Quando ele viu Ragusa e Col conversando com Holo, esse sentimento ficou mais forte.

Não — era exatamente isso, com Holo visivelmente evitando olhar em sua direção, Col e Ragusa ocasionalmente lançavam olhares furtivos.

Quando perceberam que Lawrence estava olhando para eles, ele pôde dizer, mesmo a essa distância, que eles deram de ombros e sorriram.

Holo arrastou Col por baixo do braço de Ragusa, acariciando a cabeça do garoto e o abraçando.

Lawrence sabia que Col estava ficando perturbado, mas assim que olhou para Lawrence, ele não pôde fazer nada além de desviar o olhar, franzindo a testa.

Ele estava sendo ridicularizado.

Mas, estranhamente, Lawrence não se sentia mal — nem mesmo quando Ragusa, Col e Holo riam.

Não faz muito tempo, antes de conhecer Holo, ele acreditava que, uma vez que a reputação de um mercador fosse prejudicada, recuperá-la não era uma tarefa simples.

Então ele estufou o peito, respirou fundo, contou mentiras e não confiou em ninguém.

E ele percebeu que esse comportamento era exatamente o mesmo que lhe veio à mente quando olhou para Col.

Quando Lawrence propôs comprar o maço de papel de Col, Col olhou com ressentimento para ele, como se recusasse a vendê-lo barato.

Tal ação era mais do que inútil — fazia Col parecer barato e sem graça, mas Lawrence sabia muito bem que ele próprio havia sido cativo do mesmo comportamento até recentemente.

Não é de admirar que Holo me provoque, ele murmurou interiormente, agarrando seu próprio cabelo.

Ele começou a questionar se era mesmo um mercador experiente.

Holo claramente o via como um jovem vaidoso e egoísta. Ele não pôde deixar de sorrir.

Embora estivesse tão faminto por companhia que começara a desejar que seu cavalo falasse, se aproximar dos outros não era tão simples.

Lawrence se perguntou se as pessoas que ele conhecera até agora o olharam com o mesmo sorriso indulgente com o qual Holo e Ragusa olharam para o teimoso Col.

E mesmo assim —

"Mesmo sabendo tudo isso, ainda não sei qual é a resposta," disse Lawrence para si mesmo, suspirando.

Ragusa e Col deixaram Holo para pegar um pouco do vinho que estava circulando.

Col deve ter tido uma experiência ruim com bebidas alcoólicas no passado, porque, mesmo à distância, era óbvio que ele não gostava, mas Ragusa ainda estava bêbado se pendurando no garoto.

Col deixou a mochila que estava carregando com Lawrence; ele pegou o vinho destilado.

Lawrence escolhera a bebida forte, antecipando a noite fria a bordo do barco, onde seria impossível acender uma fogueira — mas esperava que o objetivo de Holo fosse um pouco diferente.

Ela provavelmente estava pensando em algo estranho quando bateu alegremente em Lawrence — mas o quê?

Os enigmas se acumulavam um após o outro.

A confiança de Lawrence de que ele tinha uma mente acima da média era constantemente corroída, mas esses pensamentos patéticos duraram apenas um momento.

Um grito surgiu e, de repente, na margem do rio, brilhou uma grande bola de fogo.

Não — não era uma bola de fogo, Lawrence percebeu, mas a fogueira feita de trapos descartados e barris quebrados que se acendeu tão rápido uma vez acesa que era um erro fácil de cometer.

Alguém tinha que ter jogado óleo nele.

A espessa fumaça negra subiu no ar como uma caveira, as chamas amarelas crepitando.

Em uma jornada de inverno, onde houvesse uma fogueira, as palavras *amigo* e *inimigo* não tinha sentido.

Sem nenhum sinal específico, todos levantaram suas xícaras. Então, de repente, as coisas se desenvolveram.

A mulher com quem Holo estava falando parecia de fato uma atriz, e ela e sua trupe saltaram, como se proclamassem o evento como palco.

Havia flauta e bateria, música e dança. Algumas pessoas alegres seguiram, habilmente evitando derramar seu vinho enquanto dançavam.

A dança deles não era um movimento suave de pés como no palácio imperial, mas uma coisa louca, saltitante e animada.

O resto das pessoas reunidas assistiu e riu, levantando a voz juntos ou, como Ragusa, jogando bebidas.

Ninguém estava perto de Lawrence.

Um sorriso triste subiu aos seus lábios, mas ele o sufocou quando sentiu uma presença na escuridão nascida do fogo.

Havia apenas uma pessoa que se incomodaria com um mercador tolo como ele.

Ele olhou, e era Holo.

"Ufa. Falar depois de um longo silêncio — isso deixa alguém com sede," disse ela, como se estivesse falando sozinha. Ela então tomou o barril de Lawrence e tomou um gole.

Isso não era cerveja ou vinho fino.

Holo fechou os olhos e a boca.

Então, depois de exalar um grande suspiro, ela se sentou.

Parecia ter desistido de ignorá-lo, pensou Lawrence, então sentou-se ao lado dela.

"Então, essa atriz… sobre o que vocês estavam faland—"

Ele não terminou a frase, porque assim que começou a falar, Holo desviou o olhar.

O que o surpreendeu não foi o fato de ela não o ouvir. Era que ele estava feliz com isso.

"Ugh, é uma noite fria" disse Holo, sem dar atenção à pergunta de Lawrence. Ela não encontrou os olhos dele, mas enquanto falava, ela se aproximou, como faria quando estavam na carroça.

No começo, Lawrence se perguntou se ela estava sendo teimosa, mas depois percebeu que a teimosa era dele.

De alguma forma, teve a sensação de que, se pedisse desculpas agora, apesar de patético, ela o perdoaria.

Um pouco mais cedo ela ficaria com raiva por ele não entender algo óbvio.

Mas agora, poderia ser que, como ela estava sem poder tirar sarro e zombar de Lawrence, ela o ouvisse.

Ele ficou tentado a simplesmente dizer "Eu não sei".

Inclinando-se contra ele, ela provavelmente levantaria os olhos, irritada.

Então ela reclamaria e iria embora.

Mas ela não se levantou, nem se afastou dele.

Era como se ela estivesse dizendo que quanto mais perto estivesse, melhor ela poderia ouvi-lo.

Lawrence não duvidou da ideia. Afinal, isso equivalia a duvidar de tudo o que aconteceu nas viagens com ela.

Um leve sorriso de tristeza apareceu em seu rosto.

Holo pareceu notar isso; suas orelhas balançaram sob o capuz. Sua cauda balançou aguardando às palavras patéticas que ela ouviria em breve.

Lawrence falou como se quisesse responder a essa expectativa. “Os artistas que viajam são excelentes. Isso é uma dança adorável.”

“O qu—?” Holo se encolheu como se sua cauda tivesse sido pisada, olhando para Lawrence.

“Hmm?” Ele perguntou, mas é claro que não recebeu resposta.

Não havia nada que Holo odiasse mais do que ser surpreendida por ter suas expectativas desafiadas.

A mudança rápida em sua cauda deixava sua raiva muito clara. Estava claro, mas a diversão dela também era inegável.

“Eu posso ter pegado um resfriado. Meu nariz está com coceira.” O leve tremor na voz dela pode ter sido da frustração ou por ser superada por Lawrence, ou até mesmo pelo esforço de tentar não rir.

Holo tomou um gole do licor, como se quisesse engolir o sentimento e depois arrotou.

Lawrence percebeu que o silêncio que se seguiu vinha de ambos, procurando o próximo passo, tentando superar o outro.

O sol deu um último vislumbre antes de afundar no horizonte, e após um único suspiro, as estrelas surgiram. Pessoas se aglomeravam ao redor da fogueira, mercadores e barqueiros tentando transformar a má sorte do rio em algo especial.

A jornada da vida era curta e não se podia desperdiçar um único dia.

A flauta tocava, o tambor soava e a desgraça do navio afundado se transformava em uma música engraçada na voz de um menestrel.

Havia dançarinas sedutoras com agitando faixas enquanto dançavam, junto com foliões exaustos e desajeitados, que pareciam

cambalear constantemente, a ponto de derramar as bebidas que seguravam.

Lawrence estava focado em fazer Holo dizer o que estava em sua mente, mas agora sentia como se entendesse o que se passava por lá.

Holo, que acreditava que tudo melhorava com bebida, mal conseguia ficar parada naquele ambiente. Não era hora de falar sobre seus sentimentos com um mercador irremediavelmente ultrapassado.

Holo olhou para Lawrence duvidosamente.

Desde que declarou que não falaria mais com ele, talvez ela realmente planejasse cumprir essa promessa, mas, dito isso, ele sentiu que seria uma má ideia se levantar desse lugar.

Talvez fosse isso.

Lawrence ignorou o olhar dela, assim como ela o ignorou, em vez disso, tirou o frasco de vinho das mãos dela. “Com bebidas fortes, o frio não será tão ruim por um tempo.”

Com essas palavras, Holo pareceu sorrir com a teimosia compartilhada, sua expressão suavizando-se ao tocar levemente a mão de Lawrence, depois se levantou.

Lawrence imaginou se ela iria dançar, mas suas roupas estavam um pouco soltas e suas orelhas e cauda estavam quase à mostra, o que era um pouco preocupante.

Os olhos de Holo brilhavam.

Sem dúvida, seus olhos ficaram assim durante o festival em Lenos.

E era compreensível que, em uma atmosfera divertida como essa, ela pudesse descuidadamente deixar revelar a cauda, assim, ganharia outro nome — a cauda de trigo.

Ela poderia até se deixar levar e assumir sua forma de loba, provocando um grande furor.

Ela certamente não faria algo assim aqui e agora, mas com base no modo como estava ajustando sua túnica e faixa, ela planejava dançar seriamente.

Olhando para ela, Lawrence não pôde deixar de expressar o que lhe veio à mente. “Você poderia apenas assumir sua forma de loba e puxar o navio encalhado—”

Não foi porque a expressão feliz de Holo desapareceu repentinamente que Lawrence parou de falar; nem foi porque ele viu que ela não responderia.

Holo assumindo sua forma de loba e puxando os destroços para fora do rio. Não era realmente viável, é claro, mas certamente estava dentro do grupo de piadas perdoáveis.

Não era uma coisa estranha de se dizer, realmente.

Não era isso — era que ele realmente não conseguia imaginar Holo assumindo sua forma de loba para qualquer outra pessoa.

Quanto a isso, a resposta veio a Lawrence imediatamente.

E essa resposta o levou a outra conclusão com uma velocidade surpreendente.

O rosto outrora inexpressivo de Holo agora olhava para Lawrence com um sorriso exasperado; pelo contrário, Lawrence sentiu o seu próprio o rosto fica sóbrio. A razão pela qual Holo estava brava — ele finalmente entendeu.

“Honestamente…” disse Holo, olhando brevemente ao redor antes de ir até ele.

Os braços dela envolveram seu pescoço enquanto ela se sentava levemente sobre ele.

Como homem, foi uma sensação agradável para Lawrence, mas, como ela estava fazendo isso, deve ter ficado brava o suficiente para querer ignorá-lo.

"Pode-se elogiar um porco em cima de uma árvore, mas elogiar um macho apenas faz com que ele se perca. Eu não disse isso?" Holo meio que sussurrou no ouvido de Lawrence, as bochechas próximas o suficiente para tocar no seu rosto — mas Lawrence sabia muito bem que seus olhos estavam estreitos e afiados.

E o fato de Holo ter olhado em volta antes de procurá-lo não era porque ela não queria que ninguém a visse assim. Era exatamente o contrário.

Na outra ponta do seu olhar, Lawrence viu Ragusa cobrindo os olhos de Col enquanto o garoto se contorcia para escapar, Ragusa ria imensamente.

Seus amigos barqueiros também estavam assistindo, é claro, sorrindo enquanto a cena era um bom acompanhamento para a bebida.

Não uma situação mais desajeitada do que vergonhosa.

"Se nossas posições fossem revertidas, você certamente ficaria bravo. Estou errada?"

Seu tom ressentido fez Lawrence temer que ela mordesse sua orelha.

Mas não era disso que ele realmente tinha medo.

Holo não matava sua presa rapidamente — ela preferia brincar com ela por um tempo antes de encerrar sua vida.

"Hmph." Ela tirou os braços do pescoço dele, sentou-se, depois olhou para Lawrence e falou, mostrando suas presas. "Agora vai me mostrar o quão sincero você é?"

Quando ela cutucou a ponta do nariz com o dedo, ele não resistiu.

Holo sorriu, depois se levantou e girou como um turbilhão de vento.

Tudo o que foi deixado para trás, o calor de seu corpo e seu aroma, de alguma forma era doce.

O sorriso dela não ficou em sua memória.

Afinal, sendo o responsável pela bolsa de moedas, esse era realmente um sorriso muito perigoso.

"Sinceridade?" Lawrence murmurou para si mesmo, tomando um gole de licor.

Foi enquanto ele estava tentando fazê-la montar o quebra-cabeça de moedas de cobre com ele.

Holo era muito inteligente, e suas habilidades de brincar com Lawrence, rir e fazê-lo rir eram excelentes. Sua mente, que era tão aguçada a ponto de ser descrita como "misteriosa"; o salvou mais de uma vez.

Então ele pensou que ela gostaria do desafio. Mas não era esse o caso.

Ragusa havia dito a Lawrence: "O rio realmente flui. Mas… por que flui?"

Essas palavras pareciam uma charada completa para Lawrence, mas agora ele entendia o verdadeiro significado delas.

Os barqueiros navegavam sobre as correntes do rio enquanto negociavam. E essas correntes nunca cessavam. Mas os barqueiros não consideravam esse fluxo como garantido. Eles sempre foram gratos ao rio, até louvavam a profunda generosidade do espírito do rio.

Quando Holo ficava com raiva, o motivo de Lawrence ser culpado não era confiar demais nela. Mas por considerar a confiabilidade dela como algo comum e isso a tornava menos relevante, com isso ele acabaria por ignorá-la.

Suponha que sua amante a tenha escrito frequentes cartas de amor. Se ele pedisse que ela escrevesse para ele, porque ela parecia gostar muito de escrever cartas, ele ganharia sua ira, e com razão.

Em outras palavras, Holo queria dizer a Lawrence que só porque ela empregava sua sabedoria para resolver os problemas dele não significava que ela adorava resolver problemas.

Era óbvio se ele pensasse sobre isso.

Embora fosse bastante duvidoso que Holo usasse sua sabedoria para o bem de Lawrence, ela ficaria brava com ele se não pensasse assim.

Lawrence recuou.

Ele acabara tomar uma lição de Holo.

Foi isso que a fez sorrir de forma tão aterrorizante.

"Sinceridade suficiente para balancear as coisas…?" Lawrence sentou-se e tomou outro gole. "Eu não tenho isso não!"

Ele exalou um suspiro fedorento, depois olhou para Holo, que estava dançando na frente do fogo.

Enquanto ela balançava os braços na dança alegremente, ela não fez mais do que olhar para Lawrence.

Ele já tinha medo do que ela o faria comprar.

Holo deu as mãos com a dançarina com quem conversara na margem do rio, e as duas dançaram em sincronia, como se tivessem praticado antes. O som da flauta e os aplausos as recompensavam.

Como se estivesse se rendendo à exibição, a pilha flamejante de trapos e detritos de madeira desabou sobre si mesma, soprando uma chuva de faíscas no ar, como o suspiro de um demônio.

Lawrence viu um leve sorriso no rosto sério e febril de Holo, e sua dança tinha algo de perturbador. Parte por ela ser simplesmente tão atraente, mas também parecia que estava tentando esquecer alguma coisa.

Desde muito tempo atrás, os festivais eram celebrados para marcar o fim de um ano e o começo do próximo assim como aplacar a fúria de deuses e espíritos. Lawrence ponderou se o comportamento de Holo tinha algo a ver com isso, mas quando ele estava se preparando para tomar outro gole, sua mão congelou.

Mais cedo ele havia percebido que na verdade, a maioria das coisas que Holo fazia, ela fazia por ele.

Isso ia além de ajudá-lo a resolver dilemas e outras dificuldades?

"Certamente não —"

Holo dançava com uma alegria sem fim, aparentemente sem nenhuma outra preocupação na vida — de repente ela parecia muito pequena.

Se o palpite de Lawrence estivesse correto, a raiva dela era realmente tola.

Se ele era tão lento a ponto de não conseguir acompanhá-la, isso também poderia significar que ela estava correndo desnecessariamente rápido e confundindo as coisas.

Ele bebeu e o líquido forte queimou sua garganta. Lawrence se levantou, mas não se juntou à roda de dança.

De acordo com sua própria teimosia, ele se levantou para coletar informações para Holo.

Na roda de Ragusa, Col já havia caído e estava de barriga para cima.

Lawrence caminhou em direção a eles, dando um leve aceno, que Ragusa respondeu levantando o copo.

Holo era uma tola.

Ele queria provar isso.

"Ah-ha-ha-ha! As montanhas de Roef?"

"Ho, é um lugar encantador. Eu compro madeira de qualidade todos os anos! A madeira que desceu por esse rio foi para um reino no extremo sul, para produzir uma… urp… grande mesa para o palácio. O que você diz disso, meu jovem mercador viajante?" disse o barqueiro, derramando com entusiasmo o vinho do seu próprio odre no copo que Lawrence segurava.

O copo não era um barril, então dificilmente era possível acertar dentro dele, e tanto o barqueiro que segurava o odre como Lawrence eram bastante instáveis.

Cada vez mais o vinho derramava, caindo como uma cachoeira no chão.

Lawrence estava bêbado o suficiente para não se importar.

"Bem, nesse caso, você deve escrever isso ao lado da madeira: 'Seus malditos impostos são muito altos!'", disse Lawrence em voz alta, levando o barril à boca para tomar um gole quando o barqueiro deu um tapa desajeitado nas costas dele, fazendo com que o vinho errasse boca e caísse no chão.

"Ah sim! Você está certo, garoto."

Em algum lugar no fundo da mente de Lawrence, ele percebeu com tristeza e com orgulho que nem Holo havia ficado tão bêbada.

"Então, e quanto a Roef?" perguntou Lawrence.

"Roef? Comprei madeira boa do de lá..." começou o barqueiro, se repetindo — mas depois desabou ali mesmo.

"Que homem fraco," disse um de seus camaradas, mais enojado do que preocupado.

Lawrence sorriu e olhou em volta para os rostos dos outros homens. "Então, você vai falar comigo agora?"

"Ha-ha-ha! Eu acho que prometemos, então não há nada mais a se fazer. Vamos deixar Zonal perder essa," disse um barqueiro que bebia muito, sorrindo enquanto cutucava a cabeça de seu camarada caído.

O barqueiro chamado Zonal já estava desmaiado.

"Mas quem diria, e pensar que você seria tão forte por lidar com uma garota assim —"

"Sim, sim! Mas veja, devemos... devemos cumprir nossas promessas!"

"Sim, iss..."

"Então você queria saber sobre Roef?"

O último a falar foi Ragusa, que evidentemente sabia beber — seu rosto mal estava vermelho.

O resto deles estavam, assim como Lawrence, um pouco instáveis.

O próprio Lawrence não estava inteiramente confiante em sua capacidade de permanecer consciente.

"Ah… sim, isso ou um lugar chamado Yoitsu…"

"Eu nunca ouvi falar desse Yoitsu. Mas não vale a pena perguntar sobre Roef — basta subir este rio. O Roef se une a ele, basta seguir até o fim.

Não estou perguntando sobre esses detalhes insignificantes, pensou Lawrence, mas quando tentou se lembrar do que estava perguntando, já não conseguia mais.

Ele estava bêbado.

Mas Roef era a primeira pista que ele precisava seguir. "Você não pode me dizer algo mais… interessante?"

"Interessante, hein?" Ragusa esfregou a barba e olhou não para os outros barqueiros, mas para um homem que parecia estar cochilando, sucumbido ao álcool. "Ah, entendi," disse ele, torcendo a barba, depois caminhando até o camarada caído e balançando violentamente o ombro do homem.

"Ei. Acorde! Você disse que aceitou um emprego estranho recentemente, não disse?"

"Mnngh… uuh… não aguento mais…"

"Idiota! Ei! Você trouxe de Lesko, mais a montante do Roef, não foi?"

O barqueiro chamado Zonal bebeu deliberadamente com Lawrence, e aparentemente ele havia sido pego em um caso e teve a cabeça profundamente rachada por sua esposa em busca de vingança.

O próprio Lawrence tinha suas preocupações sobre o que poderia acontecer se ele brincasse com outra garota e Holo descobrisse.

"Lesko? Ah, sim, é uma boa cidade. Uma vez ou outra, eu trouxe cobre das montanhas de lá... Fluía como água. Ah, e o licor é de primeira qualidade. Como posso dizer...? Eles têm dezenas de máquinas que fazem o licor mais forte do vinho mais fino. Oh, minha deusa de cobre! Que bênçãos de fogo e água estejam sobre a sua pele brilhante!" gritou Zonal antes de cair imóvel novamente, com os olhos fechados. Não ficou claro se ele estava acordado ou dormindo.

Ragusa deu outra sacudida brusca no ombro do homem, mas Zonal já era uma água-viva lançada sobre as ondas.

"Inútil!"

"'Deusa de cobre', ele disse... Ele quis dizer um destilador?"

"Hum? Ah sim! Você é bastante experiente. Eu os tive como carga uma ou duas vezes. O licor que você está bebendo provavelmente veio de um destilador de Lesko."

Feito de chapas de cobre habilmente batidas, um destilador certamente teria um atraente brilho vermelho. E costumava-se dizer que aqueles que modelavam as peças curvas de cobre tinham a forma feminina em mente quando o faziam, então Lawrence entendeu as palavras de Zonal.

"Mm, isso não é bom. Ele não vai acordar até amanhecer."

"Você disse... algo sobre um emprego e-estranho?" Lawrence estava bastante bêbado e tinha dificuldade para falar corretamente.

Pensou em perguntar se Holo estava bem, e quando olhou em volta, uma visão terrível o suficiente para tirá-lo de sua embriaguez em um instante o cumprimentou no final de sua visão turva.

"Sim, um trabalho estranho... hum? Ha-ha-ha! Ela tem a rapidez de gato — combina com ela, não acha?"

A risada de Ragusa se dirigia a Holo, cuja figura dançante provocou um grande grito de prazer da multidão.

Ela tirou o robe pesado e a cauda balançou suavemente enquanto girava e dançava, as mãos unidas as da dançarina.

Em sua cabeça estava a pele do que poderia ter sido um esquilo voador ou algum animal pequeno e, à primeira vista, parecia que ela estava exibindo as orelhas e a cauda.

Lawrence ficou sem palavras com a imprudência de Holo, mas ninguém mais parecia estar preocupado.

Quando olhou com mais cuidado, viu que a dançarina também tinha uma pele de raposa em volta dela como uma cauda improvisada, assim como uma pele de esquilo amarrada em sua cabeça.

Embora Lawrence não pudesse deixar de se maravilhar com a audácia de Holo, ele também não podia descartar a possibilidade de que seu julgamento tivesse entorpecido pela bebida.

Mesmo enquanto ele se preocupava com o que aconteceria se ela fosse descoberta, ela parecia verdadeiramente alegre enquanto dançava.

E com seu longo cabelo ondulando e a cauda macia e fofa fizeram com que algo se mexesse dentro do peito de Lawrence, como uma magia misteriosa.

"Então, sim, sobre esse trabalho estranho."

Lawrence saiu do sonho com as palavras de Ragusa.

Em algum momento, a pergunta que Holo fizera em Lenos — "O que é mais importante, eu ou lucro?" — estava se tornando cada vez menos difícil de responder.

O que significava o fato dele afastar esse pensamento colocando a culpa na bebida?

De qualquer maneira, Lawrence bateu levemente em sua cabeça enevoada e voltou sua atenção para o que Ragusa estava dizendo.

"Ele levava ordens de pagamento para a mesma empresa várias vezes. Essa é a outra razão pela qual eu estava interessado no que você

estava falando — eu estava com medo de que o velho Zonal tivesse se envolvido em algum tipo de empreendimento estranho. E essa empresa é a fornecedora dessas moedas de cobre. Não tenho coragem suficiente para essas coisas."

Como os lugares que importavam e exportavam moedas de cobre tinham que estar próximos do poder político da região, não havia muitas opções.

Embora uma cidade possa prosperar graças a uma mina de cobre, em locais onde toda a fortuna da cidade dependia dessa mina, os comerciantes e governantes da região seriam forçados a conspirar.

A voz de Ragusa se abaixou; ele não estava dizendo nada de bom sobre os mesmos comerciantes que lhe forneciam trabalho.

Ele já deve ter visto muita corrupção. A visão e a fala de Lawrence estavam embaçadas, mas neste tópico, sua mente estava totalmente clara.

"Mas… ainda assim, não seria… o tipo de carta que você deixaria para o açougueiro?"

Os açougueiros costumavam receber cartas para entregar, uma vez que faziam rondas entre os agricultores locais para comprar porcos ou ovelhas quase todos os dias.

Os barqueiros subiam e desciam o rio Roam.

Não era estranho que eles recebessem um trabalho de entregar moedas.

"Bem, quando ele entregou uma ordem de pagamento à Companhia Jean em Kerube que ele havia comprado em Lesko, ele aparentemente recebeu um certificado de recusa."

"Um certificado de recusa?"

Em vez de enviar um saco cheio de moedas tilintantes, haveria um pedaço de papel que dizia para pagar uma quantia em um determinado local. O papel e o sistema por trás dele eram conhecidos como ordem

de pagamento, mas um certificado de recusa significava que alguém não queria transformar o pedido em moeda, conforme solicitado.

Mas o que era estranho era a ideia de que alguém enviaria a mesma ordem de pagamento dia após dia, quando ela estava sendo rejeitada.

"Estranho, não é? Ele recebeu ordens de pagamento repetidas vezes, apenas para tê-las rejeitadas todas as vezes. Alguém definitivamente está tramando algo."

"…Pode haver algum tipo de explicação…"

"Explicação?"

"Er… é uma ordem de pagamento, em outras palavras, eles estão transportando dinheiro. E o valor do dinheiro está sempre mudando. Se o valor do dinheiro mudou enquanto a ordem de pagamento estava em trânsito… então eles podem não querer honrar a ordem ou…"

Os olhos de Ragusa estavam sérios.

Enquanto ele tivesse dinheiro, um mercador viajante poderia ir aonde quisesse e comprar quaisquer bens que quisesse, depois vendê-los em qualquer outro lugar — de uma certa perspectiva, esse homem era livre.

Por outro lado, os meios de subsistência de Ragusa e suas colegas estavam ligados a um único rio.

Se eles irritassem um remetente, mesmo o rio mais profundo e largo poderia muito bem ter secado completamente.

Sua posição fraca significava que se aproveitariam deles, sendo envolvidos em esquemas estranhos, apenas para afundarem completamente.

Fazer comércio com barcos era mais agradável, mas um cavalo e uma carroça podiam ir aonde seu dono quisesse.

"Então não há com o que… se preocupar…" A cabeça de Lawrence caiu, e ele bocejou abertamente.

Ragusa olhou para Lawrence em dúvida, depois deu um suspiro profundo. “Hmph. O mundo está cheio de coisas com o que se preocupar.”

“Embora a ignorância seja um pecado… é impossível saber tudo.”

Incapaz de suportar o peso de suas próprias pálpebras, os olhos de Lawrence ficaram cada vez mais estreitos.

Tudo o que ele podia ver agora era a forma de Ragusa com as pernas cruzadas, e Lawrence imaginou se logo chegaria em seu limite.

“É verdade. Hah. Eu assisti o jeito desajeitado do garoto com um sorriso, mas agora vejo que não sou tão diferente. Ao contrário de nós, ele foi enganado por uma pilha barata de papel, mas no lugar certo, ele seria mais sábio do que qualquer um aqui, não é?” Disse Ragusa, bagunçando os cabelos de um Col adormecido.

Havia um verdadeiro arrependimento nos olhos de Ragusa, como se Col fosse realmente incapaz de pagar a tarifa do barco, para que ele pudesse usar isso para mantê-lo a bordo.

“Lei da… igreja, não era?”

“Eh? Ah, sim… foi o que ele disse.”

“E que coisa chata estudar. Se ele trabalhasse comigo, ele não precisaria estudar isso. Além do mais, ele receberia três… não, duas refeições por dia.”

Lawrence se viu sorrindo com a honestidade de Ragusa.

Com trabalho físico, você só recebia três refeições por dia quando estava no seu melhor dia.

“Ele parece ter um objetivo”, disse Lawrence, e Ragusa lançou um olhar.

“Veja só… você tentou roubar ele de mim, provocando-o enquanto estavam caminhando?”

Sua raiva parecia genuína, o que era uma prova do valor que Ragusa dava a Col.

Não era estranho que um homem da idade de Ragusa estivesse procurando um aprendiz para treinar e herdar sua embarcação. Se o próprio Lawrence fosse um pouco mais velho, ele teria usado truques sujos para garantir que Col ficasse com ele.

"Eu não fiz isso. Mas averiguei a força de sua vontade."

"Mmph." Ragusa cruzou os braços e grunhiu.

"Tudo o que podemos fazer é… tentar… tentar deixá-lo com uma pequena dívida de gratidão, eu espero", disse Lawrence através de um soluço, do qual o barqueiro inflexível riu largamente com aquele jeito da profissão.

"Bwa-ha-ha! Eu acho que sim. O que devo fazer? Se o garoto resolver o quebra-cabeça da moeda de cobre, seu bilhete valerá alguma coisa."

"Era isso que ele pretendia."

"E aí, você não vai deixar uma pista?" Ragusa inclinou-se para a frente, falando em tom de conspiração, mas Lawrence apenas desabou.

"Infelizmente não posso. E mesmo que eu pudesse… ele também me deve, isso deve acertar as contas."

Da sua parte, Lawrence era guiado pela tentação de manter Col ao seu alcance, se ele pudesse.

Mas mesmo que ele realmente tenha se sentido assim enquanto andava pela estrada com Col mais cedo, agora ele já não tinha tanta certeza.

Ainda era cedo para ele ter um aprendiz, e este não era o melhor momento.

Só porque foi forçado a fazer os preparativos não significava que poderia simplesmente estender as mãos em boas-vindas.

Lawrence sorriu tristemente para si mesmo.

"É verdade. Três baús de cobre são uma grande diferença. A única maneira de mover uma carga tão pesada é sobre a água. E se for assim,

não há como eu não ter ouvido sobre isso. Ou isso, ou o que está escrito nesse papel, está errado."

A voz de Ragusa estava se tornando cada vez mais distorcida. Até o seu corpo enorme estava começando a sucumbir à embriaguez.

"Isso é verdade… suponho. Há uma história onde um erro em uma letra transformou enguia em moeda de ouro causando um tumulto enorme."

"Hmph. Pode muito bem ser isso mesmo. Ah, sobre isso, havia algo interessante. Eles passaram anos para resolver o problema, ouvi dizer."

"Huh …?" Lawrence estava no seu limite, e parecia que seu corpo e consciência estavam cada vez mais distantes.

Ele pensou que estava olhando para Ragusa, mas sua visão era turva.

Ele ouviu palavras como se viessem de uma grande distância.

Roef. Cabeceiras de rios. Lesko.

E então ele pensou ter ouvido algo sobre os ossos de um cão do inferno.

Isso não poderia estar certo.

Se estava ouvindo esse tipo de coisa, tinha que ser um sonho, ele pensou.

Ou algum tipo de conto de fadas.

Mas então, o pensamento de que uma coisa parecida com um conto de fadas havia se tornado muito familiar surgiu e o envolveu na escuridão do sono profundo.

Capítulo V

Havia um aroma adocicado e carbonizado. Talvez o pão de mel estivesse queimando. Nesse caso, o padeiro responsável estava se fazendo de bobo.

Mas Lawrence logo percebeu que o cheiro não era de comida sendo cozida demais.

Lembrou-se do cheiro, junto com o fogo. Era o cheiro de um animal.

"...Mmph."

Quando abriu os olhos, ele viu o céu estrelado acima dele.

Uma linda lua esvoaçante pairava no céu, e Lawrence sentiu como se estivesse deitado debaixo d'água.

Parecia que uma boa alma havia colocado um cobertor sobre ele e, embora felizmente não estivesse tremendo de frio, seu corpo estava estranhamente pesado.

Imaginando se eram os efeitos residuais do licor, ele tentou se sentar — e foi quando percebeu.

Ele levantou a cabeça e retirou o cobertor.

Lá estava Holo, dormindo confortavelmente, com uma mancha de fuligem na testa e na bochecha.

"Ah, então era isso…"

Ela parecia ter se divertido bastante.

Sua bela franja tinha sido levemente chamuscada e, enquanto ela respirava, sua respiração carregava o cheiro de queimado até o nariz de Lawrence. Além disso, havia o doce aroma de Holo, juntamente com o cheiro de sua cauda, e Lawrence percebeu que era o que ele havia sentido em seu sonho.

A Holo adormecida não estava com o roupão e as orelhas estavam expostas.

A pele de esquilo caíra bem ao lado de sua cabeça, para que Lawrence notasse que Holo havia feito uma vaga tentativa de esconder suas orelhas.

Como não estavam cercados por adeptos da Igreja apontando lanças para eles, parecia improvável que o segredo de Holo tivesse sido descoberto; Lawrence deixou cair a cabeça para trás enquanto suspirava.

Ele então tirou a mão do cobertor e a apoiou na cabeça dela.

Suas orelhas tremeram e sua respiração parou.

Ela então estremeceu como se espirrasse e se enrolou com mais força.

Seus braços e pernas remexeram e, finalmente, seu rosto se moveu quando ela apoiou o queixo no peito de Lawrence, depois se sentou.

Os olhos que o encaravam debaixo do cobertor ainda estavam vidrados, como se estivessem meio adormecidos.

"Você é pesada", disse Lawrence, quando Holo cobria o rosto novamente e estremecia. Ela parecia bocejar, mas as unhas no peito de Lawrence eram prova suficiente de que ela estava acordada.

Eventualmente, ela levantou a cabeça. "Qual é o problema?"

"Você é pesada."

"Não, meu corpo é bastante leve. Algo mais deve estar pesando sobre você."

"Devo dizer então que seus sentimentos são pesados?"

"Isso faz parecer que eu sou algum tipo de encosto." Holo riu meio rouca, descansando a bochecha no peito de Lawrence.

"Honestamente… Então, eu suponho que você não foi descoberta?"

"Você quer dizer a respeito de com quem eu compartilho o quarto?"

Lawrence murmurou consigo mesmo que desejava que ela fosse honesta e dissesse "cama".

"Não, eu não fui descoberta. Todo mundo estava excitado demais para perceber. Heh — você deveria ter visto por conta própria."

"Posso imaginar, mais ou menos… mas prefiro não me queimar." Lawrence tocou a franja chamuscada de Holo e ela fechou os olhos com cócegas. Elas provavelmente precisariam ser aparadas.

Antes que ele pudesse adverti-la por festejar demais, Holo falou. "Eu ouvi muito sobre o nordeste da garota que viaja. Aparentemente, eles acabaram de trabalhar em

Nyohhira. Ouvindo-a contar, não mudou muito desde os velhos tempos."

Holo abriu os olhos e fitou os dedos de Lawrence, depois esfregou o peito como um gato carinhoso.

Mas ela parecia estar fazendo isso para limpar o rosto da emoção que ameaçava transparecer. Ficou claro que ela lutava para contê-las.

"Sempre tão teimosa", disse Lawrence, e Holo se enrolou. Como uma criança teimosa.

"No entanto, temos tempo para decidir o que fazer. Afinal, estamos primeiro perseguindo Eve."

As orelhas pontudas de Holo estavam contra o peito de Lawrence, então ela certamente notou sua risada.

Cavando seu peito com as unhas, Holo mostrou sua objeção.

"Dá para você sair de cima de mim? Estou com sede." Lawrence bebeu muito.

E ele não sabia se era meio da noite ou se faltava apenas alguns minutos até o amanhecer.

Holo não se moveu por um momento, Lawrence se perguntou se ela estava sendo maliciosa, mas finalmente ela se mexeu.

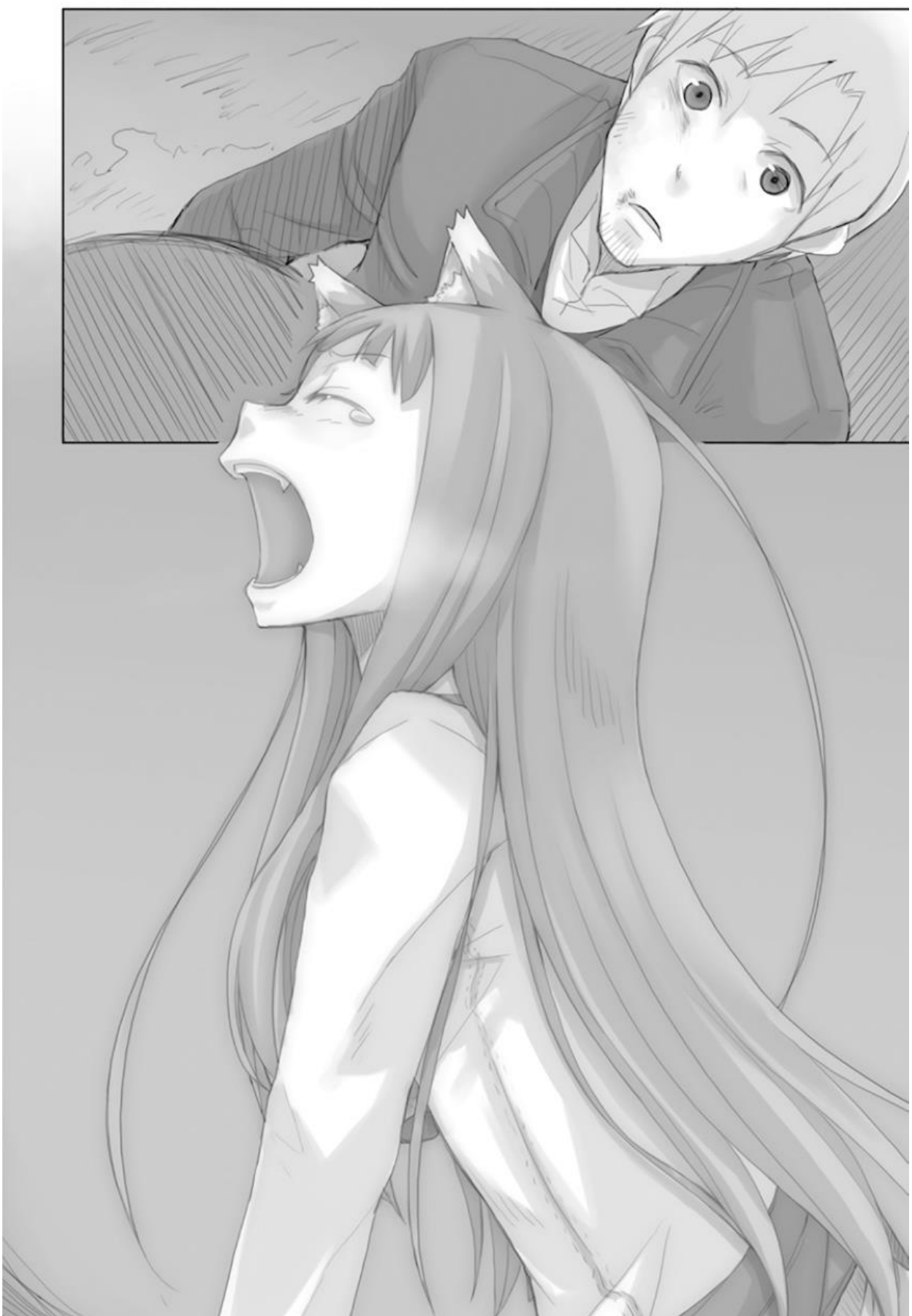
Então, montando-o como se fosse um cavalo, ela inclinou a cabeça para trás como se estivesse prestes a uivar e bocejou.

Era uma visão estranhamente cativante, intocável e divina, e Lawrence se viu fascinado por ela.

Tendo satisfeito seu desejo de mostrar os dentes para a lua, Holo bateu nos lábios sonolenta algumas vezes, depois fechou a boca enquanto afastava o sono pelos cantos dos olhos. Ela então sorriu levemente enquanto olhava para Lawrence.

"Devo dizer que estar no topo combina comigo."

"E eu estou abaixo de você — literalmente, desta vez."



A ponta das orelhas de Holo eram iluminadas pelo luar.

A cada movimento, os raios da lua pareciam dançar.

"Eu diria que também gostaria de um pouco de água… hum? Para onde foi minha túnica? Holo olhou em volta, ela evidentemente não estava brincando.

Lawrence reprimiu as palavras que lhe vieram à mente — *O que você acha que está enrolado na sua cintura?* — e olhou para o céu noturno.

Era o meio da noite. Se estivessem em uma abadia, os frades teriam acordado para fazer as primeiras orações.

No entanto, nem todo mundo estava dormindo. Além das pessoas enroladas aqui e ali como pilhas de esterco de vaca, havia um círculo de homens sentados ao redor da fogueira.

"*Eyahri*," disse um dos homens quando notou Holo e levantou a mão direita em cumprimento.

Holo sorriu, se divertindo, e retornou o aceno.

"O que foi isso?" perguntou Lawrence.

"É uma saudação antiga. Aparentemente, ainda está em uso nas vastas montanhas de Roef," explicou Holo.

Como geralmente era Lawrence quem estava em posição de explicar os costumes do mundo, isso o fez perceber o quão ao norte eles haviam chegado.

Este era realmente o território de Holo.

Lembrou-se do perfil dela perto dos campos de trigo, ela estava dominada pelas lembranças do norte para onde pensava que nunca mais voltaria.

Ele queria colocar em palavras, dizer — *Você quer parar essa ida para Kerube, não é?*

Mas se o fizesse, ela certamente ficaria brava.

Afinal, ele também não queria que ela falasse essas palavras.

"Ah, o garoto está acordado," declarou Holo, interrompendo os pensamentos caridosos de Lawrence.

Enquanto todo mundo tinha mais ou menos deitado e dormido onde quisesse, as pessoas pareciam estar reunidas em uma determinada área — mas em um canto havia uma pequena forma que parecia estar fazendo alguma coisa.

Para os olhos ainda borrados de Lawrence, parecia que poderia ser a própria Holo.

O que significava que era Col.

"O que ele está fazendo?"

"Hmph. Parece estar escrevendo alguma coisa," disse Holo.

Embora ele pudesse ver o contorno do garoto à luz da lua, Lawrence não conseguia ver o que as mãos de Col estavam fazendo — ele só podia ver que estava olhando para baixo e fazendo algo com algum tipo de graveto ou galho.

Col poderia muito bem estar estudando com seu tempo livre.

"Enfim, água. Minha garganta está queimando."

"Mm."

Tomando o odre de água que Holo parecia ter tirado de alguém, Lawrence ficou na margem do rio e desamarrou a corda.

Estava vazio, é claro, e o bico parecia ter sido bastante mastigado.

Lawrence olhou para Holo, que evitou o olhar. Talvez ela gostasse de mastigar coisas e simplesmente escondeu esse fato até agora.

Talvez ela estivesse preocupada em parecer animalesca.

Não — era mais provável que um hábito tão infantil não fosse algo que uma sábia loba devesse fazer.

O sorriso de Lawrence era tão fraco que sob a luz da lua era imperceptível. Por fim ele encheu o odre de água. A água do rio naquela noite de inverno parecia gelo derretido.

"Guh…" ele encheu a boca com a água dolorosamente fria.

Lawrence poderia beber toda a água do mundo depois de tanto vinho.

"Ora, me dê aqui," disse Holo, arrancando o odre e bebendo, depois tossindo, o que bastando merecido.

"Então, você ouviu alguma conversa interessante?" Perguntou Lawrence, dando um tapinha nas costas de Holo enquanto ela tossia, percebendo que seus movimentos eram um pouco exagerados. *Se você quer que eu preste atenção em você, peça*, ele pensou — mas não apontou a mentira dela.

"Kuh… ufa… uma conversa interessante?"

"Você disse que ouviu falar de Nyohhira, não ouviu?"

"Mm. Ninguém conhecia o nome de Yoitsu, mas muitos tinham ouvido do Urso Caçador da Lua."

Como até Lawrence ouvira histórias do grande espírito dos ursos, seria mais estranho se as pessoas nesta região não conhecessem os contos.

Era um espírito de urso cujas histórias haviam sido transmitidas ao longo dos séculos — talvez até milênios.

Lawrence hesitou momentaneamente, mas acabou dizendo o que pensava.

Se Holo ficasse zangada, ele culparia o vinho.

"Isso deixa você com ciúmes, suponho?" Quando se tratava do nome mais memorável, Holo não era párea para o Urso Caçador da Lua.

É claro que, na vila de Pasloe, todas as crianças sabiam o nome dela, mas isso era uma escala completamente diferente do Urso Caçador da Lua.

Ela poderia ter uma certa rivalidade, tendo vindo da mesma época.

Assim que Lawrence começou a pensar que não, que Holo estaria acima desta inutilidade, ela respondeu.

"E quem você pensa que eu sou?"

A mão direita segurava o odre e a esquerda estava no quadril, o peito estufado.

Ela era Holo, a Sábia Loba.

Lawrence se amaldiçoou por fazer uma pergunta estúpida, mas quando ele estava prestes a dizer "Ah, você está certa," Holo desviou para outra declaração, interrompendo-o.

"Eu floresci mais tarde, afinal. Só estou começando." Ela arreganhou as presas e sorriu. Ela não tinha escrúpulos, de fato, ter vivido tantos séculos e ainda alegar estar apenas começando.

Antes que ela fosse uma sábia loba, Holo era Holo.

"Eu posso ter desistido de ser adorada, mas seria realmente bom ter um livro grosso de histórias registradas sobre mim, é claro."

"Ha-ha. Devo escrever, então?"

Muitos mercadores acabavam indo por este lado.

Não tendo aprendido os pontos mais delicados da composição, seus escritos não eram bonitos, mas se alguém à beira da morte tivesse uma fortuna, poderia muito bem pedir a um camarada que escrevesse por eles.

"Hmph. Mas se você fizer isso, a maior parte serão apenas as suas viagens."

"Bem, sim."

"Não pode ser assim, pode?"

"Por que não?" perguntou Lawrence, e Holo tossiu.

"Pode acabar sendo menos um livro e mais uma ladainha de humilhações." Holo riu. "Você iria simplesmente mentir — embelezaria coisas que aconteceram e não aconteceram, sem dúvida. Que tipo de livro você criaria?" Holo olhou para cima.

Estava claro em seu rosto que ela tinha ido além do sorriso e agora estava fazendo um jogo tolo.

Lawrence era um mercador.

Avaliando cuidadosamente seus pensamentos, ele falou. "Você está tentando ser tão grossa quanto o livro que eu escreveria?"

Holo riu sem voz, com seus ombros estremecendo ela bateu no braço de Lawrence.

Era uma conversa tola.

"De qualquer forma, tudo que ouvi falar foi de Nyohhira. Eles não costumam entrar nas montanhas de Roef, disseram. Aparentemente, não é um lugar tão agradável."

"Huh?" Lawrence perguntou.

Holo ainda estava sorrindo, mas havia um vazio atrás daquele sorriso.

Ela era teimosa.

Sempre que ela parecia estranhamente alegre, havia algo por trás.

Mas ela continuou falando, como se não tivesse ouvido a pergunta de Lawrence.

"Existem mais de vinte fontes termais. A terra tem rachaduras que liberam vapor, e parece o fim do mundo — exatamente como era no meu tempo. A única parte irritante foi que o local que eu encontrei e que só eu conhecia parece ter sido descoberto — mesmo sendo uma fonte termal escondida em um desfiladeiro tão estreito que tive que assumir esta forma para caber lá."

Dizia-se que os espíritos das fontes termais observavam aqueles que os visitavam, e quanto mais se esforçasse para absorver as águas, mais eficazes seriam os poderes curativos da mesma.

Então, quando se tratava de porque o povo de Nyohhira teria se esforçado tanto para encontrar tal fonte, era porque encontrá-la era parte da razão de suas vidas.

Considerando tais circunstâncias, ela teria sido descoberta mais cedo ou mais tarde.

Holo parecia extremamente frustrada, mas Lawrence conseguia ver que era fingimento.

Ela deixou escapar algo importante.

As montanhas de Roef não eram um bom lugar.

Foi um descuido.

Isso era óbvio.

Os barqueiros mencionaram o que esperava aqueles que subiam o rio Roef?

Alguém dissera que havia uma mina que produzia água semelhante a cobre a partir de uma nascente e que havia uma cidade com cobre suficiente para construir alambiques revestidos com o mesmo.

E Ragusa carregava grandes quantidades de moedas de cobre pelo rio Roam.

O que era necessário para fazer essas moedas?

Cobre obviamente — e grandes quantidades de lenha ou a pedra negra conhecida como carvão.

Holo estava conversando com a trupe de artistas, então se eles estavam falando mal de uma cidade energética e mineira, não era porque a cidade estava em declínio.

Isso pode significar que o local não é adequado para habitação humana.

Florestas desmatadas, rios envenenados.

Inundações e deslizamentos de terra eram comuns, e atrairia homens tentando enriquecer rapidamente.

A atriz pode ter tentado dizer que a os contratos eram ruins, mas a qualidade da população de uma cidade era determinada pelo seu ambiente.

Estava até mesmo nas escrituras que uma árvore ruim produziria apenas frutos ruins, mas que uma árvore boa produziria apenas frutos da melhor qualidade.

"Heh. Assim não vai dar. Nesse ritmo, não vou conseguir esconder nada de você," disse Holo de repente, enquanto Lawrence estava pensando no que deveria dizer.

"Sempre houve tolos que escavavam as montanhas. O tempo passa e os homens se tornam mais numerosos. Eu estava preparada para isso."

Lawrence duvidava muito que era assim que ela realmente se sentia.

Depois de tantos séculos em Pasloe, Holo tinha que entender — ela tinha que entender que a sabedoria da humanidade havia progredido a ponto de alguns acharem que não precisariam de deuses.

"Ainda assim, saiba disso," disse Holo, dando cuidadosos passos como se atravessasse um riacho por meio de degraus. Ela deu um passo, depois outro, e no terceiro, olhou para Lawrence. "Este é um problema para *eu* me preocupar. Quando vejo você fazer essa cara, não consigo me concentrar direito."

Teria sido fácil simplesmente dizer a ela: "Ora, tenha coragem!"

Mas Lawrence dificilmente poderia fazê-lo.

Holo não podia deixar de se preocupar, e se encontrassem Yoitsu em ruínas, ela poderia se esgotar completamente.

E, no entanto, ela própria entendeu que sua preocupação não era motivo de vergonha — que era inteiramente natural.

Lawrence reavaliou seus pensamentos.

Holo não era a garota que parecia ser.

"Quando chegar a hora, talvez eu precise de seu abraço emprestado para chorar. Essa é uma promessa que vou precisar que você faça."

Ao ouvir essas palavras de uma garota como Holo, Lawrence não teve escolha senão dizer a ela que podia confiar nele.

Holo riu. "Mas e você? Você ouviu alguma conversa interessante?"

Liderado por Holo, Lawrence começou a andar, olhando para o círculo de homens quando algo na conversa causou um rebuliço.

"…Vejamos. Parece que me lembro de Ragusa dizendo algo…"

Talvez por causa do estado de sua mente confusa quando falou com Ragusa, a memória não veio instantaneamente. Ele bateu na cabeça várias vezes, irritado com o fracasso de sua memória ao tentar recordar as coisas que tinha visto e ouvido.

"Eu acredito… foi algo engraçado… mas não muito engraçado… Algo assim."

"Sobre o garoto?" Holo sugeriu. Col ainda estava olhando para o chão sob o luar.

A lembrança retornou para Lawrence. "Ah sim! Ou… será que foi?"

"Bem, isso é tudo que você e aquele barqueiro teriam para conversar, não é? E você também está competindo por ele."

"Não estou competindo por nada. Mas Ragusa realmente parece querer o garoto."

Lawrence imaginou a feroz investida que aconteceria quando chegassem a Kerube.

Não havia como garantir que o garoto se tornaria um padre de alto escalão e isso seria apenas se ele conseguisse terminar seus estudos. Quando Lawrence pensou dessa maneira, sentiu que seria bom que Col se tornasse aprendiz de Ragusa — mas esse era apenas seu julgamento pessoal.

Holo olhou para ele enquanto refletia. "E você?"

"Eu? Bem, eu..." Lawrence se esquivou, evitando os olhos aguçados de Holo.

Ele não se importaria de ter um aprendiz se fosse o Col.

Mas parecia prematuro, e havia outra razão pela qual ele estava sendo evasivo.

"Em Pasloe, esperei muito tempo para que um viajante de aparência adequada aparecesse, mas essa reunião não aconteceu por um longo tempo. Quando se trata de pessoas, bem, você deve confiar nos meus olhos."

Lawrence notou que, em algum momento, Holo havia pegado sua mão.

"E ele se apegou a mim, mas não se preocupe. Não é provável que ele se torne seu inimigo."

Lawrence virou-se definitivamente e soltou um suspiro longo, profundo e branco no ar gelado.

Holo riu.

Lawrence olhou para frente, exasperado, mas não tinha certeza se Holo percebeu...

Ela percebeu que Lawrence suspeitava de suas motivações por apoiar Col?

"Bem, tudo parece estar em ordem agora. Quando soube que os navios estavam se acumulando, eu esperava algo mais problemático."

"...você estava empolgada, então?" Perguntou Lawrence, e Holo olhou com uma expressão complicada.

Ela não balançou a cabeça nem assentiu.

Em vez disso, ela falou meditativamente, olhando para longe. “Eu desejava uma jornada de tranquila, mas viajar com você é estranhamente complicado — quando você tem tempo para pensar em planos tolos.”

Lawrence contou os dias restantes em suas viagens com Holo e lembrou-se do que havia acontecido até agora.

Era verdade que, com o tempo, ele tendia a ter planos.

Nesse caso, talvez ele também possa ser pego em ideias duvidosas, mesmo que seja por pura diversão.

Mas dizer essas coisas a Holo seria ir longe demais, pensou Lawrence.

Então ele, em vez disso, incitou sua raiva facilmente. “É bom e ruim ser inteligente demais.”

Certamente Holo diria isso, e ele responderia aquilo — Lawrence construiu toda a discussão em sua mente, mas Holo não disse nada.

Quando ele achou estranho e olhou para ela, viu sua sobrancelha franzida.

“Inteligente demais?”

Lawrence soube imediatamente que ela não estava com raiva. Pela expressão, ela simplesmente não entendeu.

Foi exatamente por isso que Lawrence não conseguiu entender o significado da expressão.

Quando ele vacilou e suas palavras falharam, Holo fez um curto som. “Ah—”

Ele sentiu como se esse fosse o gatilho. Lawrence viu a fonte da discrepância. Seus olhares se encontraram.

Eles pararam de andar simultaneamente e, após um breve silêncio, o que apareceu em ambos os rostos eram caretas destinadas a esconder o constrangimento que sentiam.

"Não me diga que você perguntou sobre lugares longínquos apenas porque estava interessado e agora você tem uma ideia estranhamente duvidosa em sua mente," disse Holo.

Lawrence ergueu as sobrancelhas, sem palavras.

Naturalmente, mesmo enquanto esperava que seus piores medos se mostrassem infundados, ele confiava que seriam confirmados.

"Não é de admirar que você tenha feito uma cara tão estranha naquela época. Bem, você pode manter suas preocupações em segredo," disse Holo sendo rude.

"Eu poderia dizer a mesma coisa para você. O motivo pelo qual você está tentando forçar Col a ser meu aprendiz é exatamente o mesmo."

Desta vez, foi Holo quem reagiu.

Era exatamente como ele pensava.

Ela poderia ter salvado Col por gentileza, mas sua estranha bajulação por ele e sua insistência em que Lawrence o aceitasse como aprendiz eram por um motivo completamente diferente.

Então, o que aconteceria se ele aplicasse seu novo conhecimento de que, quando Holo fazia alguma coisa, era por seu próprio bem?

Em pouco tempo, ele viu que suas preocupações com Holo eram as mesmas que as dela.

Eles se entreolharam, ambos tentando parecer firmes.

"Você é frágil, e eu tenho que te proteger," eles insistiram.

Era uma conversa tola — os dois estavam pensando a mesma coisa.

"Honestamente… então o que você queria dizer?" Disse Lawrence com um pequeno suspiro, desistindo da disputa. Holo também suspirou.

"Quando temos tempo para pensar em coisas tolas, parece que nenhum de nós consegue pensar em algo bom."

“Incapazes de reconhecer nossas próprias falhas.”

Holo sorriu levemente e pegou a mão de Lawrence novamente. “Não se pode deixar de pensar em tais coisas, mas é bastante difícil lidar com elas.”

“Não pensar em nada é outro problema, eu acho… é complicado.”

E ainda mais quando Lawrence percebeu que essa era a graça.

O futuro seria mais sombrio que isso. Mesmo se eles se preocupassem um com o outro, se continuassem a falar dessas coisas, não haveria resultado.

“Vamos, vamos parar de falar disso,” disse Holo, aparentemente tendo chegado à mesma conclusão.

Lawrence concordou.

“Bem, tivemos o trabalho de acordar a essa hora,” disse Holo. “Está frio, então vamos conversar com o garoto e tomar um pouco de vinho.”

“Mais bebida?” disse Lawrence, perplexo, mas Holo andou à frente dele, e sua única resposta foi o tremor das orelhas debaixo do capuz.

“Essas pessoas não podem dormir de maneira mais organizada? Eles estão atrapalhando o caminho, é frustrante.”

As figuras adormecidas estavam espalhadas aqui e ali, como se tivessem caído aleatoriamente do céu, o que tornava difícil atravessar a área.

Como a margem do rio era larga, estava tudo bem, mas se isso fosse um alojamento barato, essa certamente seria uma das queixas.

Se eles tivessem se alinhado bem, poderiam ter esticado as pernas e haveria espaço para mais pessoas dormirem, mas as pessoas pareciam preferir dormir de um lado para o outro, com os braços e as pernas espalhados por toda parte.

Era graças a isso que Lawrence não sabia quantas vezes ele teve a oportunidade de dormir em uma pousada, mas preferiu passar a noite sob o céu frio.

Essas lembranças de viagens ocorriam a Lawrence, mas algo o incomodava.

Ele olhou para trás para as formas adormecidas dos comerciantes e barqueiros. A postura deles. A direção deles. O número deles.

Sendo encarado por Holo, Lawrence constatou que a irritação em sua mente havia desaparecido.

"Col, garoto," disse Holo.

Col parecia tão apegado a Holo quanto ela a ele, e ela parecia ter gostado do menino.

Seja "raposa," "pássaro" ou "velho," Holo nunca chamou as pessoas pelo nome.

Lawrence se viu procurando em sua memória por algum momento em que Holo o chamou pelo nome.

Provavelmente tinha acontecido uma ou duas vezes, mas quando ele tentou imaginar a cena, ele se sentiu um pouco envergonhado.

"Hmm?" Holo disse inexpressiva. Ela chamara o nome de Col, mas o garoto não parecia ter notado.

Lawrence e Holo se entreolharam, imaginando se ele estava dormindo, depois se aproximaram do Col agachado.

Ele não parecia adormecido — ele estava envolto na túnica de Holo, segurando uma vara fina na mão e se mexendo.

Ele parecia estar totalmente absorvido no que quer que estivesse fazendo.

Holo estava prestes a chamar seu nome novamente, mas naquele momento ele pareceu notar os passos e olhou por cima do ombro alarmado.

"Whoops," disse Lawrence. O rosto de Holo estava branco.

Col, por sua vez, parecia ter sido totalmente absorvido pelo que estava fazendo. Virando-se para Holo e Lawrence com um olhar de surpresa no rosto, ele rapidamente pegou alguma coisa. Fazia um leve tinido metálico, por isso era presumivelmente moeda. Ele também tentou esconder algo com os pés quando se levantou.

Holo não era a única perspicaz.

Lawrence olhou para o garoto, cujos pés escondiam o que parecia ser uma escrita no chão.

No instante em que Lawrence se perguntava o que era, Col rapidamente arranhou e apagou, depois falou.

"O-o que está errado?"

Ao sentir a mão de Holo na mão dele, Lawrence teve a sensação de que Holo queria dizer: "Deixa que eu falo." Ele tinha certeza de que não era apenas sua imaginação.

Era óbvio que Col estava escondendo alguma coisa.

"Mm. Acordamos agora e pensamos que você poderia vir beber conosco."

O rosto desagradável que Col fez certamente não era uma piada.

Há pouco tempo, Ragusa forçou o garoto a beber e Col desmaiou.

Holo riu. "É uma brincadeira. Você está com fome?"

"Er… um pouco."

Col havia desenhado um pequeno círculo.

Parecia que ele havia desenhado várias figuras, mas não havia como saber com certeza.

"Mm. Venha…" Holo falou para Lawrence.

"Temos muitas provisões, não temos?"

"Hmm? Oh, bem, nós temos um pouco."

"Mas?"

Lawrence deu de ombros e respondeu: “Mas se comermos, teremos muito menos.”

Holo bateu levemente no ombro de Lawrence.

“Bem, então está decidido. Agora, seria melhor estar perto do fogo…”

Depois da dança e da bebedeira, Holo e Lawrence haviam esquecido onde o cobertor havia sido colocado.

Os dois olharam para Col, levando-o a perguntar: “Vocês não lembram?” Com uma voz um pouco cansada.

Se Col realmente se juntaria às viagens de Lawrence e Holo como aprendiz, era provável que esse tipo de conversa acontecesse todos os dias.

Holo riu. “Nós dois estávamos bêbados, afinal. Sinto muito, mas você poderia buscá-lo para nós?”

“Entendido,” disse Col e partiu.

Lawrence e Holo viram sua figura retroceder, e algo sobre a cena estava longe de ser desagradável para ele.

Parte disso era, obviamente, porque Holo estava bem perto dele, mas ela parecia concordar e se inclinou levemente contra ele.

Lawrence sabia uma palavra para descrever a cena. Mas se ele falasse, perderia.

“Você,” começou Holo.

“Humm?”

Holo não continuou imediatamente, balançando a cabeça.

“Deixa pra lá.”

“Tudo bem, então.”

Lawrence, é claro, sabia o que Holo estava tentando dizer. E, no entanto, ele teve a sensação de que não deveria estar pensando sobre isso.

"A propósito," disse Lawrence.

"Humm?"

"A cidade natal de Col, aparentemente se chama Pinu. Você ouviu falar?"

Col, em sua pressa, parecia ter pisado acidentalmente em uma das figuras adormecidas.

Lawrence sorriu enquanto observava o garoto se desculpar e apertou um pouco a mão de Holo.

"O que você acabou de dizer?" A voz de Holo não estava normal.

Lawrence pensou, mas quando ela se virou para olhá-lo, seus olhos pareciam estar sorrindo.

"Estou brincando," ela terminou.

"…Ei."

Holo riu. "Por acaso eu deveria saber de tudo?"

Ela tinha razão, mas Holo gostava de fingir ignorância sobre assuntos importantes e tratar coisas ultrajantes como se não fossem nada.

Se ele começasse a duvidar dela, não haveria fim, mas a verdade era que haviam chegado longe o suficiente nessa jornada que fazer uma piada nesse momento era bastante duvidoso.

Lawrence observou Holo rindo da, agora cuidadosa, caminhada de Col, e Holo suspirou, sem olhar na direção de Lawrence.

"Acho que vou ser mais cuidadosa da próxima vez."

"…eu certamente apreciaria isso," disse Lawrence quando Col voltou.

"Aconteceu alguma coisa?" Ele perguntou.

"Hmm? Não, não exatamente. Estávamos conversando sobre sua cidade natal."

“Entendo…” veio a resposta cansada de Col; ele provavelmente estava pensando que esse lugar não era interessante o suficiente para criar um bom tópico de conversa.

A maioria das pessoas que se orgulhava de sua cidade natal teria aproveitado a chance de falar sobre isso.

“Pinu, não é? Sua vila tem alguma lenda?”

“Lendas?” Col perguntou enquanto entregava as coisas para Holo.

“Sim. Certamente vocês têm uma ou duas.”

“Er, bem…” Talvez ele tenha hesitado por causa da repentina pergunta. Até a menor das aldeias tinha muitas lendas e superstições.

“Quando você falou comigo,” disse Lawrence, “você disse que a igreja ter chegado lá foi um problema, não foi? O que significa que a região, inclusive Pinu, tinha outros deuses.”

Ao ouvir isso, Col parecia entender.

Ele assentiu e falou. “Ah sim. Pinu é o nome de um grande deus sapo. O ancião afirma ter visto com seus próprios olhos.”

“Oh ho,” disse Holo, com o interesse sendo despertado.

Os três se sentaram, com Lawrence e Holo tomando o vinho e dando pão e queijo a Col.

“O lugar em que a vila está agora não é onde costumava ser — aquela terra desapareceu há muito tempo em um grande deslizamento de terra e acabou no fundo de um lago que foi criado em uma enchente, é o que dizem. Logo após o deslizamento de terra, o ancião — que ainda era criança e ajudava a caçar raposas nas montanhas — aparentemente o viu. O grande sapo estava impedindo as águas da enchente de descer o vale que levava diretamente à vila.”

Histórias de deuses que protegiam as aldeias de grandes desastres existiam por todo o lado.

A Igreja estava ocupada tentando reescrevê-los para representarem seu próprio Deus, mas vendo os olhos brilhantes de Col, parecia que essa tarefa dificilmente daria certo."

Histórias de deuses e espíritos não eram meros contos de fadas.

Se as histórias ainda eram confiáveis, os esforços da Igreja eram inúteis.

"Então Lorde Pinu bloqueou as águas da enchente e, enquanto as segurava, os anciãos desceram a montanha e correram para a vila para avisar a todos, que mal escaparam com suas vidas."

Depois que Col terminou a narrativa, ele pareceu perceber que havia ficado um pouco animado.

Ele olhou em volta, imaginando se sua voz estava muito alta.

"Hmm. Então seu deus era um mero sapo, então. E sobre, digamos, lobos?" Aparentemente Holo não pôde se conter.

Dada a pergunta, a resposta de Col foi rápida. "Ah, sim, existem muitos."

Holo quase soltou a carne seca que ela havia tirado do saco, mas ela conseguiu fingir compostura enquanto a colocava na boca.

Lawrence fingiu não notar sua mão trêmula.

"Mas há mais pessoas em Rupi. Eu disse a Mestre Lawrence sobre o lugar — é onde estão os habilidosos caçadores de raposas e corujas."

"Ah, a vila em que a Igreja marchou, não é?"

Col assentiu com um sorriso triste, porque foi o evento que originou sua jornada.

"Há uma lenda que diz que o ancestral do povo de Rupi era um lobo."

A parte da carne que estava fora da boca de Holo estremeceu de maneira impressionante.

Lawrence ficou impressionado que ela não tinha desistido.

Mas então ele pensou em voltar à cidade pagã de Kumersun, onde conversara com Diana, a cronista.

Ela falou de um humano e um deus se tornando companheiros.

Ele havia perguntado para ajudar Holo, que estava aterrorizada com a solidão, mas agora tudo isso assumia um significado um pouco diferente.

Como Lawrence esperava que Holo não fosse provocada demais por isso, Col continuou. "É apenas uma conversa que ouvi mais tarde, mas aparentemente os homens da Igreja que foram para Rupi originalmente tinham esse deus-lobo como objetivo."

"O… deus?"

"Sim. Mas não há deuses em Rupi. De acordo com as histórias, eles morreram."

Lawrence não entendeu.

Se a lenda dizia que os deuses estavam mortos, era estranho que a Igreja fosse procurá-los. Teria feito mais sentido a Igreja ter ido porque os deuses estavam mortos, pois isso facilitaria a propagação de seus ensinamentos.

E o sumo sacerdote que também serviu como comandante da tropa da Igreja havia saído da área quando sua saúde fraquejou.

Foi uma campanha estranhamente sem empenho.

Parecia até que a Igreja só foi lá procurar alguma coisa.

Foi quando Lawrence percebeu.

Os homens da Igreja haviam procurado alguma coisa — haviam chegado a uma vila remota, cujo deus já havia morrido.

"Há muito tempo, a história conta que o deus de Rupi retornou à vila depois de ter sido terrivelmente ferido e depois morreu lá. Como agradecimento, ele deixou sua pata dianteira direita e sua prole ali. Seus filhos foram aceitos na vila, e dizem que os membros

anteriores protegiam toda a área de pragas e desastres. E os homens da Igreja estavam procurando aquela pata dianteira ou algo parecido."

O relato de Col sobre a história soou como um conto de fadas; ele não parecia acreditar realmente nisso.

Não era incomum as pessoas considerarem banais as lendas de seus vilarejos, depois de terem viajado e visto parte da amplitude do mundo, mesmo que nunca tivessem duvidado dessas histórias antes.

"É o que eles dizem, mas nossa vila caiu em um lago depois de um deslizamento de terra, então é um pouco duvidoso que o deus de Pinu tenha deixado sua perna lá," disse Col com um sorriso.

Tendo estado do lado de fora e adquirido alguma sabedoria, era natural que ele visse a discrepância entre lendas e o que acontecia na realidade.

Tais experiências serviriam apenas para abalar sua fé, as histórias transmitidas em sua aldeia.

Mas Lawrence era o contrário.

Graças a Holo, ele agora sabia que essas histórias não eram meros contos de fadas.

E era de sua natureza como comerciante tentar incorporar essas informações com o que ele já sabia.

Foi o suficiente para trazer uma memória vaga e confusa.

Algo que ele ouvira de Ragusa, pouco antes de desmaiar bêbado.

Ele sabia muito bem que era uma conclusão arbitrária. E, no entanto, ela se encaixava perfeitamente.

"Então, você duvida das lendas?"

Holo imediatamente sentiu a atmosfera estranha e olhou duvidosamente por baixo do capuz.

O garoto sorriu levemente. "...Se você quer dizer que eu não acredito plenamente, então sim, duvido delas. Mas, na escola, aprendi muito sobre reconciliar a existência de deuses. Então é simples. A

questão da pata dianteira do deus de Rupi teria ocorrido décadas atrás…"

Col teve muitas experiências em sua escola no sul e, pensando em voltar para casa, havia se encontrado nessa área.

Sem dúvida, seria normal coletar histórias sobre o lar.

O que significava que não seria estranho se Col tivesse recolhido a mesma informação que Lawrence.

A grande diferença entre Col e Lawrence era se eles acreditavam ou não nos contos absurdos.

Lawrence não se atreveu a olhar para Holo, apenas pegando a mão dela. "Os mapas do tesouro aparecem apenas quando o tesouro já foi roubado."

Os olhos de Col se arregalaram.

Então eles se estreitaram quando ele sorriu com um leve constrangimento. "Eu não vou ser enganado de novo," era o que seu rosto dizia. "Ainda assim, isso não pode ser verdade, pode? Comprar e vender a perna dianteira de um deus, quero dizer."

O som de Holo respirando.

Parecia que Col tinha de fato as mesmas informações que Lawrence.

A mão de Holo agarrou a sua com muita força.

No lugar da fala, Holo deu uma olhada, mas Lawrence não correspondeu.

"Sim. O mundo está cheio de fraudes e trapaças."

Lesko, a cidade na cabeceira do rio Roef. A empresa comercial procurava a perna dianteira fossilizada de um deus-lobo.

Com base nas informações que Lawrence recebera de Ragusa por causa de bebidas, era certamente um boato que circulava entre os barqueiros.

E se Col, que vivia na estrada, tivesse ouvido, era provavelmente um tópico de discussão em pousadas e tabernas que atraia viajantes.

O ditado era "onde há fumaça, há fogo," mas fazia mais sentido atribuir o boato à cultura pagã que permeava as terras do norte.

Em seus sete anos como mercador viajante, Lawrence já ouvira essas histórias mais de algumas vezes.

Os restos dos santos, as asas dos anjos, cálculos milagrosos, até as vestes de Deus.

E eles eram todos ridículos, absurdamente ridículos.

"Hum, eu realmente não acredito em nada disso, você sabe." Col parecia pensar que o silêncio de Lawrence e, especialmente, de Holo era devido a eles estarem chocados com a ingenuidade dele. "Quero dizer, é claro que acho que gostaria de saber com certeza se é verdade, mas…"

Seu sorriso solitário quando disse isso era como o de uma criança que percebeu o truque atrás de outro truque.

Como ele reagiria se soubesse que diante de seus olhos estava um parente vivo daquele mesmo deus?

Lawrence não pôde deixar de pensar.

Mas quando ele pensou se Holo iria querer mostrar a Col sua verdadeira forma, ele não podia imaginar que era assim tão simples.

Ela olhou para Col com os olhos terrivelmente calmos.

"Ainda assim, se a Igreja realmente está perseguindo aquele osso, o que eles poderiam estar pensando, eu me pergunto?" disse Lawrence a Holo, trazendo-a para a conversa.

Ele havia notado o estado de Holo, mas, dado o tópico, ela deve ter algumas reflexões sobre o assunto, ele argumentou.

"O que eles estão… pensando?"

"Certo. Quero dizer, se eles estão tentando encontrar esse osso porque é genuíno, isso confirmaria a existência dos deuses pagãos. Certamente eles não fariam isso."

"Isso é verdade…" murmurou Col, com o rosto vazio. "Agora que você mencionou, isso é estranho."

Se fosse real, o osso certamente era de um lobo como Holo, então seu tamanho estaria longe de ser comum.

A memória de Lawrence estava um pouco nebulosa, mas ele parecia se lembrar de Ragusa dizendo algo sobre um cão do inferno.

Quando encontrassem o osso, talvez o chamassem assim e fizessem uma proclamação religiosa.

Se tivesse sido um santo martirizado, Lawrence poderia pensar em várias maneiras de usá-lo.

No momento em que Lawrence pensava, Col levantou a voz, em dúvida.

"Ah, er, talvez …"

Lawrence olhou para o garoto; talvez ele tivesse encontrado algo. Mas então, o círculo de homens ao redor do fogo riu alto; evidentemente algo engraçado havia ocorrido.

E no momento seguinte —

Krakk — houve o som de algo quebrando. Por um segundo, ele suspeitou de Holo e seu mau humor.

Quando ele olhou para ela, Holo ficou um pouco surpresa, mas encontrou seus olhos e parecia ter entendido a reação imediata de Lawrence.

Ela bateu no ombro dele.

"O que foi isso…?" Col murmurou aterrorizado, apesar de ter acabado de declarar seu ceticismo sobre a existência de deuses.

Talvez a conversa o tivesse afetado.

A fé religiosa não é tão facilmente perdida — Holo parecia satisfeita ao ver isso e parecia prestes a rir.

Depois disso, não houve som algum, e os homens ao redor da fogueira, todos de pé, começaram a sentar — alguns deles olharam para Lawrence e os demais e deram de ombros.

O que tinha sido? Todo mundo se perguntava a mesma coisa. E então —

Mais uma vez — *krak, kreak* — os sons continuaram, agora visivelmente mais altos, como se algo estivesse lascando.

O rio.

Apenas quando o pensamento atingiu Lawrence, veio o som de madeira rangendo e, em seguida, um grande e audível *splash*.

Col se levantou.

Lawrence estava de joelhos enquanto olhava para o rio.

"Os barcos!" Gritaram os homens que estavam bebendo em volta da fogueira.

Seu olhar logo deslizou para a superfície do rio.

O que ele viu foi a forma galante de um grande navio que, sob o luar, parecia estar indo embora.

"Eeeei! Alguém—!"

Os homens que estavam bebendo em volta da fogueira se levantaram, mas nenhum deles entrou em ação.

Talvez fossem todos mercadores e viajantes. Lawrence também se levantou e Col começou a correr, mas depois de dar três ou quatro passos, ele percebeu que não sabia que ação ele realmente tomaria e parou.

Ficou claro que o barco estava prestes a flutuar rio abaixo e ficou igualmente claro que tinha que ser parado.

Mas Lawrence não sabia como.

Nesse momento, uma voz falou.

"Protejam o navio!"

Ao som daquela voz, os barqueiros que dormiam espalhados como estrume de vaca agora se levantaram.

Todos eles correram para o rio, como se tivessem lidado com esse tipo de coisa mais do que algumas vezes.

Apesar de estar bêbado há pouco tempo, a maioria dos passos dos barqueiros eram firmes e confiantes.

Os primeiros a alcançar os barcos ancorados na beira do rio foram Ragusa e um outro homem.

Eles caminharam diretamente para a água, levantando salpicos, empurrando contra o casco com força semelhante a um boi.

Ragusa embarcou primeiro, seguido pelo outro homem.

Logo atrás deles, o resto seguiu o melhor curso de ação, pulando no rio com um momento de hesitação e nadando em direção aos barcos ancorados.

O grande navio estava lento, mas seguramente, sendo empurrado sobre o outro navio afundado e logo seria arrastado rio abaixo.

O casco afundado, depois de tantas tentativas de Lawrence e do resto de transportá-lo para terra, deve ter ficado frágil e cedido.

E agora estava sendo esmagado sob o peso do outro navio.

Se o navio fosse arrastado, quase certamente encalharia no próximo meandro ou banco de areia.

E haveria outros navios ancorados mais abaixo na correnteza também.

Se um barco menor fosse atingido, até uma criança poderia dizer o que aconteceria.

Mas a razão pela qual os barqueiros mergulharam na crise como cavaleiros bem treinados parecia menos por medo das consequências

reais e mais simplesmente para proteger seus bons nomes como barqueiros. Se eles deixassem o mesmo navio encalhar duas vezes, isso destruiria suas reputações.

Col deu mais dois ou três passos, talvez atraído pela bravura de Ragusa.

Lawrence engoliu em seco enquanto observava a situação se desenrolar.

Afinal, o navio exigia quatro ou cinco remadores. Ele não achou que seria fácil parar.

Mas, diferentemente do resto dos espectadores, Lawrence não estava simplesmente olhando a cena.

Ao lado dele estava Holo, que murmurou: "Você realmente não entende?"

"Hã?"

Por um momento, ele pensou que ela estava falando sobre o navio, mas então ele percebeu que não era isso — ela estava se referindo à razão pela qual a Igreja estava procurando aqueles ossos.

"Você entende?" Ele perguntou de volta.

Ouviu-se um grito.

Quando olhou, viu que Ragusa havia conseguido, com habilidade admirável, levar seu barco ao lado do navio em fuga, e o outro barqueiro pulou a bordo do navio maior e assumiu o seu mastro.

Mas não parecia que iria parar. À luz da lua, esse mastro parecia impossivelmente fino e frágil.

Ele pensou que podia ouvir a fala nervosa de Ragusa.

"Eu realmente entendo," respondeu Holo. "Assim como você vive viajando e vendendo, vivi com a fé do povo." Suas palavras afiadas eram a prova de seu descontentamento.

Lawrence não sabia por que ela estava com raiva.

Mas ele sabia que a raiva dela tinha algo a ver com a Igreja.

"A razão pela qual eu odiava ser chamada de deusa era a maneira como as pessoas me mantinham à distância, me olhando de longe. Elas temiam, respeitavam e eram gratas pelo meu menor movimento. Fui tratada com cautela constante e terrível. Então, se você considerar o oposto disso..."

"Não!" Alguém gritou.

O barco de Ragusa circulou à frente do navio. Os barqueiros tentassem cercar o navio e pará-lo dessa maneira, poderiam facilmente acabar afundando.

Houve o som abafado do casco batendo em casco. Todos que assistiam a cena prenderam a respiração, punhos cerrados.

O barco de Ragusa balançou violentamente. Certamente iria virar a qualquer momento. Apesar da atmosfera tensa na praia, Lawrence olhou para Holo.

Ele entendeu o que ela estava tentando dizer. "Certamente esse osso, eles não vão —"

Então veio o som de uma grande onda quebrando.

Depois de vários momentos que pareciam uma eternidade, o navio visivelmente diminuiu e pareceu parar.

Enfim estava seguro.

A compreensão se espalhou, junto com uma grande alegria. A bordo do navio, Ragusa levantou as duas mãos em triunfo. No entanto, Lawrence não tinha prazer nisso.

Sua boca estava cheia de ódio com as ações da Igreja.

"Está certo. Suponha que eles encontrem um osso que sabem ser real e depois o esmaguem sob seus pés? Não podemos simplesmente devorar os tolos quando somos ossos. Teremos que nos contentar em ser subjugados. Não haverá milagres. E o que as pessoas que veem isso pensam? Eles vão pensar —"

Logo os barcos de reboque alcançaram o grande navio, e vários outros barqueiros subiram a bordo e jogaram cordas para fora.

Lawrence sentiu que estava testemunhando a indescritível solidariedade de homens que trabalhavam juntos.

Ele desejava estar entre a celebração.

"— eles pensarão: 'Oh, olhe para essa coisa que nós tanto costumávamos temer', no fim das contas não é tão grandioso.'"

Seria uma demonstração mais eficaz da grandeza do deus da Igreja do que dez mil sermões.

Lawrence ficou impressionado com a implacabilidade do método — apenas a Igreja, tendo combatido os pagãos por séculos, consideraria isso.

Mas esse osso poderia muito bem pertencer a alguém que Holo conhecia — no pior dos casos, até um parente.

E esta era Holo, que estava em um impasse com o comércio de peles.

Mas havia uma diferença entre negociar peles e esmagar simbolicamente esse osso.

Os olhos dela tremeram não porque ela queria chorar, mas de raiva.

"Então, o que você acha?" Ela perguntou.

No meio dos sons de tambores e flautas, Ragusa e seus companheiros amarraram os barcos com movimentos treinados, dando início à tarefa de amarrá-los mais uma vez.

Cada homem era habilidoso o suficiente para que nenhum pensamento consciente fosse necessário para realizar sua tarefa com facilidade intuitiva."

A Igreja era tão treinada na manipulação da fé. Eles usariam quaisquer ferramentas que tivessem para espalhá-la.

"Eu acho… eu acho horrível…," disse Lawrence.

“Tolo,” disse Holo, pisando em seu pé.

A dor que ele sentiu lhe disse o quão brava Holo estava.

“Não estou lhe perguntando a moralidade disso. Você é como a Igr—”

Holo se deteve, mas antes que ela pudesse se desculpar, Lawrence pisou em seu pé, com o rosto sério e inclinado.

“Isso é vingança,” dizia sua expressão.

Holo mordeu o lábio antes de continuar, parcialmente para se acalmar e parcialmente frustrada com seu próprio deslize.

“…O que eu quero dizer é, o que você acha da história de que eles estão atrás do osso? Você acha que é verdade?”

“Mais ou menos.”

Holo olhou para ele, magoada talvez pela falta de resposta.

Ela poderia estar se arrependendo de deixá-lo irritado sem uma boa razão.

“Quero dizer, meu palpite imediato é esse. Histórias como essa são comuns, como a maneira como Col foi enganado durante seus estudos.” Lawrence fez um gesto com o queixo para Col.

Col, junto com o resto dos espectadores, estava aplaudindo Ragusa e os outros barqueiros.

Sua figura inocente não parecia muito diferente da de Holo, pois ele ainda estava usando o roupão dela.

“Bem, então isso dificilmente é duvidoso, não é?” Disse Holo.

“Sim, mas eu sei que seres como você existem. Isso elimina a possibilidade das fofocas mais comuns. Então, mais ou menos. Se existe um boato é porque há uma empresa envolvida. Se é realmente em Rupi, não sabemos. O fato de a Igreja ter chegado a Rupi só é verdade desde que Col não esteja mentindo.”

Ragusa e os trabalhos dos outros barqueiros pareciam ter concluído.

Todos eles estavam a bordo do barco de Ragusa com alguns enérgicos mergulhando na água e nadando até a terra.

A madeira restante foi jogada no fogo e o vinho na direção dos heróis retornados.

"Porque você diz isso—?"

A mão de Holo se entrelaçou com a de Lawrence.

Ela parecia pensar que era necessário provocá-lo quando ela tinha um favor a pedir.

"Vamos continuar nossas viagens tranquilamente e, quando encontrarmos Yoitsu, diremos adeus. O que você acha?"

Lawrence teve que rir da facilidade com que tratava do assunto. Holo cravou as unhas com raiva na mão dele.

Isso estava indo longe demais.

Quando ela era tão franca, ele não poderia muito bem acusá-la de não ser honesta.

Lawrence respirou fundo, depois exalou. "Não me pergunte algo assim. O que eu disse quando fui buscá-la?"

Holo desviou o olhar e não respondeu. Inacreditavelmente, ela parecia tímida.

"Existe a salvação de que tudo pode ser apenas um mero boato. Se isso capturou seu interesse, não me importo."

"E se não houver tal salvação?" Ela não era chamada de Sábia Loba por nada.

As palavras eram seus brinquedos.

Lawrence aumentou ainda mais seu tom. "Se for verdade, não vamos sair ilesos."

"Por causa da minha raiva?"

Lawrence fechou os olhos.

No momento em que os abriu, ele viu o animado Col olhando para eles. O garoto pareceu notar sua estranha moderação.

Ele olhou a frente apressadamente, como se tivesse visto algo que sabia que não deveria ver.

"Esses itens têm preços inacreditavelmente altos, por regra. A Igreja também costuma exercer sua autoridade em tais assuntos."

Ele olhou para Holo ao lado dele.

Lawrence sabia que Col estava olhando por cima do ombro.

Mas ele não se importava particularmente.

"Apesar de sua moral, é um item valioso que afeta a credibilidade da Igreja. Se nos envolvermos, não sairemos ilesos disso."

Holo sorriu, levando a mão livre ao nível do peito e acenando.

Lawrence viu Col apressadamente desviar o olhar. Holo lentamente abaixou a mão dela.

"Se eu simplesmente falar 'vou escavar ossos' não vou forçá-lo a vir junto."

Agora ela estava sendo injusta.

Lawrence levantou a mão livre e bateu levemente na cabeça de Holo. "Diferente de você, eu prefiro que nossa história seja longa."

"…É sério?"

Embora a ideia da jornada que terminasse com ele envelhecendo e morrer enquanto dormia tivesse um certo apelo, havia algo que era bastante doloroso para ele.

E era ainda mais quando os encontros e viagens eram tão agitados.

Por que as pessoas se reuniam para comemorar e dançar no final do ano ou na colheita?

Lawrence sentiu como se entendesse agora.

"As histórias são melhores quando têm um final, não são?"

"Mesmo se houver perigo?"

Lawrence balançou a cabeça.

Afinal, ele não era um jovem selvagem.

"Claro, eu preferiria evitar o perigo, se possível."

Holo sorriu triunfante. "Eu sou Holo, a Sábia Loba!"

Era uma coisa tola, ele pensou.

Se realmente havia uma empresa comercial procurando o osso e a Igreja estava realmente atrás dele, então não era algo que um mercador independente pudesse sonhar em se meter.

E, no *entanto*, pensou Lawrence.

Suas viagens com Holo não seriam um molho fraco que deixaria o estômago vazio e roncando. Eles tinham que ser como carne bovina, um corte largo e temperado generosamente com especiarias.

Holo sorriu suavemente e seguiu em frente.

Ela bateu na cabeça de Col, espionando-o, depois caminhou com ele em direção a Ragusa e o resto.

Lawrence os seguiu devagar.

A lua pairava lá no céu, e o ar agradavelmente frio se agitava com o riso caloroso dos barqueiros.

O momento decisivo de sua jornada foi uma noite adorável, de fato. Lawrence respirou fundo.

Embora Holo estivesse com raiva caso descobrisse ser verdade, ele não se importava muito com isso.

Havia algo mais importante.

"…"

Por ter encontrado um motivo para continuar em frente, ele queria agradecer à lua.

Epílogo

Cedo pela manhã.

Lawrence acordou quando a luz tocou seu rosto, no momento em que o sol mostrou sua face acima do horizonte.

Pelo menos, era o que parecia, mas quando abriu os olhos, percebeu que o que realmente tocava seu rosto era a respiração de Holo enquanto ela dormia.

A Holo adormecida, enrolada no cobertor, ocasionalmente mexia a cabeça, talvez respirando.

Quando Lawrence olhou para ela, sua bochecha estava um pouco úmida, uma prova de que ela emergira do cobertor apenas um momento atrás.

Era como massa de pão cru.

Particularmente na forma como iria enrijecer a qualquer momento.

Mas era sua imaginação que o rosto adormecido parecia ainda mais inocente do que o normal?

Ela não parecia apenas relaxada - seu rosto transmitia uma certa autoconfiança, como se não estivesse tendo pesadelos. Até a franja chamuscada parecia um distintivo de honra, como se fosse um cavaleiro corajoso que retornara destemidamente de um castelo em chamas.

Não — isso era ir longe demais.

Lawrence sorriu com sua loucura, depois bocejou. Sua pele seca e fria reclamou, e seus olhos se abriram com uma sensação de uma membrana de gelo rachando.

Hoje seria outro dia claro.

Eventualmente, o rosto de Holo se contorceu, os olhos ainda fechados, e ela se mexeu debaixo do cobertor.

Depois que o navio foi impedido de ser arrastado rio abaixo, houve rumores de uma comemoração a noite toda, mas os barqueiros conheciam muito bem seus empregos.

Beber a noite toda e depois pilotar barcos rio abaixo no dia seguinte era um perigo muito grande.

Eles se entregaram a um pouco de diversão antes de ir para a cama, sem tempo suficiente para secar suas roupas.

Como havia muitas peles que haviam sido trazidas para terra, mesmo com roupas molhadas, não havia preocupação de estar quente o suficiente para dormir profundamente.

Alguns dos homens maiores e mais fortes haviam se despido e se cercado de peles para se aquecer com mais eficiência; suas formas dormindo eram um espetáculo de se ver. As palavras de Holo “não sei bem o que pensar dessa visão” foram as mais adequadas.

Esses mesmos homens ainda não estavam acordados, e Lawrence percebeu que, no momento, ele era o único acordado.

Ninguém acordava por causa do frio, e não era como se tivessem cochilado no dia anterior.

Essa sensação durou apenas alguns dias, mas fez Lawrence se sentir muito nostálgico.

Os dias em que ele fazia negócios o dia inteiro, considerando precioso cada momento livre.

Parecia reviver aqueles dias.

Quando o amanhecer significava uma nova oportunidade de lucro, se a vida era uma aposta, o amanhecer era outra carta.

Outra carta. Outro. E outra.

Mesmo se não houvesse progresso, isso também era divertido. Parecia ser o mesmo hoje em dia.

Há quanto tempo ele havia se sentido assim, desde que a realidade do fim de suas viagens com Holo ficava cada vez mais perto? Ele não tinha ficado com medo do amanhecer?

Embora ele soubesse bem que toda jornada tinha seu fim, isso não facilitava as coisas. Ele duvidava que até Holo, a Sábia Loba, pudesse conter esse sentimento.

Então o que ele poderia, um mero humano, esperar?

E então, veio esse primeiro despertar agradável em algum tempo.

Mas ele sabia o motivo.

Em Lenos, eles declararam sua intenção de terminar suas viagens com um sorriso.

Ontem à noite eles decidiram como atingiriam esse objetivo.

Eles continuariam essa viagem despreocupada e, em Yoitsu, seria "até algum dia". "O que você acha?" Disse Holo.

Para o mercador que dedica seus dias ao lucro e à loba feroz, "viajar despreocupado" era uma impossibilidade.

O que o deixava tão animado quanto uma criança.

Mesmo que ele não tivesse ideia se a história era verdadeira. E se fosse verdade, a probabilidade de levar a um resultado doloroso para Holo era muito alta.

E, no entanto, Lawrence não achava imprudente. Afinal—

"Atchimm—"

Lawrence ouviu um espirro debaixo do cobertor.

Ao conduzir negociações em uma estalagem apertada, era preciso ter cuidado para que as pessoas que dormiam nas proximidades estivessem realmente dormindo e não fingindo dormir para espionar.

Espirros, tosses e sons de deglutição — tudo era prova de que alguém estava acordado.

Lawrence retirou o cobertor e viu Holo esfregando o nariz.

Ela logo o notou e voltou o olhar para ele. Seus olhos não estavam sonolentos do jeito que costumavam estar.

"Mmph… É o primeiro despertar agradável em algum tempo."

Afinal de contas—

Lawrence achou que Holo se sentia da mesma maneira que ele.

"Então você está indo mesmo, hein?"

O sol já estava completamente erguido e a área fervilhava de atividade enquanto os barqueiros se preparavam para partir.

Ragusa deixou seu próprio barco aos cuidados de um colega barqueiro e andou a passos largos, de braços cruzados, observando os procedimentos.

Os barqueiros se parabenizaram por suas ações heroicas em salvar o navio na noite anterior, como era do costume deles.

Mas mesmo o modo heroico de Ragusa, como se ele fosse o verdadeiro herói da noite, desmoronou quando Lawrence o informou de sua intenção de terminar sua jornada rio abaixo aqui e retornar a Lenos.

"Sei que demoramos uma noite aqui, mas será uma viagem expressa o resto do caminho! Nós compensaremos o atraso em pouco tempo!" ele disse insistentemente.

Mas Lawrence apenas respondeu com razão. "Não, Kerube estava um pouco longe do nosso caminho para início de conversa. Após uma noite refletindo, decidimos voltar."

"Urgh… certo, então. É uma marca na minha reputação como barqueiro, mas… acho que não há nada a fazer."

Ragusa não teria ficado tão chateado, mesmo que tivesse perdido a bolsa de moedas — então Lawrence começou a se sentir mal por mentir para ele.

A verdade era que Lawrence e companhia não estavam retornando a Lenos, mas planejavam chegar a Kerube um passo à frente do resto.

A razão pela qual Lawrence se deu ao trabalho de mentir para descer do barco foi que o método deles de chegar lá não era algo que ele pudesse explicar para qualquer pessoa.

"Imagino que possamos voltar em um dia — e, é claro, minha primeira viagem em algum tempo foi excelente."

Ragusa sorriu tristemente com a conversa ociosa óbvia no meio de uma negociação comercial, depois suspirou.

Sua aceitação era típica de um barqueiro.

"Ah bem. Para todas as reuniões, há uma separação. Sou um barqueiro que conecta cidades. Sem dúvida, terei a chance de transportar os mesmos viajantes novamente", disse Ragusa, oferecendo a mão.

Lawrence apertou a mão do homem quando ele embarcou e agora apertou novamente ao sair.

Viagens como essa os colocam literalmente no mesmo barco.

E o homem responsável pela vida de Lawrence era quase um amigo.

"De fato. Eu sou um mercador viajante, afinal. Tenho certeza de que passarei por aqui novamente," disse Lawrence, pegando a mão grossa do homem.

"Certo então. Tote Col — lembre-se bem das coisas que eu te ensinei."

"O qu—? Oh! Sim, senhor!" disse Col às pressas. Ele estava parado ao lado de Lawrence, cochilando.

Anteriormente, Col tinha sido posto para trabalhar no barco de Ragusa, vigiando caso outro navio fosse arrastado.

Evidentemente, ele estava procurando por dinheiro.

Vendo isso, Lawrence não pôde deixar de suavizar sua expressão. Ragusa secretamente o entregou os salários de Col — e eles eram generosos — para Lawrence, com instruções para entregá-los quando chegassem a Kerube. Col não se preocuparia com comida por uma semana.

"Aliás, Sr. Ragusa."

"Hum?"

"Não há como roubar de mim agora," alertou Lawrence, e Ragusa riu imensamente.

Não havia dúvida de que Ragusa iria tentar o rapaz com seu serviço quando chegassem a Kerube.

Col tinha seus próprios objetivos.

Mas se Ragusa torcer o braço o suficiente, Col poderia se ver concordando. Talvez não fosse da sua conta, mas Lawrence queria ajudar o garoto a alcançar seus próprios objetivos.

Por isso, suas palavras para Ragusa.

O barqueiro soltou um suspiro divertido. “Tudo bem, então. Eu prometo. Sou barqueiro — não vou mentir.”

Cada viajante tinha suas próprias razões para sua jornada. Ragusa certamente entendia isso melhor do que ninguém.

Os homens se entreolharam e riram.

Lawrence podia entender a sensação de ter deixado o peixe grande que era Col fugir, embora ainda fosse muito cedo para Lawrence considerar o garoto como seu próprio aprendiz.

“Ainda assim —” disse Ragusa, agarrando o ombro de Lawrence de repente e puxando-o para perto. “Você não vai brigar com sua companheira por algo tão tolo de novo, vai?”

Ele quis dizer Holo.

Lawrence olhou para ela, movendo apenas os olhos. Ela sorriu para ele por baixo do capuz.

Quando ele voltou a olhar, vislumbrou Col, dando-lhe um sorriso simpático, o que era ainda pior.

“Eu sei, eu sei. Não vou.”

“Marque minhas palavras — você não pode comprar amor com ouro. O seu bom senso de comerciante não funcionará. Não esqueça disso!”

Era algo duro de ouvir. Mas também era verdade.

“Eu vou esculpir isso no meu coração,” disse Lawrence, e só então Ragusa o soltou, como se dissesse “Bem, está tudo bem então.”

O rosto de Ragusa agora estava brilhante e alegre quando ele dobrou os braços, como se sua tristeza de um momento atrás tivesse sido uma mentira.

Lá, com o peito estendido, ele era um barqueiro por completo.

Lawrence se perguntou por um momento se em dez ou quinze anos ele também teria esse tipo de presença.

Mas empilhar mais palavras agora teria tornado esse ato um pouco monótono.

Ele pegou a mão de Holo, na qual ela assentiu, sua expressão composta.

"Bem, então vamos indo," disse Lawrence.

"Uh, espere—!"

Com a fala de Col, o par olhou para trás.

Por um momento, Lawrence considerou que, se Col pedisse para se tornar seu aprendiz ali mesmo, ele estaria genuinamente em conflito.

Col gaguejou lá por um momento, como se não tivesse certeza do motivo de ter chamado. Mas então ele disse simplesmente: "Obrigado por tudo!"

Col, que havia chamado "Mestre!" na primeira vez.

Seu comportamento naquele momento era como se ele fosse um verdadeiro aprendiz — a verdade dentro da mentira.

"Boa sorte," disse Lawrence, e ele e Holo começaram a andar.

Várias vezes ele foi tentado a se virar e olhar, mas no final, ele não o fez.

A razão pela qual era óbvia.

Ao lado dele, Holo parecia que ela queria se virar e olhar ainda mais.

"Então vamos descer o rio e chegar a qualquer cidade portuária e depois o quê?" Perguntou Holo, olhando para o futuro com determinação forçada.

"Mm, quando chegarmos a Kerube, pegaremos Eve."

Eles discutiram isso na noite anterior. Não havia necessidade de reconfirmar o plano, mas Holo provavelmente queria mudar o assunto de Col.

"Então, pegaremos a garota e, em troca de seus lucros, faremos ela nos contar o que sabe."

"Ela conspirou com a Igreja com bens contrabandeados, por isso, se é sobre cidades ao longo deste rio, ela deve ter todas as informações."

"Hmph. Desde que nos vinguemos dela, qualquer motivo serve."

Lawrence riu; que a afirmação não era necessariamente uma mentira.

Ele teria que ter muito cuidado para que não brigassem.

"Mas, ainda assim, às vezes é bom tomar minha forma de lobo e correr sob os raios do sol. Minhas pernas podem facilmente ultrapassar qualquer navio, não importa o quão a frente ele esteja."

Foi por isso que eles desceram do barco de Ragusa. Não era rápido o suficiente para alcançar Eve.

Mas como pegar um cavalo seria ainda mais demorado, esse era o único caminho.

"Então, quando tivermos estrangulado seja lá como for que a empresa se chame, voltaremos pelo rio para a cidade de ontem. E depois disso?"

"A Companhia Jean, sim. E não vamos estrangulá-los. Não temos os recursos para isso. Eu só quero coletar algumas informações. E depois disso..." Lawrence olhou para longe e depois para Holo. "Vamos decidir quando chegarmos lá."

Holo franziu a testa com isso, mas não havia o que fazer.

O que Holo realmente odiava era que a conversa terminasse aqui.

"Sempre tão teimosa," disse Lawrence com um sorriso.

"Quem é teimosa?" Perguntou a teimosa Holo.

Aparentemente, ela estava determinada a fingir ignorância.

Em vez de desafiá-la, Lawrence decidiu ir direto ao ponto. “Parecia que você queria trazer Col.”

Os lábios de Holo se curvaram visivelmente em desdém. “Eu só estava tentando trazê-lo para que, quando eu fosse embora, você não estivesse muito sozinho. Se não tem utilidade para ele, não há necessidade, há?” Ela retrucou, seu discurso disparando rapidamente.

Na verdade, tinha sido uma explicação simples, livre de emoção. Mas Lawrence não disse nada e apenas olhou para Holo.

Ele sabia que ela entendia bem o suficiente.

Como esperado, eventualmente ela não aguentou mais e finalmente falou.

“Você ficou bastante inflexível.”

Sua expressão dificilmente era uma que ele esperaria que fosse um elogio, mas ele a considerou um elogio.

Holo parecia se resignar. “Não me lembro quando, mas uma vez conheci um menino e uma menina da idade dele em minhas viagens,” disse ela, exasperada.

“Oh?”

“Os dois eram como filhotes e não sabiam diferenciar a direita da esquerda. Nada é mais perigoso que essa ignorância. Eu cuidei deles por um tempo, viajando com eles. Foi bastante divertido, na verdade. Isso me faz pensar neles.”

Sem dúvida, ela queria dizer isso.

Mas a verdade não era tudo.

“Além disso, eu simplesmente gosto do garoto,” confessou Holo categoricamente. “É o suficiente para você?”

Ela olhou para Lawrence através dos olhos estreitados.

"Será que você realmente terá ciúmes de uma criança assim?" Seus olhos impacientes exigiram.

"Gostaria de poder dizer: 'Então, vamos trazê-lo junto,' é claro —" Lawrence encolheu os ombros. "Mas eu não posso."

"Aposto que não."

Um dos motivos era porque ele estava prestes a abordar alguns negócios perigosos.

Outro motivo era que isso dificultaria a ocultação da verdadeira identidade de Holo.

E a última razão —

"Qual é o motivo?" Foi a vez de Holo perguntar. Se ele não entregasse, ela rasgaria sua garganta.

"Gosto de viajar apenas nós dois."

Mas não havia mais teimosia ou vergonha em dizer isso.

Portanto, não era algo com que Holo o provocaria.

Era precipitado dizer que a familiaridade gerava desprezo.

Nas palavras de Lawrence, a expressão de Holo sugeria que ela entendesse, e sua mão se contorceu um pouco na dele.

"Eu imaginei que as razões eram algo parecido com isso, sim. E além disso —"

"Além disso?"

"Você disse quando o conhecemos, não disse? Que, se ele não buscasse sua própria salvação, você não ousaria ajudá-lo."

O que significava que, se Col não pedisse, Lawrence não ofereceria.

Lawrence estava prestes a responder, mas parou.

Ele pensou em Col, tropeçando em suas palavras enquanto se separavam.

Certamente ele estava prestes a pedir para ser levado junto.

Col certamente ouvira a conversa de Lawrence e Holo sobre os ossos do deus-lobo.

E se sim, ele dificilmente deixaria de se interessar — tendo vindo de uma vila não muito longe de Yoitsu.

Se Lawrence pretendia verificar a verdade das histórias, Col poderia muito bem querer saber.

Era totalmente plausível.

Mas quando ele fechou a boca, a razão pela qual tinha se torturado por isso era sem dúvida porque a lógica lhe dizia para voltar para a escola o mais rápido possível.

Lawrence tinha certeza de que isso era verdade. "Bem, mesmo se ele tivesse pedido para vir em nossas viagens, eu teria recusado."

Holo estava prestes a protestar que não era o que prometera, mas sem alguma seletividade, ela estaria em apuros.

"Agora, se ele dissesse 'Se você me recusar, estou preparado para morrer,' posso pensar sobre o caso."

"Então você está dizendo que não quer que ninguém interfira conosco por menos que isso?"

Uma breve pausa. "Tudo bem."

"Desculpe, você disse alguma coisa?"

"Eu não."

Embora suas palavras parecessem se afastar, os dois continuaram de mãos dadas enquanto caminhavam.

Lawrence, é claro, entendeu que Holo unilateralmente decidiu chegar perto.

Quanto ao que Holo estava pensando — não era preciso dizer. "Bem, então, você acha que podemos nos afastar com segurança da estrada agora?"

Mesmo que olhassem para trás, Ragusa e Col estariam fora de vista.

O rio Roam corria silenciosamente ao lado deles, e não havia ninguém por perto.

Se eles andassem em ângulo reto com o rio, estariam no meio de vastas planícies. E lá, Holo poderia se tornar uma loba ser vista por olhos humanos.

Fixando o punho na mão de Holo, Lawrence começou a ir para o deserto despovoado.

E então —

"O que foi?"

Holo havia parado.

Ele olhou para ela, presumindo que estivesse brincando com alguma coisa, mas ela estava olhando estupidamente para o rio.

"Tem alguma coisa ali?"

Lawrence sentiu uma leve premonição.

E é preciso dizer, uma certa antecipação.

Perto de uma cidade poderia até ser, mas tão longe, as estradas estavam eram desertas no início da manhã.

No entanto, Lawrence viu uma única figura correndo na direção deles.

Rápido e silencioso, ele lançou um olhar para o rosto de Holo enquanto ela observava a figura e suspirava divertida. "Você certamente gosta de crianças."

As orelhas de Holo se contraíram.

Para a leve surpresa de Lawrence, foi quase a mesma contração que ela fazia quando ele cometia um deslize.

O que ele disse de errado? Lawrence pensou bem e não conseguiu encontrar nada.

Sem olhar para ele, Holo falou. “E se eu respondesse que gosto de crianças, o que você faria?”

Era uma pergunta estranha.

“O que eu faria? Acho que não faria nad—ah…”

Inconscientemente, ele soltou a mão de Holo, mas Holo dificilmente o deixaria escapar.

Ela pegou a mão dele como se fosse um gato pegando uma borboleta e o puxou de volta.

Sob o capuz, ela exibia um sorriso combativo.

“Eu gosto de crianças, não gosto? Não gosto?”

“Urgh…” Lawrence amaldiçoou sua escolha descuidada de palavras.

“Hmm? O que é isso?” A cauda de Holo balançava rapidamente.

Lawrence não conseguia pensar em objeções ou réplicas.

A única coisa a fazer seria mudar de assunto à força.

Só então, Holo desistiu de seu ataque. “Ah, bem, sou eu quem veio viajar com você, afinal. Vou deixar essas decisões em suas mãos,” ela falou, se afastando dele.

Lawrence estava com um suor nervoso nas costas — mas a identidade da figura era óbvia.

Col estava indo na direção deles.

E ele dificilmente havia sido enviado para entregar algum artigo esquecido.

Lawrence pigarreou, tentando limpar seu fracasso verbal anterior.

Pela risada de Holo, não haveria mais perseguição. “Bem, se acabarmos viajando juntos, você não será capaz de se pentear como quiser” disse Lawrence.

Holo deu um grande suspiro; não era uma piada, e Lawrence estremeceu.

"Os homens sempre se consideram especiais," ela falou.

"…"

"Pense de onde ele é. Suponho que teremos que ver se ele acha ou não minha forma aterrorizante."

Lawrence não respondeu a essas palavras, o rosto de Holo ficou subitamente tímido.

Ao contrário da Igreja, que a perseguiria como possuída por demônios, uma pessoa das terras do norte poderia simplesmente cair prostrada diante dela.

Tendo se dado tão bem com Col, Holo certamente ficaria magoada se ela recebesse esse tratamento do menino.

"Bem, vamos ouvir a razão dele e decidir a partir daí," disse Lawrence levemente.

Holo assentiu, e no instante seguinte Lawrence finalmente conseguiu ouvir os passos de Col enquanto corria pela estrada.

Col parecia estar correndo com todas as suas forças e, ao ouvir Lawrence e Holo, abruptamente diminuiu o passo; então, parecendo que poderia entrar em colapso, ele parou completamente.

Ele não chegou mais perto.

Ele estava perto o suficiente para sua voz ser ouvida. Lawrence não disse nada.

Aqueles que queriam algo tinham que bater na porta.

"Hmm!" Col conseguiu gritar, sua respiração irregular.

Ele havia eliminado a primeira barreira.

"Esqueci alguma coisa?" perguntou Lawrence, se fazendo de bobo. Col mordeu o lábio inferior.

Ele certamente estava antecipando a recusa.

As crianças sempre assumem que os adultos farão o que querem.

Ele havia eliminado a segunda barreira. Col balançou a cabeça.

“E-eu tenho um favor a pedir.”

Ao lado de Lawrence, Holo se mexeu, talvez tentando esconder o rosto debaixo do capuz.

Se a preocupação de Holo com o garoto não era uma estratégia para convencê-lo a levá-lo como aprendiz, então ela provavelmente não suportava vê-lo andar nessa corda bamba.

Mas Col abriu a terceira barreira facilmente.

Foi preciso muita coragem para perguntar o que se sabia que seria recusado.

“E o que seria? Se for despesas de viagem, não posso ajudar,” disse Lawrence.

Os olhos de Col não vacilaram com o golpe deliberado.

Lawrence queria apenas dizer “certo” de uma vez.

Se o resto continuasse como de costume, ele seria capaz de concordar prontamente.

“N-não, não é isso. Eu só —”

“Você só —?" perguntou Lawrence, e Col olhou para o chão por um momento, depois fechou os punhos e olhou para cima.

“Você vai descobrir a verdade sobre o lobo de Rupi, não vai? Por favor, me leve com você! Por favor!” Disse Col e deu um passo à frente.

Col dificilmente os roubariam durante a noite, e sua personalidade era perfeita para um aprendiz.

Mas era exatamente por isso que Lawrence queria que ele fosse capaz de perseguir seus próprios objetivos.

Afinal, ele não podia garantir que suas viagens com Holo dali em diante dariam muitos frutos.

Eles estavam procurando a verdade por trás de um boato perigoso. "Você não pode ganhar nenhum dinheiro," alertou Lawrence. "E pode haver perigo. E o boato pode vir a ser uma mentira deslavada."

"Eu não me importo se é mentira! Eu poderia aceitar o fato. E eu estou bem com o perigo. Se não fosse por você, eu teria morrido neste rio!" disse Col, engolindo em seco.

Sem dúvida, ele tinha ficado com sede, percorrendo a estrada fria e seca.

Por isso, quando Col deixou cair o saco de estopa gasto, Lawrence supôs que fosse beber um gole de água.

Ele logo percebeu que não era isso.

"Eu posso devolver o dinheiro que recebi, eu acho. E —" Ele enfiou a mão na bolsa e a retirou.

Sua mão pequena segurava algo com força. "P-por favor!"

"Você não pode voltar para o barco do Sr. Ragusa agora."

Com as palavras de Lawrence, algo como um sorriso choroso apareceu no rosto de Col.

Na mão de Col havia uma moeda vermelha de cobre.

Lawrence não precisou olhar atentamente para saber — era um *eni* recém-cunhado.

O garoto estava determinado.

Col olhou diretamente para Lawrence. "…"

Lawrence soltou a mão de Holo e coçou a cabeça.

Col chegou até aqui; não havia razão para recusar.

Não importa o quão preparado ele estivesse, só de pensar nisso, Lawrence dificilmente poderia recusá-lo.

Por razões próprias, Col tinha viajado até o Sul para Aquent para estudar, foi expulso e depois vagou por aí.

E ele nunca vacilou, Lawrence sabia. Ele olhou para Holo.

"Seus testes acabaram?" os olhos dela exigiam.

"Tudo bem, tudo bem!" disse Lawrence, como se estivesse sem paciência, e o rosto de Col abriu um sorriso enorme, ele apertou o peito e caiu de alívio por ter atravessado a corda bamba.

"No entanto —" Lawrence continuou, e o garoto estremeceu. "Se você vai viajar conosco, há algo que você deve saber."

Ele sabia que estava sendo um pouco exagerado, mas, tendo chegado tão longe, Lawrence também queria que o garoto fosse junto.

Afinal, havia uma chance de Col ter assumido o serviço de vigia noturno para roubar uma moeda de cobre do barco de Ragusa.

"Er …o que… é?"

Holo olhou em volta, depois desamarrou a faixa em volta da cintura com uma mão experiente.

Lawrence se perguntou se o prazer com que ela o fazia era sua imaginação.

Holo poderia facilmente entender os pensamentos de outras pessoas.

Ela já antecipara há muito tempo qual seria a reação de Col.

Embora ele ainda não entendesse o porquê, Col viu que Holo parecia estar tirando as roupas dela e ficou rígido. Lawrence se aproximou e, pegando-o pelo ombro, ele o virou.

Swissh, swissh veio o som de seda desembrulhada. Col olhou para Lawrence, o rosto vermelho e confuso.

Um rapaz tão ingênuo, pensou Lawrence, mas quando percebeu que Holo devia pensar a mesma coisa ao olhar para o próprio Lawrence, seus pensamentos se complicaram.

"Achoo!"

O espirro era de Holo.

E quanto ao resultado da aposta — Holo era a vencedora.

Como a reação de Col pode ser descrita?

Ele gritou, com certeza.

E foi realmente um grande grito.

Mas ficou claro que não era um grito de medo.

Seu rosto estava perto de um sorriso e também de lágrimas.

Quando Holo lambeu o rosto de Col com sua grande língua, ele caiu de costas e Lawrence finalmente encontrou as palavras para descrever a reação.

Era como um garoto conhecendo seu herói. Era exatamente isso.

"*Você parece insatisfeito*."

Quando Holo mostrou sua forma de lobo pela primeira vez a Lawrence, ele erroneamente se afastou.

Então ele mal podia reclamar quando ela resmungou isso e cutucou a cabeça com o nariz.

Depois que Col recuperou a compostura, ele fez um pedido hesitante, que eles agora estavam cumprindo.

"Isso faz cócegas. Já terminou?" Holo balançou sua cauda, e atrás dela apareceu Col.

Quem pensaria que sua primeira reação ao ver a forma de Holo seria perguntar se ele poderia tocar sua cauda?

O pedido também surpreendeu Holo, e ela ficou tão desanimada que sua cauda tremeu o suficiente dificultando o contato de Col.

"Suponho que isso seja de certa forma o destino," disse Lawrence, dobrando as roupas de Holo e guardando-as.

"Ah… er, então você vai me levar com você…?" Col percebeu que, em toda a confusão por ver a verdadeira natureza de Holo, ele havia esquecido completamente seu pedido original e rapidamente voltou a si.

"Teríamos problemas se a Igreja descobrisse sobre nós. Não podemos muito bem deixar alguém que sabe a verdade partir," disse Lawrence com travessura nos olhos, dando um tapinha na cabeça de Col. "Mas roubar moedas de cobre do barco de Ragusa foi longe demais."

A quantia não era muito, mas roubo ainda era roubo.

Quando os baús chegassem a Kerube, Ragusa seria o responsável.

"Uh, as — moedas de cobre?" A reação de Col foi um pouco estranha. "Eu não roubei isso."

"Oh?" Perguntou Lawrence. Holo também parecia interessado e deitou de bruços ao lado dos outros dois, ouvindo.

"Na verdade, descobri o problema dos baús de moedas de cobre."

"O quê?" Lawrence viu-se exclamando, se inclinando, e com um pouco de frustração. "…E o que aconteceu?"

"Er, sim, bem, planejei roubar alguns no começo. Depois que eu entendi o motivo dos montantes não terem aumentado, parecia que seria fácil."

Lawrence lembrou-se de Col na noite anterior, alinhando moedas sob o luar.

Ele já tinha entendido tudo naquele ponto?

"Foi por isso que me ofereci para a vigília noturna. Pensei que, mesmo que eu dissesse que queria ir com você, você poderia recusar… mas o Sr. Ragusa tinha sido muito bom comigo e eu não podia simplesmente roubá-lo, então… contei tudo a ele. Que eu queria ir

com você e Holo e também que eu queria trocar as informações sobre as moedas de cobre pela tarifa do meu barco."

O rosto conflituoso de Ragusa veio à mente de Lawrence. "Então, onde você conseguiu essas moedas?"

"Eu os peguei do Sr. Ragusa. Mas não do baú — ele me deu da sua própria bolsa de moedas. Para boa sorte, foi o que ele disse. E também —"

"E também para que, quando nos alcançasse, pudesse fingir que os havia roubado e não pudesse voltar," disse Holo, e Col sorriu se desculpando.

"Está certo."

Ragusa realmente tinha gostado do garoto.

E, no entanto, ele o ajudou, apesar de seus sentimentos.

Lawrence quase queria dizer a Col para desistir do caminho da escola e se tornar o aprendiz de Ragusa.

"Então, é isso. Devemos partir? As pessoas estão vindo," disse Holo, levantando sua cabeça e olhando ao longe.

Seria incômodo se eles fossem vistos pelos viajantes.

Lawrence e Col se levantaram apressadamente e retomaram os preparativos para partir, mas quando Col subia nas costas de Holo (por insistência dela), Lawrence disse: "Tenho uma coisa a lhe perguntar."

Col parou e olhou para Lawrence; Holo também o olhou com seus olhos âmbar. "O que foi?" O garoto perguntou.

O rosto de Lawrence estava extremamente sério enquanto ele falava. "Antes de você e eu caminharmos juntos ontem, essa loba sussurrou algo para você, não foi? O que ela disse?"

Ele já havia escapado uma vez antes, mas Lawrence agora perguntou novamente.

Col parecia que se dissesse alguma coisa, não haveria mais conversas sobre viagens. “Er…”

Ele olhou para Holo, incerto, como se ela tivesse dito para ele não dizer nada.

“Se você falar, não há como dizer o que estas presas farão,” disse Holo, descobrindo as tais presas, mas sua voz mostrava que ela estava sorrindo.

Os olhos arregalados e inteligentes de Col se moveram e Lawrence percebeu que estava tentando adivinhar a verdade da ameaça de Holo.

Ele logo pareceu chegar à resposta.

Ele sorriu, assentiu. “Eu sinto muito. Não sei dizer” ele respondeu, totalmente do lado de Holo.

“*Heh-heh-heh. Venha. Apresse-se e suba*.”

Col curvou-se para Lawrence com um sorriso de desculpas e depois subiu nas costas de Holo.

Lawrence só pôde coçar a cabeça com um suspiro resignado.

“*Qual é o problema?*” O rosto severo de loba ainda era capaz de expressar sutis emoções. Ela tinha um sorriso malicioso enquanto falou através de suas presas afiadas.

“Nada.” Lawrence encolheu os ombros e seguiu em frente.

Ele esperava mais ou menos que as coisas seriam assim quando Col se juntasse a eles.

Mas se lhe perguntassem se aquilo era ruim, ele só poderia dar de ombros.

“Oh, mais uma coisa,” disse Lawrence, subindo em Holo, atrás do nervoso Col. “Qual foi a razão pela qual a soma dos baús não batia?”

“Oh isso —”

Quando Col estava prestes a responder, Holo silenciosamente se pôs de pé. "*Isso é algo que você deve descobrir por si mesmo*", ela falou brevemente.

"O que, você também já entendeu?" Lawrence perguntou sem acreditar, para o que Holo ergueu o queixo ligeiramente e mexeu suas orelhas.

"E por que não? Mas uma coisa é certa," ela disse, começando a andar lentamente, mas gradualmente acelerando, enquanto ela se acostumava com as sensações nesta forma.

Logo ela estava se movendo rápido o suficiente para que o vento estivesse congelante, a menos que seus passageiros se agachassem.

"Você vai sentir mais prazer com o quebra-cabeça do que falando comigo, não é verdade?" Veio seu sarcasmo ressentido.

Em seguida, ela aumentou sua velocidade dramaticamente — o que certamente foi feito de propósito.

Lawrence resmungou enquanto apertava seu pelo e se abaixava.

Col estava sentado na frente dele, então quando eles se agacharam, o garoto estava meio que embaixo dele.

O que significava que, quando Col ria, Lawrence percebia.

O cenário começou a embaçar. O vento era como gelo.

Mas ali, no vento frio, Lawrence sorriu fracamente. Seu coração estava quente.

Uma jornada de três companheiros improváveis.

Lawrence conhecia uma única palavra para descrever a situação. No entanto, ele não deixou isso passar por seus lábios.

Ele não faria isso.

Mas quando chegasse a hora de escrever suas viagens com Holo, talvez ele o escrevesse levemente lá nas margens do volume de páginas.

Algo como:

E assim, a jornada do trio começou.

Sim, sim, de fato.

Parecia muito com um ensaio.

Mas não.

Ele não escreveria.

Não no livro de fato.

Com cuidado, para que Holo não percebesse, Lawrence sorriu.

A jornada havia começado, cheia de esperança — a jornada para encerrar a jornada.

POSFÁCIO

Já faz um tempo. Sou Isuna Hasekura, e este é o sexto volume de *Spice e Wolf*.

O tempo voa! Apenas um mês depois de escrever este posfácio será a terceira cerimônia de premiação do Dengeki Novel em que participarei pessoalmente.

Claro, isso significa que os prazos também são curtos. Certamente não é minha culpa — é culpa do fluxo de tempo. Tempo estúpido!

Aliás, recentemente tive a seguinte conversa com um colega autor.

"Hasekura, como estão suas ações?"

"Oh, muito bem. Às vezes eu ganho [VALOR CENSURADO] ienes por dia."

"Tudo isso?"

"Sim. Quando eu faço [QUANTIA CENSURADA] em um dia, porém, ele meio que me faz não querer trabalhar."

"Sério? Então, quando você sofre perda, você sente que precisa trabalhar mais, certo?"

"Na verdade não. Quando perco dinheiro, me sinto péssimo, e o trabalho é a última coisa em que penso."

"Entendo. Então você trabalha quando o mercado está fechado?"

O mercado de ações fecha nos finais de semana e feriados.

Eu respondi "Você está louco? Trabalhar em um fim de semana?"

Foi assim que consegui desenrolar o sexto volume de *Spice e Wolf*. Acho que esse volume tinha menos elementos econômicos, então meu plano é colocá-los no próximo. A adaptação do mangá está começando, e eu acho que, mesmo quando esse posfácio, juntamente com o restante do volume seis, chegar às livrarias, a transmissão do anime estará logo ali. Vou tentar trabalhar muito para não perder tudo isso!

Além disso, na realidade, estou trabalhando cerca de seis dias por semana.

Vamos nos encontrar novamente no próximo volume.

— Isuna Hasekura

EXTRAS

「電撃文庫おっちぎり！2007フェア」ポスターイラスト／2007年12月

Os Autores

http://hasekuraisuna.jp/

Isuna Hasekura
História

Billionaire
Girl

Magdala de
Nemure

Shoujo wa
Shoka no
Umi de
Nemuru

World End
Economica

Nascido em 27 de dezembro de 1982, Isuna Hasekura é um estudante de física e gasta seus dias lamentando a cruel natureza do mundo desde que estudar harmônicas de superfície esférica falhou em dar a ele o resultado correto da restituição do imposto de renda. Entretanto, devido a situações atenuantes, ele é incapaz de prover uma explicação satisfatória sobre harmônicas de superfície esférica.

Juu Ayakura
Arte

Gelatin

Risou no
Himo
Seikatsu

Uchi no Maid
wa Futeikei

Witch Hunt
Curtain Call

Nascido em 1981. Local: Kyoto. Tipo sanguíneo: AB. Atualmente vivendo uma vida livre e espartana em Tokyo, ele tem sido até então incapaz de por seus planos de peregrinação aos templos em ação.